

PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO 2021



Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
REDE DE ESTUDOS TRABALHO E IDENTIDADE DOS JORNALISTAS (RETIJ/SBPJOR)

Perfil do Jornalista Brasileiro 2021

Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)

Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro)

Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos 422609/2021-8 e 316093/2021-1.

Coordenação

Prof. Dr. Jacques Mick – PPGSP e PPGJOR (UFSC)

Profa. Dra. Janara Nicoletti – objETHOS/PPGJOR (UFSC)

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima – PPGJOR (UFSC - Coord. Geral)

Comitê de Pesquisa RETIJ/SBPJor:

Edgard Patrício (PráxisJor/UFC Nordeste), Guto Moliani (CPCT/ECA-USP Sul), Marluce Zacariotti (UFT Norte), Fabio Pereira (FAC/UnB Centro-Oeste), Rafael Paes Henriques (UFES Sudeste) e Janaina Visibeli (CPCT/ECA-USP Sudeste).

Equipe de Pesquisa: Abinoan Santiago (PPGSP/UFSC), Carlos Marciano (objETHOS/UFSC), Clarissa Peixoto (objETHOS/UFSC), João Paulo Mallmann (PPGJOR/UFSC), Kalianny Bezerra (PPGJOR/UFSC), Kevin Willian Kossar Furtado (PPGSP/UFSC), Mariane Nava (PPGJOR/UFSC), Vinícius Bressan (PPGJOR/UFSC).

Bolsista de Apoio Técnico: Luisa Meurer Tavares (CNPq/UFSC).

Edição e produção gráfica

Quorum Comunicação

Capa

Rosana Pozzobon

Perfil do Jornalista Brasileiro 2021

Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho

Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral)

Jacques Mick

Janara Nicoletti

Janaina Visibeli Barros

Rafael Paes Henriques

João Augusto Moliani

Edgard Patrício

Fábio Henrique Pereira

Marluce Zacariotti



P438 Perfil do jornalista brasileiro 2021 : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho / Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral) ; Jacques Mick ... [et al.]. – 1. ed. – Florianópolis : Quorum Comunicações, 2022.
220 p. : il., grafs., tabs.

Inclui referências

ISBN: 978-85-63190-23-9

1. Jornalismo – Brasil – Pesquisa. 2. Jornalistas – Brasil – Aspectos Sociodemográficos. 3. Jornalistas – Brasil – Aspectos políticos. 4. Mercado de trabalho. 5. Identidade profissional. I. Lima, Samuel Pantoja. II. Mick, Jacques.

CDU: 07.01-057

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
Apresentação	7
1. Introdução e metodologia.....	9
1.1. Metodologia e limites da pesquisa.....	14
1.2. Precarização do trabalho no mercado jornalístico	18
1.3. Indicadores de saúde dos jornalistas brasileiros	23
2. Características sociodemográficas dos jornalistas	25
3. O trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência	53
3.1. O trabalho dos jornalistas na mídia.....	53
3.2. O trabalho dos jornalistas fora da mídia	66
3.3. O trabalho dos jornalistas em docência	76
4. Características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança	83
4.1. Indicadores de saúde laboral e segurança.....	95
5. Satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião	105
5.1. Crença e religião	122
6. Características políticas dos jornalistas	129
7. Qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos	145
7.1. Código de Ética e valores.....	179
7.2. Comentários e avaliações da pesquisa	189
8. Considerações finais	207
Referências	211



Apresentação

O surgimento das plataformas digitais transformou o cenário da comunicação humana em escala global. A revolução tecnológica, iniciada nos anos 1970 com a automatização das redações, impactou profundamente o Jornalismo como forma social de conhecimento e profissão. Observando este cenário, Mark Deuze e Tamara Witschge (2016) sugerem que se acrescente à questão clássica “o que é o jornalismo?” uma segunda e relevante questão: “no que ele está se tornando?” Os pesquisadores destacam quatro tendências contemporâneas que evidenciam essa metamorfose no jornalismo: a) uma reorganização dos ambientes de trabalho; b) a fragmentação das redações; c) a emergência de uma sociedade “redacional”; e d) a ubiquidade das tecnologias midiáticas. Cada uma dessas tendências influenciou no redesenho do Jornalismo, especialmente do mercado de trabalho, ainda que de forma diferenciada nos distintos países e regiões. Estudos apontam para uma crescente precarização da profissão, sob o peso das novas tecnologias da informação, de novos hábitos do consumo de informações (jornalística e em geral) e do cenário de escassez de recursos para financiar a indústria da informação – ainda centrada no modelo empresa e no financiamento da atividade profissional com a venda de anúncios publicitários e assinaturas. Novos modelos de negócios jornalísticos, ainda experimentais e pouco frequentes, buscam garantir autonomia de trabalho, qualidade jornalística e sustentabilidade econômica.

Para tentar compreender quem são os jornalistas brasileiros e como são suas condições de trabalho nesse contexto desafiador do início da segunda década do século 21, uma equipe de 17 pesquisadores voluntários de todo o país realizou o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. A pesquisa é uma construção coletiva liderada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC). A investigação foi articulada nacionalmente pela Rede de Pesquisadores do Trabalho e Identidade no Jornalismo (RETIJ), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Como resultado desse trabalho colaborativo, mais de 7.029 jornalistas responderam ao online survey entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021. Além dos profissionais atuantes no Brasil, 56 respondentes trabalhavam no exterior.



Os dados deste relatório configuram uma realidade muito mais complexa e precária daquela verificada na primeira edição deste estudo, concluída no final de 2012. Naquele ano, uma equipe de jovens pesquisadores do então Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho (TMT), do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP/UFSC), liderados pelos professores Jacques Mick (Coord.), Alexandre Bergamo e Samuel Pantoja Lima, realizou o primeiro “Perfil do jornalista brasileiro” (MICK; LIMA, 2013), que tornou-se a principal referência sobre as características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico no país.

Quase 10 anos depois, os dados apresentados neste relatório indicam a necessidade de se debruçar em estratégias de proteção do emprego, da saúde e do bem-estar dos jornalistas brasileiros. Além disso, a pesquisa indica perfis profissionais que surgiram com as novas tecnologias e diferenciados tipos de arranjos jornalísticos. Com isso, surgem novas frentes de estudo e possibilidades de ação para buscar um campo profissional mais equânime, seguro e plural.

A pesquisa não teria sido possível sem o apoio institucional e político das entidades nacionais que atuam no campo jornalístico. Gratidão imensa às diretorias da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ), Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), Associação Profissão Jornalista (APJor), Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e sindicatos filiados, e Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR). Sem o empenho dessas lideranças teria sido impossível alcançar tão expressiva participação, num cenário de pandemia e desmobilização dos e das jornalistas.

Nesse momento em que entregamos à sociedade o relatório final da segunda edição do Perfil do Jornalista Brasileiro, queremos expressar nossa profunda gratidão a cada pessoa envolvida no estudo: muito obrigado por seu esforço e dedicação. Além disso, agradecemos a cada profissional que respondeu a pesquisa. Sem você, esse trabalho não teria sentido.

Jacques Mick

Janara Nicoletti

Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral)

1. Introdução e metodologia

Quando lançamos “Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012” (MICK; LIMA, 2013), os dados resultantes da pesquisa contribuíram para preencher lacunas no campo de conhecimento do jornalismo no país. Até aquele momento, estimar o tamanho da categoria profissional e evidenciar as características gerais dos jornalistas brasileiros eram quase exercícios de adivinhação. De lá para cá, na ausência de conselho, ordem ou outro órgão de autorregulação e monitoramento da atividade profissional, dificuldades para acompanhar as mutações na categoria persistem. O cenário do jornalismo – como profissão e forma social de conhecimento – ficou sensivelmente mais complexo, tanto nas empresas da mídia hegemônica (*mainstream*) como nas nascentes organizações e novos arranjos independentes (sobretudo *online*), seja pelo fenômeno da precarização do trabalho, pelo advento das organizações do chamado jornalismo independente ou pela consolidação dos espaços de trabalho fora da mídia. Como escreveram os pesquisadores canadenses que investigaram a natureza e transformação do jornalismo, a partir do começo dos anos 2000,

o paradigma jornalístico evolui mais ou menos lentamente, mas mantém uma certa coerência interna que o torna reconhecível para aqueles cuja prática discursiva ele governa ou para aqueles que estudam sua produção. Entretanto, certos elementos de uma configuração relativamente estável podem, em certas épocas, sofrer mutações que acarretam, por sua vez, a adaptação generalizada dos outros elementos e, com o tempo, a metamorfose de toda a configuração (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 103).



Se em 2012, quando a primeira pesquisa de perfil da categoria foi realizada, o jornalismo era uma atividade em expansão, nove anos depois abundam os sinais de um mercado em retração e reconfiguração. Quase uma década atrás, observamos que:

Poucas profissões sofreram tantas metamorfoses, nos últimos vinte anos, quanto a dos jornalistas brasileiros. Transformações estruturais do capitalismo combinaram-se à política de expansão do ensino superior, à redemocratização do país e a mudanças na regulamentação profissional e produziram um ambiente em que se reconfiguraram por inteiro as possibilidades de atuação dos jornalistas. Como resultados, as dimensões da categoria se expandiram exponencialmente, diversificaram-se as áreas de atuação desses profissionais e alteraram-se competências e habilidades deles demandadas (MICK; LIMA, 2013, p. 15).

Atualmente, faz mais sentido falar em estabilidade ou declínio do tamanho do mercado, embora sua característica mutante permaneça. O desafio de estimar o número de profissionais em atuação no país permanece idêntico, dada a ausência de conselho, ordem ou outra organização que centralize documentação e monitoramento da atuação de jornalistas. No estudo atual, tomamos por base o mesmo tipo de dado usado na pesquisa de 2012, o quantitativo geral de registros profissionais concedidos pelo Estado, através do antigo ministério do Emprego e Trabalho (MTE) – hoje diluído no superministério da Economia. Um dos passos iniciais da pesquisa foi apurar os dados de registro relativos aos últimos 20 anos, para observar alguma flutuação no número anual. Os dados foram obtidos na antiga Superintendência Regional do Trabalho em Santa Catarina, em contato com a Coordenação de Identificação e Registro Profissional (CIRP/CGCIPE). O CIRP repassou os dados de registros de jornalistas (em suas diferentes funções), concedidos a partir de 1969 e até 2019, ou seja, durante 50 anos. Em síntese, considerando os dados de registros a partir de 2000¹:

a) foram concedidos 142.424 registros em duas décadas;

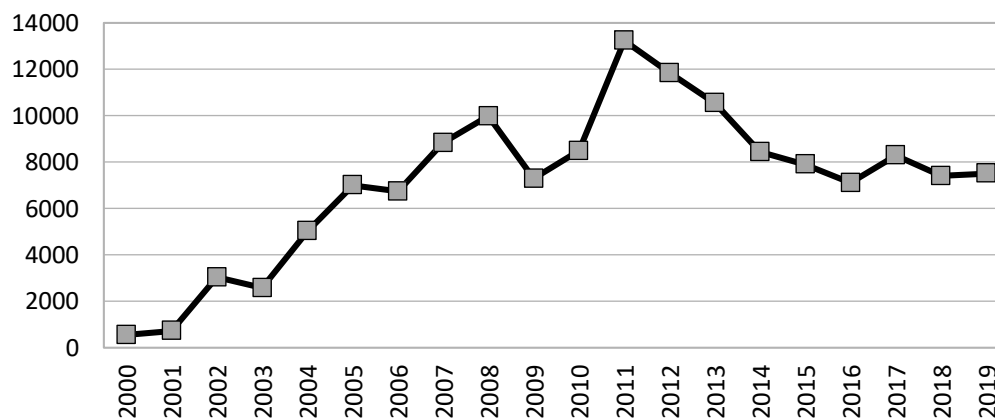
¹ Os dados completos estão disponíveis no Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC).

b) verifica-se uma ascensão contínua no número de registros até 2011, quando chegou-se ao pico de 13.230 num só ano;

c) desde então, a tendência foi de queda até 2014, estabilizando-se no patamar médio de 7.500 registros por ano.

Em 2000, registravam-se apenas 500 jornalistas por ano; em cinco anos, chegou-se a 5.000; uma década depois, a 10.000. Portanto, verifica-se uma forte expansão no número de profissionais, em pouco tempo (**Gráfico 1**), seguida de declínio e estabilização.

Gráfico 1 – Registros Profissionais de Jornalista
no Ministério do Trabalho (2000/2019)



Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Registros	550	719	3035	2573	5025	7000	6731	8822	9976	7290
Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Registros	8481	13230	11836	10536	8433	7901	7100	8283	7397	7506

Fonte: Coordenação de Identificação e Registro Profissional (CIRP/CGCIPE)



Os números pequenos no início da série podem ser atribuídos ao ritmo da digitalização dos registros e estatísticas do Ministério, implantada no início do século (seria preciso conferir se todos os registros efetuados em papel pelas superintendências regionais de fato foram convertidos posteriormente em anotação digital). Ainda que haja distorções, o desenho é relevante, porque se constitui numa das poucas bases de dados de referência para estimar o universo da categoria² – condição inicial para se poder pensar a estratégia de pesquisa e definir um plano amostral para pesquisa representativa. Contudo, uma parcela de jornalistas atua sem registro (25% na pesquisa de 2012) e a listagem dos registrados não é atualizada com a baixa daqueles que desistiram da profissão, se aposentaram ou faleceram³. Optamos por tomar como base da dimensão geral da categoria o número oficial de Registros Profissionais (ver **Gráfico 1**), 142 mil jornalistas. Também adotamos a distribuição percentual de registros por unidade da federação como parâmetro para a elaboração do plano amostral.

Outra fonte preliminar de informação para esta pesquisa é o número de cursos de jornalismo ou de comunicação social com habilitação em jornalismo em instituições de ensino superior no Brasil. Em dezembro de 2010, havia 317 cursos para a formação de jornalistas, total que subiu para 327 em dezembro de 2020 (**Quadro 1**). Houve incremento no número de cursos, a despeito do fechamento de instituições pelo excesso de oferta, pelo encolhimento do mercado tradicional de jornalismo ou ainda pelo movimento de capitais privados no setor de ensino (conglomerado, fusões, aquisições, entre outros fatores). A variação do número de escolas de jornalismo é relevante porque, no seu conjunto, tais cursos

² Os dados sobre registro profissional de jornalistas durante meio século são, em si, um objeto significativo para esta etapa da pesquisa.

³ A existência de uma listagem de registrados nos permitiria conduzir dois tipos de *survey* em paralelo: um com amostra representativa (dos registrados), outro com uma amostra aleatória produzida *a posteriori*, sobre a base de dados obtidos em *online survey*, a partir da distribuição provável dos profissionais (técnica utilizada em MICK; LIMA, 2013). Poderíamos, desse modo, comparar os resultados obtidos com duas técnicas diferentes de pesquisa (para saber se são complementares ou redundantes). Este seria o procedimento metodológico ideal, porém irrealizável nas condições e cenário atuais, de falta de recursos à pesquisa científica no país. Além disso, em função de restrições fixadas pela Lei de Acesso à Informação, não é possível chegar aos dados individuais de registro profissional: o Ministério fornece apenas os números por ano, tipo de registro e estado da federação.

continuam a formar a cada ano alguns milhares de jovens jornalistas, impactando o mercado em fenômeno fora do alcance da capacidade de observação dos sindicatos da categoria e do Estado brasileiro⁴.

Quadro 1 – Cursos de jornalismo com turmas abertas
em 2020 no Brasil, por década de início do curso

	Antes de 1970	Até 1980	Até 1990	Até 2000	Até 2010	Até 2020
Total de Cursos	18	51	61	137	317	327

Fontes: eMec / Guia do Estudante Abril / Coordenações ou secretarias dos cursos / Páginas de internet das instituições de ensino superior / INEP. Elaboração: Pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro (2021)”

A síntese dos dados obtidos na pesquisa realizada no final de 2012 nos permitia afirmar que os jornalistas brasileiros eram então majoritariamente mulheres (64%), brancas (72%), solteiras, com até 30 anos (59%). Em termos de formação, nove em cada dez eram diplomados em Jornalismo (89%), majoritariamente em instituições de ensino privadas, e quatro em cada dez já tinham cursos de pós-graduação; do total, 98% dos profissionais que atuavam nos segmentos de mídia, fora da mídia e docência tinham formação superior. Do ponto de vista político, apenas 25% dos profissionais eram sindicalizados; quase metade dos jornalistas (49%) se considerava de esquerda, mas cerca de um terço (30%) refutavam qualquer classificação ideológica e nove em cada dez jornalistas não eram filiados a partidos políticos (MICK; LIMA, 2013).

Diante desse contexto, o objetivo geral desta segunda etapa do Perfil do Jornalista Brasileiro é investigar e mensurar quantos e quem são os jornalistas brasileiros, no começo desta terceira década do século 21. Os objetivos específicos são:

a) Estimar a divisão da categoria por gênero, cor-raça, escolaridade, salários, função

⁴ Não há dados públicos sobre a redução do mercado de trabalho dos jornalistas, nem sobre a variação na oferta de força de trabalho (profissionais com formação superior) para um mercado aparentemente em franca redução.



e outros estratos sociodemográficos observáveis;

b) Analisar as correlações entre os indicadores políticos (autoidentificação ideológica, taxa de sindicalização) e vetores como formação superior e registro profissional;

c) Aprofundar a interpretação sobre os principais indicadores de precarização do trabalho jornalístico (jornada excessiva, baixos salários, intensidade e vínculo trabalhista);

d) Examinar o impacto da precarização da profissão sobre os indicadores de saúde dos trabalhadores;

e) Observar a distribuição geográfica da categoria profissional e os condicionantes regionais para atuação de jornalistas; e

f) Refletir sobre os efeitos da “crise do jornalismo” na configuração profissional da categoria.

O presente relatório de pesquisa atualiza os dados da rodada anterior do estudo, que foram bastante utilizados por pesquisadores e pesquisadoras do campo de conhecimento do Jornalismo nestes últimos anos⁵. Além disso, acrescenta dados sobre dois temas de enorme importância para a categoria profissional: as dimensões da precarização do trabalho relacionadas aos efeitos das transformações estruturais do jornalismo – ora em curso em escala global, com as devidas distinções históricas e culturais – e as condições de saúde da categoria.

1.1. Metodologia e limites da pesquisa

A pesquisa de perfil dos jornalistas brasileiros é uma enquete em rede (*online survey*), de participação espontânea, feita pela internet e realizada entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021. Basicamente, repetiu-se a experiência realizada no estudo de Mick e Lima (2013), detalhadamente descrito por Mick (2012). O questionário para traçar o perfil da categoria foi concebido colaborativamente pela equipe de pesquisa, formada por investigadores de cinco universidades diferentes, uma em cada região do país. As perguntas foram agrupadas em blocos temáticos, a saber: a) características demográficas; b) características

⁵ O livro com os resultados teve ao menos 137 citações até o início de 2020, de acordo com o Google Scholar.

políticas; c) características gerais do trabalho; d) características específicas do trabalho dos jornalistas em cada um dos três segmentos principais da categoria: os trabalhadores em mídia, os trabalhadores fora da mídia e os docentes; e) indicadores de saúde laboral; e f) indicadores de precarização do trabalho. Foi feito um pré-teste do questionário, com 40 jornalistas e pesquisadores/as das diversas instituições e veículos de informação, para checar eventuais incongruências, especialmente nas questões novas (indicadores de saúde e precarização da profissão).⁶

Resgatando as experiências de pesquisas de perfil, realizadas no âmbito do Lastro/UFSC, utilizamos o software *SurveyMonkey* para realizar o trabalho de coleta de dados (campo), a partir dos seguintes procedimentos:

- a) Enquete em rede (*online survey*) para obtenção do maior volume possível de respostas de jornalistas em todas as unidades da federação, de participação espontânea;
- b) Estímulo à participação dos profissionais por meio de e-mails, redes sociais, notícias em canais especializados, página da pesquisa na internet (perfildojornalista.ufsc.br);
- c) Coleta de dados online, com coletores próprios para cada rede social e na página da pesquisa;
- d) Saneamento da base de dados;
- e) Retenção das respostas necessárias à composição de plano amostral (a partir da distribuição provável dos jornalistas no território nacional).

O estudo, realizado pela Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETII/SBPJor), envolveu pesquisadores voluntários de todas as regiões brasileiras e recebeu o apoio das principais organizações nacionais da categoria: Fenaj, Abraji, ABI, APJor, SBPJor e Abej. Isso assegurou inédita visibilidade ao estudo e viabilizou a coleta de 7.029 respostas. A etapa de saneamento eliminou respostas muito incompletas, incoerentes ou de má-fé, resultando em 6.650 respostas válidas, sendo 6.594 no país e 56 de jornalistas que atuam no exterior.

A definição do plano amostral levou em conta o universo de 142.424 jornalistas com

⁶ As respostas do pré-teste foram descartadas.



registro profissional, número resultante da pesquisa exploratória feita a partir dos dados fornecidos pela Coordenação de Identificação e Registro Profissional (CIRP/CGCIPE), órgão hoje vinculado ao Ministério da Economia. O plano amostral foi ajustado considerando a distribuição provável de jornalistas em cada unidade da Federação. Para tanto, foi adotado como parâmetro o total de registros profissionais de jornalistas emitidos pelo CIRP entre 2000 e 2019.

Tabela 1 - Respostas válidas por UF e plano amostral da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2021)

UF	Respostas	Amostra	% de Registros
AC	75	11	0,35
AL	63	23	0,74
AM	136	27	0,87
AP	88	5	0,15
BA	388	93	3,00
CE	398	65	2,10
DF	344	164	5,28
ES	211	74	2,22
GO	135	56	1,81
MA	84	31	1,00
MG	614	360	11,30
MS	108	52	1,69
MT	96	30	0,98

PA	126	32	1,04
PB	85	37	1,20
PE	177	73	2,37
PI	71	23	0,75
PR	386	136	4,38
RJ	464	343	10,73
RN	145	31	0,99
RO	87	20	0,65
RR	58	9	0,29
RS	353	125	4,02
SC	465	100	3,24
SE	68	30	0,96
SP	1132	1.132	37,21
TO	237	18	0,57
Total geral	6.594	3.100	100,0

Nove estados colheram mais de 300 respostas (SP, MG, SC, RJ, CE, BA, PR, RS e DF) e o volume de resultados em todas as UF permitirá estudos consistentes por região. A base de dados tem material suficiente para um estudo nacional, cinco estudos regionais e nove estudos estaduais.

Permanecem válidas as ressalvas metodológicas apontadas por Mick (2012):



Apesar de todos os cuidados adotados no desenvolvimento desta pesquisa, é preciso reconhecer que há riscos de enviesamento dos resultados em função de ao menos dois aspectos:

a) é impossível saber ao certo se a disposição de participar espontaneamente em levantamentos como este é homogênea em toda a categoria; se não for, a representação exagerada de algum dos estratos da categoria pode afetar algo dos resultados;

b) os indicadores relativos à distribuição regional da categoria são aproximações. Não se sabe se as taxas de aposentadoria, morte ou abandono da profissão entre os jornalistas registrados variam de região para região. Também não são conhecidos estudos de mobilidade territorial dos jornalistas. Supõe-se aqui que são homogêneas as taxas de abandono da categoria e que não há efeitos de mobilidade territorial sobre a distribuição regional dos jornalistas, a qual, portanto, permanece idêntica à distribuição dos registros ao longo do tempo.

1.2. Precarização do trabalho no mercado jornalístico

Na última década, só se intensificou a crise por que passa a indústria da informação jornalística – no Brasil e no Ocidente. Entre 2006 e 2017, o faturamento dos jornais norte-americanos com publicidade caiu de US\$ 49 bilhões para US\$ 16 bilhões. Com a criação das gigantes digitais (Google, YouTube, Facebook, Apple, Twitter etc.), mais de dois mil diários foram fechados nos Estados Unidos, nos últimos 15 anos, e “o número de empregados em redações de jornais caiu de 74 mil em 2006 para 39 mil em 2017” (ALVES, 2019). A dimensão da crise da indústria jornalística estadunidense – principal mercado do mundo –, coloca em questão a ideia de que a solução para as dificuldades se resumiria a encontrar uma fórmula para resolver o modelo de negócios, centrado na captação de publicidade, complementado com assinaturas e vendas avulsas. Na segunda década dos anos 2000, a resposta que a indústria *mainstream* buscou dar à crise foi um misto de iniquidade com incompetência: o foco foi na redução do número de profissionais atuando no mercado e, para suprir a carência cada vez mais acentuada de força de trabalho qualificada (e em número compatível) nas

redações, os empresários acenaram com a bandeira da multifunção – sem multissalário, evidentemente:

No jornalismo, como em outros universos, a crise é complexa, multifacetada e dinâmica. Nas últimas décadas, ela tem se materializado na queda das tiragens dos jornais, extinção de revistas, diminuição das audiências na televisão, demissão de profissionais e o consequente enxugamento das redações. Observamos também o desaparecimento de veículos e a falência de empresas, o abandono de algumas práticas e o desvio de funções antes consideradas constitutivas do gesto de informar. Mas a crise do jornalismo não se restringe à míngua de dinheiro (CHRISTO-FOLETTI, 2019, p. 16-17).

As transformações estruturais no jornalismo, processo em curso, transcendem as dificuldades econômico-financeiras da atividade (CAGÉ, 2016). A “crise” ou (in)sustentabilidade do jornalismo atual é o aspecto mais visível de uma cadeia de relações sociais afetadas por fenômenos tecnológicos, estéticos, econômicos e políticos. É o conjunto dessas relações entre o jornalismo e seus públicos que está em questão, e poucos estudos sobre o tema se dispõem a enfrentá-lo de maneira multidimensional, considerando os variados aspectos das conexões entre quem trabalha no ofício – jornalistas, proprietários, outros profissionais de comunicação – e quem dele faz uso – audiências, fontes, investidores, stakeholders, anunciantes (MICK; TAVARES, 2018).

Em estudo coordenado por Figaro (2018), os pesquisadores investigaram as condições de trabalho dos jornalistas em novos arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia, notadamente na plataforma online (organizações nativas digitais). A presença do chamado “jornalismo independente”, na internet, configura um elemento novo e diverso em relação ao cenário do final de 2012, quando foi realizado o estudo de Mick e Lima (2013):

As condições de trabalho nos novos arranjos fazem emergir a discussão sobre que tipo de jornalismo se produz, os valores do jornalismo são outros ou se reafirmam os valores deontológicos da profissão? O jornalismo que se produz é independente e/ou alternativo aos conglomerados de mídia? Esses embates tendem a reafirmar os valores do jornalismo como discurso social e de interesse público para



uns: independente dos interesses econômicos e políticos; para outros: alternativos aos discursos hegemônicos do poder e dos conglomerados de meios (FIGARO, 2018, p. 127).

O cenário brasileiro da “crise do jornalismo” impacta os dados coletados e analisados no estudo que ora apresentamos, tanto em dimensões já mencionadas (como a redução no número de empregos, a intensificação da exploração do trabalho via multifuncionalidade e a deterioração das condições de saúde), quanto em aspectos ainda pouco explorados na bibliografia, como os deslocamentos de jornalistas de organizações *mainstream*, comerciais, para veículos independentes, suscitando colaborações às vezes voluntárias – ou seja, gerando outras formas de sustentabilidade para o jornalismo de informação.

Nos últimos 20 anos, as rotinas profissionais se diversificaram e intensificaram. Ao mesmo tempo, o número de trabalhadores da mídia diminuiu significativamente e o mercado laboral passou a apresentar sinais de intensa precarização (HELOANI, 2003; BURKHARDT, 2006; SILVA, 2011; ESSENFELDER, 2012; GROHMANN, 2012; MICK; LIMA, 2013; MICK; 2013; FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013; REIMBERG, 2012; CARRO, 2016; ADGHIRNI, 2017; LELO, 2019). De acordo com o Volt Data Lab⁷, entre 2012 e agosto de 2018, pelo menos 2.327 jornalistas brasileiros foram demitidos de empresas de mídia. Ao olhar apenas para o mercado formal, observa-se um cenário ainda mais reduzido. Entre 2013 e 2016, foram perdidos 6.749 postos de trabalho da família Profissionais do Jornalismo, segundo a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), retração de 14,06% dos empregados formais nos cargos de jornalista, editor, repórter (exclusive rádio e televisão), assessor de imprensa, diretor de redação, produtor de texto, revisor de texto, arquivista-pesquisador (NICOLETTI, 2019). Não estão incluídos nesta família os repórteres de televisão, rádio e outros trabalhadores registrados em outros agrupamentos profissionais. Também não são considerados os empregos informais no setor, nem os contratos com pessoa jurídica (PJ). Apesar dessas lacunas, os dados sugerem uma profunda desestruturação do emprego formal dos jornalistas brasileiros.

⁷Disponível em: <http://passaralhos.voltdata.info/>.

O enxugamento de redações jornalísticas decorrente das reestruturações frente à informatização e digitalização das empresas de mídia já era registrado entre os anos 1970 e 1980; porém, ao longo do tempo, essas inovações deixaram de representar melhorias para a dinâmica de trabalho (MÜLLER, 2012). Em um *survey* com 355 jornalistas, Herscovitz e Cardoso (1998) observaram acúmulo de funções entre os respondentes: a maioria fazia reportagens e praticamente todos atuavam com edição. Este tipo de achado é recorrente em estudos mais recentes. Herscovitz realizou pesquisa similar com 509 jornalistas brasileiros, publicada 14 anos depois. Entre os objetivos estava verificar a adaptação à internet. “Profissionais de muitas organizações de notícias lamentam terem que compartilhar estações de computadores com colegas e reclamam sobre softwares desatualizados. [...] e a maioria sente que eles produzem mais informação com menos qualidade” (HERSCOVITZ, 2012, p. 379, tradução nossa). Figaro, Nonato e Grohmann pontuaram a diminuição no número de profissionais nas redações jornalísticas e a migração para as áreas fora da mídia, como assessoria de imprensa e comunicação institucional. Os autores também observaram um fenômeno relacionado à precarização laboral, a juvenilização das redações: “Afastam-se os quadros mais velhos e incentiva-se a entrada de jovens recém-saídos da universidade, pois eles têm maior habilidade com a informática” (FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013, p. 32).

O Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012 constatou forte presença de jornalistas em funções fora da mídia, como assessoria de imprensa, marketing e comunicação corporativa. No conjunto da categoria, os dados evidenciaram a multifuncionalidade como uma característica dos jornalistas brasileiros: 76% dos entrevistados trabalhavam com internet, mas apenas 38,6% tinham como atividade-fim veículos online (MICK; LIMA, 2013 para todos os dados deste parágrafo). A categoria era também formada por vínculos de trabalho formais e informais dentro e fora da mídia, muitas vezes trabalhando em dois ou mais empregos ao mesmo tempo. Segundo o estudo, 54,5% dos entrevistados trabalhavam na mídia e, do total deste grupo, 26,8% atuavam com vínculos considerados precarizados em sua natureza: freelancers (11,9%), prestadores de serviço (8,1%) e pessoas jurídicas (6,8%). Em sua maioria (43,3%), eles trabalhavam entre 8 e 12 horas por dia – somando com outros 40,3% que trabalhavam de 5 a 8h diárias, chega-se a 83,4% de jornalistas laborando além da jornada legal de 5h/dia. O excesso na jornada de trabalho é, considerando a juvenilização da categoria



profissional, uma espécie de “bomba de efeito retardado” do ponto de vista da saúde dos jornalistas.

Mais recentemente, Moreira verificou “forte deterioração das condições de trabalho na profissão” (MOREIRA, 2017, p. 3, tradução nossa). Segundo *survey* com 357 jornalistas brasileiros, 76,2% acreditam que o tempo médio de trabalho aumentou. “Para quase metade dos jornalistas (49,7%), a (não) disponibilidade de recursos para coleta de notícias, bem como supervisores editoriais e editores superiores (47,6%) também foram aspectos limitantes em seus trabalhos” (ibidem). Em estudo exploratório com 117 profissionais da mídia, Nicoletti (2019) observou que 51% dos participantes já haviam adoecido devido ao trabalho e 36,8% deles recebiam até três salários mínimos. Além disso, 59% não conseguiam arcar com as despesas básicas mensais e 41,1% faziam mais de seis conteúdos jornalísticos por dia. Para 77,8% era comum fazer hora-extra. Do total, 61,5% verificaram redução de equipe nos 12 meses anteriores e a intensidade do trabalho aumentou para 69,2% da amostra no mesmo período. No estudo, Nicoletti propôs um Índice de Condições de Trabalho, cujo resultado na aplicação empírica experimental oscilou entre moderado (59%), ruim (21,4%) e péssimo (0,9%) – portanto, forte presença de precarização. Além disso, a pesquisa constatou moderada correlação entre as condições de trabalho e o desempenho profissional, concluindo que a precariedade do trabalho pode afetar negativamente a qualidade do trabalho dos profissionais.

Outra característica da precarização crescente do mercado jornalístico brasileiro é a feminização. Elas são maioria nas redações, porém ocupam menos cargos de gestão, saem mais cedo da profissão e ganham menos. Kikuti e Rocha avaliaram a trajetória de um grupo de mulheres participantes do Perfil dos Jornalistas Brasileiros. “Das 280 mulheres que estavam na mídia em 2012 [e responderam a outro *survey* cinco anos depois], 118 (42,1%) permaneceram na mídia em 2017. Das que saíram, oito foram para docência, 63 atuam fora da mídia, em outras atividades (assessoria ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico) e 91 saíram do jornalismo” (KIKUTI; ROCHA, 2018, p. 6).

Os estudos acima apresentam evidências de precarização estrutural do jornalismo brasileiro. Entre os indicadores apresentados com mais frequência, aparecem: aumento da intensidade do trabalho; multifuncionalidade; demissões; vínculos precários; longas jorna-

das de trabalho; assédio moral; baixos salários; instabilidade e insegurança na profissão; feminização e juvenilização; desestruturação das relações de trabalho; e enfraquecimento da categoria de forma organizada (NICOLETTI, 2019). Nicoletti e Mick (2018) pontuam que os jornalistas brasileiros estão expostos a vulnerabilidades ligadas à precarização social do trabalho brasileiro (DRUCK, 2011), a qual afeta diferentes dimensões da vida em sociedade: cultural, econômica, educacional, política etc. Observa-se a precariedade tanto do ponto de vista salarial – remuneração, jornada, estrutura, tipo de vínculo e regulamentação (ALVES, 2013) –, quanto da insegurança à vida, a qual afeta a sociabilidade, a identidade, expõe à violência e ao assédio e gera adoecimento psíquico e físico (STANDING, 2014; SENNETT, 2015; LELO, 2019). Tais fragilidades podem se refletir na qualidade de vida (SELIGMANN-SILVA, 1994), em sofrimento ético (LELO, 2019), além de gerar alienação e estranhamento (ANTUNES, 2015), perda da subjetividade e resignação (DEJOURS, 2008; DUBET, 2014).

1.3. Indicadores de saúde dos jornalistas brasileiros

Os dados obtidos na pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012 permitiram que vários autores apontassem elementos para aferir ou inferir os impactos que as condições de trabalho teriam sobre a saúde das jornalistas.

Em 2017, cinco anos após a realização do estudo de Mick e Lima (2013), os 4.216 respondentes que haviam registrado seus e-mails foram convidados a responder a outra pesquisa, com vistas a analisar as trajetórias profissionais desses sujeitos (PONTES; MICK, 2018). Desse universo, 1.233 jornalistas responderam ao estudo de trajetórias profissionais. A pesquisa não configura um estudo de base amostral estatístico e, portanto, não oferece resultados que possam ser generalizados para a categoria. O objetivo foi analisar trajetórias, na perspectiva de levantar dados quantitativos que permitissem comparar o deslocamento dos indivíduos diante das transformações e das continuidades no ambiente de trabalho para jornalistas no Brasil. Um exemplo: em 2012, dentre os 1.233 jornalistas respondentes, 42% estavam trabalhando na mídia, 31% em assessorias, 5% como docentes e 22% fora da categoria (aposentados, desempregados, apenas estudantes ou trabalhando em outras atividades). Cinco anos depois, 28% dos mesmos jornalistas ainda trabalhavam na mídia, 28% em



assessoria, 6% como professores e 38% estavam fora da categoria.

Dentre as perguntas sociodemográficas, políticas e sobre as condições de trabalho, os jornalistas foram questionados se se sentiam estressados em decorrência do trabalho, se já haviam recebido diagnóstico médico de estresse, se apresentavam diagnóstico de transtornos mentais, de LER/DORT, ou se faziam uso de antidepressivos. Tais questões, ainda que não esgotem o tema das condições de saúde da categoria, oferecem elementos novos, que qualificaram as asserções de Lima (2015) e se somam a outras pesquisas dessa natureza realizadas no Brasil (HELOANI, 2003; BULHÕES; RENAULT, 2016; LELO, 2019). Dentre 1.233 jornalistas, de 1.090 a 1.098 responderam as questões e, de forma geral: a) 57,2% se sentem estressados; b) 36,7% foram diagnosticados com estresse; c) 24,3% foram diagnosticados com LER/DORT; d) 15,8% declaram ter transtorno mental relacionado ao trabalho e; e) 26% receberam indicação para tomar antidepressivos.

Os dados evidenciam que as jornalistas sofrem mais com as doenças aqui estudadas do que os homens. Como verificado por Pontes (2017), as condições de trabalho das mulheres no jornalismo brasileiro, principalmente na mídia, são mais precárias. Elas trabalham o mesmo que os homens mas ganham menos, têm menos acesso a benefícios e estavam, em 2012, de modo geral, mais insatisfeitas que eles.

Ao propor a inclusão, no questionário do presente estudo, de um bloco de questões específicas sobre os indicadores de saúde dos jornalistas brasileiros, pretendemos registrar dados que possam subsidiar estudos futuros, também verticais e com cruzamento de dados quanti e qualitativos, capazes de demonstrar com mais precisão científica o estado geral da saúde laboral dos jornalistas brasileiros. Para Lima (2015), por exemplo, cinco indicadores estão associados à precarização que causa adoecimentos: jornada de trabalho excessiva; intensificação do trabalho; vínculo precário; salários baixos; e multifuncionalidade.

2. Características sociodemográficas dos jornalistas

A maior concentração de jornalistas do Brasil está na região Sudeste, especialmente nos três estados mais populosos (SP, RJ e MG) com 61,5% dos profissionais⁸. O maior percentual continua habitando São Paulo, que conta com 36,5% dos jornalistas do Brasil. O estado é seguido por Minas Gerais (11,6%) e Rio de Janeiro (11,1%). Eles são os únicos com percentual de jornalistas na casa dos dois dígitos. Completando o Sudeste, o Espírito Santo concentra 2,4% dos jornalistas brasileiros e é o 9º Estado com maior volume de profissionais.

O Distrito Federal reúne o quarto maior contingente de jornalistas, com 5,3%. Proporcionalmente, levando-se em conta a quantidade de pessoas que vivem lá, é um volume bastante significativo – o DF tem apenas a 20ª população do Brasil. Depois do DF vêm os três estados da região Sul: Paraná (4,4%), Rio Grande do Sul (4%) e Santa Catarina (3,2%). Nessas duas regiões, mais o DF, vivem 78,5% dos jornalistas brasileiros (**Tabela 2**).

Apenas dois estados nordestinos, Bahia e Pernambuco, impedem que todas as primeiras posições da questão relacionada ao lugar onde vivem os jornalistas sejam ocupadas por Sudeste, Sul e DF. A Bahia tem 3% dos profissionais, ficando na 8ª posição nessa listagem, e Pernambuco, com 2,4%, empata com o Espírito Santo na nona posição. Nos demais estados nordestinos os percentuais variam a partir de 2,1% (Ceará), passando por Paraíba (1,2%), Maranhão, Rio Grande do Norte e Sergipe (todos com 1%) até os 0,7% de Alagoas e Piauí. Em termos regionais, no entanto, o Nordeste concentra 13,1% dos jornalistas, ficando à frente do Sul, com 11,6%.

A seguir vem a região Centro-Oeste, com Goiás (1,8%), Mato Grosso do Sul (1,7%) e

⁸ A distribuição territorial dos jornalistas corresponde ao percentual de registros profissionais emitidos na UF entre 2000 e 2019 pelo governo federal.



Mato Grosso (1%); e, por fim, a região Norte, que soma 3% dos jornalistas brasileiros, distribuídos por Amazonas (0,9%), Rondônia e Tocantins (0,6%), Acre (0,4%), Roraima (0,3) e Amapá (0,2%).

Tabela 2 – Em que estado você vive atualmente?

	Frequência	Porcentagem válida
São Paulo	1132	36,5
Minas Gerais	360	11,6
Rio de Janeiro	343	11,1
Distrito Federal	164	5,3
Paraná	136	4,4
Rio Grande do Sul	125	4
Santa Catarina	100	3,2
Bahia	93	3
Espírito Santo	74	2,4
Pernambuco	73	2,4
Ceará	65	2,1
Goiás	56	1,8
Mato Grosso do Sul	52	1,7
Paraíba	37	1,2
Pará	32	1
Maranhão	31	1

Rio Grande do Norte	31	1
Mato Grosso	30	1
Sergipe	30	1
Amazonas	27	0,9
Alagoas	23	0,7
Piauí	23	0,7
Rondônia	20	0,6
Tocantins	18	0,6
Acre	11	0,4
Roraima	9	0,3
Amapá	5	0,2
Total	3100	100

Na questão de gênero, quase a totalidade dos respondentes (99,7%) se classifica como Feminino (57,8%) ou Masculino (41,9%). Além de demonstrar que os jornalistas brasileiros se encontram nas posições mais tradicionais com relação a gênero, as respostas indicam que se mantém o predomínio feminino na profissão (**Tabela 3**). Entre os que se identificaram de outra forma (0,3%) a principal designação foi a de não-binário.⁹

⁹ As nove menções Outro especificaram: agênero, bigênero, não-binário (5, sendo uma complementada pela expressão *genderfluid* e outra com a grafia não-binária), queer e trans não-binário.



Tabela 3 – Com qual gênero você se identifica?

	Frequência	Porcentagem válida
Feminino	1793	57,8
Masculino	1298	41,9
Outro (s), Qual (is)?	9	0,3
Total	3100	100

Quando o assunto é idade, é possível dividir os jornalistas brasileiros em três categorias muito similares, quanto ao volume de profissionais. Há os jovens, aqueles que estão entre os 18 e 30 anos e, em tese, ainda estão iniciando na profissão: estes representam 29% dos profissionais. Há os jornalistas mais experientes, com idades entre 31 e 40 anos, que reúnem um outro terço da categoria (30,3%). E há também os que estão na meia-idade (expressão que tem um significado fluido), entre os 41 e 64 anos, somando 35,8%. São somente 5% aqueles com mais de 64 anos. Esses números indicam um envelhecimento dos profissionais com relação à pesquisa anterior, que pode ser confirmado pelo aumento em todos os percentuais de idade, exceto os abaixo de 30 anos, onde houve um grande decréscimo (**Tabela 4**).¹⁰

¹⁰ Este dado é coerente com a redução e posterior estabilização no número anual de registros profissionais ao longo da última década. É também possível ter havido enviesamento na pesquisa anterior por conta de autosseleção, com maior participação de jovens e menor participação de pessoas acima de 51 anos no questionário.

Tabela 4 – Você pertence a qual faixa etária?

	Frequência	Porcentagem válida
Entre 31 anos e 40 anos	938	30,3
Entre 23 anos e 30 anos	747	24,1
Entre 41 anos e 50 anos	558	18,0
Entre 51 anos e 64 anos	551	17,8
Acima de 64 anos	155	5,0
Entre 18 anos e 22 anos	151	4,9
Total	3100	100,0

Os jornalistas brasileiros ainda são predominantemente brancos (67,8%) e, apesar do percentual ter aumentado nas outras categorias, a diferença para as demais raças e/ou etnias é bastante significativa. Consideram-se pardos/as 20,6% dos jornalistas, pretos/as 9,3% e amarelos/as 1,3%. Os indígenas representam apenas 0,4%, o mesmo percentual da pesquisa realizada em 2012 (**Tabela 5**). As definições apresentadas em “Outra, Qual?” (0,5%) expressam características com peso maior para mestiço/a e mutiétnico/a. Houve também respostas como negro e negra, representações para cor/raça defendidas por movimentos sociais.¹¹

¹¹ Alienígena, humana, latina, mestiça (pardo é papel rs), mestiço (2 menções), mix, multiétnico (2 menções), não me identifico desta forma, não sei, negra, negro, raça humana misturada, sem identificação racial.



Tabela 5 – Como você define a sua cor/raça?

	Frequência	Porcentagem válida
Branca	2103	67,8
Parda	640	20,6
Preta	288	9,3
Amarela	40	1,3
Indígena	12	0,4
Outra, Qual?	17	0,5
Total	3100	100,0

Apesar da população de jornalistas ter envelhecido nos últimos 10 anos, o estado civil mais frequente no grupo continua sendo solteiro/a (49,4%). Os demais índices aumentaram nesta década e há um número maior de profissionais vivendo conjuntamente, podendo ser casados/as (28%) ou em união estável (12,6%). Há também mais divorciados/as e separados/as: são 6,3% e 2,5%, respectivamente. Viúvos/as são 0,9%, e na opção de indicar outro estado civil, a resposta predominante foi “namoro” (Tabela 6).¹²

Tabela 6 – Qual o seu estado civil?

	Frequência	Porcentagem válida
Solteira (o)	1531	49,4
Casada (o)	869	28,0

¹² As menções Outro foram: amiga da, moro com a namorada, moro junto e namorando.

União estável	392	12,6
Divorciada (o)	196	6,3
Separada (o)	79	2,5
Viúva (o)	27	0,9
Outro, Qual?	6	0,2
Total	3100	100,0

A maioria dos jornalistas (61,6%) não tem filhos. Entre aqueles que os têm, são 18,3% que afirmam ter apenas um, 14,3% com dois e 5,8% com três ou mais (**Tabela 7**).

Tabela 7 – Você tem filhos?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1910	61,6
Tenho 1 filha (o)	567	18,3
Tenho 2 filhas (os)	444	14,3
Tenho 3 filhas (os)	130	4,2
Tenho mais de 2 filhas (os)	49	1,6
Total	3100	100,0

Mais de dois terços dos jornalistas afirmam possuir o registro profissional (77,3%). No entanto, há um grupo significativo (22,7%) sem esse registro, o que pode indicar avanço da desregulamentação profissional (**Tabela 8**).



Tabela 8 – Você possui registro profissional de jornalista?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	2395	77,3
Não	705	22,7
Total	3100	100,0

A formação acadêmica também é um indicativo importante de profissionalização. Nesse quesito, 98,3% dos profissionais: ou estão cursando uma faculdade (6,3%), ou têm ensino superior completo (42,3%), ou algum nível de ensino acima deste (49,7%). Dentre aqueles cuja formação vai além da graduação, a maior incidência é de profissionais que cursaram especialização (28,6%), seguidos pelos que têm mestrado (14,7%), doutorado (4,7%) e pós-doutorado (1,6%).¹³ Os profissionais que seguiram outra opção que não a do ensino superior representam 1,7% da categoria (**Tabela 9**).

Tabela 9 – Qual o nível de escolaridade mais alto que você possui?

	Frequência	Porcentagem válida
Ensino Superior completo	1312	42,3
Especialização	886	28,6
Mestrado	457	14,7
Ensino Superior cursando	194	6,3

¹³ Enquetes em rede costumam apresentar viés de autosseleção por escolaridade, uma vez que pessoas com pós-graduação tendem a ter mais interesse em participar desse tipo de instrumento (BETHLEHEM, 2010).

Doutorado	147	4,7
Pós-doutorado	51	1,6
Ensino Médio	16	0,5
Ensino Técnico	15	0,5
Ensino Superior Tecnológico completo	14	0,5
Ensino Fundamental	4	0,1
Ensino Superior Tecnológico cursando	4	0,1
Total	3100	100,0

Predomina amplamente a formação nos cursos de jornalismo (94,1%). Há também os que cursaram graduação em outras áreas da comunicação, como Rádio e TV ou Audiovisual/Cinema (5,6%), Publicidade e Propaganda (2,9%) e Relações Públicas (1,6%). A profissão abriga desde administradores de empresas até artistas, biólogos, designers, cientistas sociais, historiadores, além de profissionais de letras, marketing, teologia, teatro e turismo, entre tantas outras. Individualmente – ou associadas à formação inicial no jornalismo ou na comunicação – essas graduações de origem não são significativas; mas, considerando o conjunto, 7,8% dos jornalistas trouxeram ou buscaram uma formação universitária fora da área de comunicação (**Tabela 10**).

Tabela 10 – Qual é sua área de graduação?
(Você pode selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Jornalismo ou Comunicação com habilitação em Jornalismo	2849	94,1



Publicidade e Propaganda	88	2,9
Rádio e TV	115	3,8
Relações Públicas	47	1,6
Audiovisual ou Cinema	55	1,8
Outra área. Qual?	235	7,8
Total respondentes válidos	3027	100,0
Total respostas	3389	

Tabela 10.1 – Outro. Qual?

	Frequência
Direito	29
História	21
Letras	16
Administração	12
Ciências sociais	9
Assessoria (inclui de comunicação e de imprensa)	8
Letras (Italiano, Português, Português/inglês), Tradução, Produção cultural, Literatura)	8
Design (todas as variações)	6

Filosofia	6
Economia	5
Artes (inclui cênicas, plásticas e visuais)	5
Jornalismo (outras habilitações)	5
Pedagogia	5
Análise de sistemas	3
Comunicação Institucional (ou Organizacional)	3
Comunicação social	3
Educação	3
Marketing	3
Psicologia	3
Relações internacionais	3
Serviço Social	3
Fotografia	2
Matemática	2
Repórter fotográfico	2
Sistemas para Internet	2
Mais de uma	4 graduações; Administração Pública e Especialização em Assessoria de Comunicação; administração, letras, marketing,



	pedagogia e gestão pública; Direito e Literatura; Direito/Filosofia; Artes Visuais e Pedagogia; Artes Visuais, com especialização (MBA) em Gestão de Processos e Serviços; Ciência Política e Direito; Ciências Sociais e História; Filosofia e Teologia; Filosofia/História; Fotografia e Pós em Jornalismo; História, Semiologia, Comunicação e Cultura; Linguagem e semiótica e metodologia científica da comunicação; Logística e Pós em marketing; Pedagogia e Licenciatura em Língua Portuguesa; Teologia e História.
Respostas únicas	Agência de comunicação, Animadora, Arquitetura, Ciências Humanas, Estudos Literários, Biologia, Ciência da Computação, Ciências biológicas e ambientais, Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, Contabilidade, Criminal, Cultura / Literatura, Diagramação, Docência Superior, Editoração de publicações, Educação Artística; Educação Física// Licenciatura e Bacharelado, Engenharia, Engenharia civil, Física, Fora do jornalismo atualmente, Funcionário público, Geografia, Geração de conteúdo, Gestão da Informação, Gestão de RH, Gestão em cooperativas e cursando Jornalismo, Hotelaria, Inteligência Competitiva, mba em mídia e comunicação integrada, Multimídia, Planejamento e gestão de Redes Sociais para empresas, Política internacional e educação em sexualidade, pós graduação em Gestão Ambiental, Pós graduação em mkt, Professor de Jornalismo, Saúde, Serviço público federal, Site, Sociologia, Sociologia e Política, Teatro, Teatro e Educação, Tecnologia em Gestão de Turismo, Tecnólogo em Fotografia, Tecnólogo em Gestão Portuária, Tecnólogo em gestão pública, Teologia, Turismo e Hotelaria.
Total	235

Há grande predomínio de profissionais oriundos das instituições privadas de ensino: praticamente 2/3 dos jornalistas estudam ou estudaram em universidades/faculdades privadas (60,2%). Nas públicas, são 33,4% em instituições federais, 12,6% em estaduais e 0,3% em municipais. Houve ainda quem tenha estudado ou estude em instituições comunitárias (1,4%) ou confessionais (1,2%). Com relação a outros tipos de instituições apontados (0,9%), destacam-se cursos no exterior e indicações do recebimento de bolsas (**Tabela 11**).¹⁴

Tabela 11 – Você cursou ou está cursando que tipo de universidade/faculdade? (Você pode selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Privada	1823	60,2
Federal	1011	33,4
Estadual	382	12,6
Comunitária ou similar	43	1,4
Confessional	36	1,2
Municipal	10	0,3
Outro tipo. Qual?	28	0,9
Total respondentes válidos	3027	100,0
Total respostas	3333	

¹⁴ As menções "Outro curso" foram: 2 graduações, Bolsista Prouni (5 casos), Comunitária, Curso de especialização em Redes Sociais, Cursos avulsos, Cursos de extensão nas Universidades de Berkeley. EUA. e Antonio Nebrija. Espanha, Fundação, Internacional Pública, Jornalismo: privada. Letras: Estadual, Metodista SP, NÃO, Não estou, nenhuma..., No estrangeiro, Particular, Passei por todos os tipos, Privada com financiamento federal, PUC-PR, PUC-RJ e Mackenzie - SP, Regional do Nordeste, Senac, Sou formado, Universidade pública na Espanha (Universidad Carlos III de Madrid).



Dentro do bloco de perguntas relativas à qualificação e à experiência profissional, a grande maioria dos respondentes afirma já ter atuado como estagiária/o de jornalismo, um dado que talvez reflita a obrigatoriedade curricular do estágio: 74,1% apontam que foram estagiários/as e 2,9% que, durante a realização da pesquisa, estavam atuando no campo do jornalismo na função. Nunca estagiaram como jornalistas 22,9% dos respondentes (**Tabela 12**).

Tabela 12 – Você foi estagiária (o) de jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim, já fui	2244	74,1
Não	694	22,9
Sim, sou estagiária (o) atualmente	89	2,9
Total respostas válidas	3027	100,0

Com relação à participação em programas de trainee em jornalismo, a grande maioria nunca participou de algum programa (85,9%), sendo que já participaram 13,7%; são 0,4% os que estavam atuando em vaga de trainee quando responderam o questionário (**Tabela 13**).

Tabela 13 – Você fez trainee em jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	2600	85,9
Sim, já fui	416	13,7
Sim, sou trainee atualmente	11	0,4

Total respostas válidas	3027	100,0
-------------------------	------	-------

Os respondentes que trabalham ou trabalharam como jornalistas no período de um ano correspondem a 6,2% e entre um período de dois a cinco anos equivalem a 18,6%, o que indica uma atuação mais curta no mercado de trabalho – podendo significar que o profissional é recém-saído da Instituição de Ensino Superior em que cursou jornalismo ou que, de fato, não conseguiu se fixar no mercado. Na faixa de 6 a 10 anos de trabalho como jornalista estão 16,9%; de 11 a 15 anos, foram 15,7%; o quarto maior índice de respostas veio de profissionais que atuaram por 31 anos ou mais como jornalistas e representam 12,3% dos respondentes. Entre 16 e 20 anos estão 10,4% dos respondentes e, de 21 a 25 anos, são 8,7%. Do total de respostas, 4,3% nunca trabalharam como jornalistas ou docentes na área e 0,6% são docentes na área, mas nunca atuaram como jornalistas (**Tabela 14**).

Tabela 14 – Por quanto tempo trabalha ou trabalhou como jornalista?
(Anos completos.)

	Frequência	Porcentagem válida
De 2 a 5 anos	571	18,6
Entre 6 e 10 anos	519	16,9
De 11 a 15 anos	481	15,7
31 anos ou mais	378	12,3
Entre 16 e 20 anos	317	10,4
De 21 a 25 anos	265	8,7
Até 1 ano	190	6,2

Entre 26 a 30 anos	189	6,2
Nunca trabalhei como jornalista ou docente na área	133	4,3
Sou docente na área, mas nunca atuei como jornalista	19	0,6
Total respostas válidas	3062	100,0

Ainda no bloco de perguntas relativas à qualificação e à experiência profissional, os respondentes informaram a quantidade de vínculos profissionais diferentes que haviam tido como jornalistas e/ou docentes. Nesta questão eram considerados como vínculo profissional empregos com carteira assinada, freelancers ou contratos de PJ/MEI, sendo eles concomitantes ou subsequentes. Quase metade dos respondentes (49,8%) destacou que já teve entre dois e cinco vínculos. Entre seis e dez correspondem a 24,3% e 9,2% dos respondentes só teve um vínculo profissional até o fim da coleta de dados da pesquisa. Já aqueles que possuíam entre 11 e 15 vínculos foram 6,1%, são 2,1% na faixa entre 16 e 20 e mais de 20 vínculos correspondem a 3,3% das respostas. Observa-se ainda que 5,1% nunca haviam trabalhado com vínculo profissional (**Tabela 15**).

Tabela 15 – Ao longo da sua carreira profissional, quantos vínculos profissionais diferentes você já teve como jornalista e/ou docente (incluindo empregos com carteira assinada, freelancers ou contratos de PJ/MEI, concomitantes ou subsequentes)?

	Frequência	Porcentagem válida
2 a 5	1525	49,8
6 a 10	744	24,3
1	283	9,2

11 a 15	188	6,1
Nenhum	156	5,1
Mais de 20	102	3,3
16 a 20	64	2,1
Total respostas válidas	3062	100,0

Grande parte dos respondentes atua como jornalista, 68,2%. A opção “mudei para outra área profissional” foi a que teve o segundo maior número de respostas, totalizando 9,1% dos respondentes, enquanto 5,3% disseram que o desemprego é o motivo de não trabalharem como jornalistas e outros 3,6% apontaram que nunca trabalharam na área, seja como jornalista seja como docente. O trabalho como docente de jornalismo/comunicação é apontado em 6,2% das respostas, já 3,1% são estudantes que estagiam ou são trainees, 2,8% ressaltaram que já estão aposentados e por isso não atuam mais na profissão e 1,6% não atuam como jornalistas porque estão estudando (**Tabela 16**).

Tabela 16 – Atualmente, você trabalha como jornalista ou como professor (a) de jornalismo ou comunicação?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim, sou jornalista	2089	68,2
Mudei para outra área profissional. Qual?	280	9,1
Sim, sou docente de jornalismo/comunicação	191	6,2
Não trabalho mais como jornalista porque estou desempregada (o)	162	5,3



Nunca trabalhei como jornalista ou docente	111	3,6
Sou estudante e faço estágio ou trainee	96	3,1
Não trabalho mais como jornalista porque me aposentei	85	2,8
Não trabalho mais como jornalista porque estou estudando	48	1,6
Total respostas válidas	3062	100,0

Essa questão gerou respostas qualitativas, detalhando para qual área de atuação mudaram os respondentes da pesquisa: das 280 pessoas que mudaram para uma área que não seja do jornalismo, 39% continuam atuando no campo da comunicação. Esses profissionais atuam majoritariamente com marketing (57 respondentes), assessoria de imprensa ou de comunicação (18), publicidade (15), comunicação interna/corporativa (9), audiovisual (6) e editoração (5). Outra área que teve um grande número de respostas foi o de funcionário/servidor público, com 16 profissionais (sem especificação do setor em que trabalham).

As demais respostas foram as mais diversas, como pessoas que agora atuam como bombeiro, astrólogo, no campo das ciências políticas, com odontologia, psicologia, entre outros. Vale destacar aquelas profissões que foram sinalizadas mais de cinco vezes. Em ordem decrescente: empresário (diversas áreas foram destacadas) – 11; tecnologia – 11; direito – 7; e professor (de área que não o jornalismo) – 7.

O principal vínculo empregatício dos respondentes ainda é o de carteira assinada (CLT), com 45,8%. Em seguida, aparecem os servidores públicos (10,5%), acompanhados de perto pelos Microempreendedores Individuais (MEIs), com 8,9%. Completam os cinco primeiros tipos de vínculos mais citados o cargo comissionado (6,4%) e freelancer (6,1%) (**Tabela 17**).

É possível perceber, neste item, alguns marcadores de instabilidade do vínculo empregatício que atingem os jornalistas brasileiros – uma vez que, apesar de a CLT não garantir uma estabilidade equiparada ao do serviço público, oferece garantias trabalhistas que sugerem a sensação de segurança no emprego e eventualmente após uma demissão, como

seguro desemprego, recebimento de indenizações e FGTS.

A instabilidade do jornalista aparece quando somados os tipos de vínculos que não dão os mesmos benefícios de uma CLT ou de serviço público: com 36,2%, representam uma parcela significativa. Esse quantitativo é referente às seguintes opções: MEIs (8,9%), cargo comissionado (6,4%), freelancer (6,1%), trabalho como empresa jurídica sem funcionários ou sócios (5,8%), contrato de prestação de serviços (3,7%), prestação de serviços sem formalização contratual (3,5%) e contrato público temporário (1,8%).

Tabela 17 – Qual é o tipo de vínculo empregatício em seu trabalho principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Carteira assinada (CLT)	1059	45,8
Servidor (a) público (a)	242	10,5
Sou MEI (Microempreendedor (a) Individual)	205	8,9
Cargo comissionado	148	6,4
Freelancer	140	6,1
Trabalho como pessoa jurídica (PJ) (sem funcionários ou sócios)	134	5,8
Dono (a) ou sócio(a) de empresa com funcionários	88	3,8
Contrato de prestação de serviços	85	3,7
Prestação de Serviço sem contrato firmado	82	3,5
Contrato público temporário	42	1,8
Contrato por hora/aula	17	0,7



Bolsista ou similar decorrente de programas públicos de incentivo à docência	13	0,6
Carteira assinada com redução de salário	10	0,4
Carteira assinada com período intermitente	3	0,1
Outra. Qual?	46	2,0
Total respostas válidas	2314	100,0

A questão também possibilitou que os respondentes informassem o seu tipo de vínculo na opção “outro”, caso este não estivesse enquadrado em alguma das alternativas fornecidas. Não houve frequência significativa possível de ser aferida em porcentagem; contudo, verifica-se que algumas das respostas poderiam estar nos vínculos pré-dispostos na pergunta. São os casos de freelancer (1), empregado público via CLT (1), trabalhador autônomo como criador de portal de notícias (1) etc.¹⁵

Quanto à renda do jornalista brasileiro, a faixa salarial entre R\$ 5.501 e R\$ 11.000 se tornou a mais citada pelos respondentes, com 27,1%. Apenas 1,6% não quiseram informar seus ganhos e outros 1,3% disseram que estavam sem renda no momento da pesquisa. De R\$ 4.401 a R\$ 5.500 foi a segunda faixa mais citada, com 15,6%. A renda entre R\$ 2.201 e R\$ 3.300 e entre R\$ 3.301 e R\$ 4.400 apresentaram resultados semelhantes, respectivamente

¹⁵ O conjunto de menções “Outro” foi: Aposentada e freelancer, Autônomo/Independente, Bolsista de comunicação (2 menções), Colunista, Contrato de trabalho por tempo indeterminado com empresa estrangeira (2 menções), Contrato internacional das Nações Unidas, Desenvolvo programas jornalísticos autorais (me aposentei por tempo de serviço), dois jornalistas, sócios, Empregado público CLT, Estágio (11 menções), Faço portal por conta própria, ainda em fase de consolidação, Freelancer, Funcionário público internacional, Prestação de serviço com nota fiscal, presto serviços como PJ e sou CLT como professora de jornalismo, Site próprio, Sócio cotista, Sócio de empresa SEM funcionários, Sou CLT em empresa privada e sou DAS no Estado, Sou CLT numa empresa e bolsista em uma instituição federal, Sou escritora e blogueira, Sou MEI e tenho contrato assinado para a prestação de serviços como repórter. Também faço matérias como freelancer, Terceirizado com contrato firmado, Trabalho voluntário/militância no jornalismo: presido uma entidade de jornalistas, participo da elaboração de pautas e faço matérias, Voluntário.

com 13,5% e 13,1%. Completam a lista as seguintes remunerações: R\$ 1.101 a R\$ 2.200 (11,4%), R\$ 11.001 a R\$ 22.000 (9,8%), até R\$ 1.100 (4,3%) e acima de R\$ 22.000 (2,2%).

É válido pontuar que, apesar de a resposta mais citada ser a da faixa de R\$ 5.501 a R\$ 11.000, a maioria dos jornalistas ganha no máximo R\$ 5.500, se levarmos em conta que a soma das rendas abaixo disso superam as que estão acima desse valor (**Tabela 18**).

Tabela 18 – Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho como jornalista ou docente em jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
De R\$ 5501 a R\$ 11000	628	27,1
De R\$ 4401 a R\$ 5500	362	15,6
De R\$ 2201 a R\$ 3300	313	13,5
De R\$ 3301 a R\$ 4400	304	13,1
De R\$ 1101 a R\$ 2200	263	11,4
De R\$ 11001 a R\$ 22000	227	9,8
Até R\$ 1100	100	4,3
Acima de R\$ 22001	50	2,2
Sem renda	31	1,3
Não quero informar	36	1,6
Total respostas válidas	2314	100,0



Para somente 40,1% dos respondentes a remuneração mensal que recebem é suficiente para sempre arcar com as despesas do mês; outros 23,9% afirmaram que só “às vezes” isso é possível. Percebe-se um percentual relativamente alto em relação aos que responderam não ser suficiente a renda mensal que recebem para pagar suas contas: 36,1%. Isso está diluído entre os que afirmam que “sempre ficam devendo” (11%), os que dizem complementar a renda com serviços extras (9,6%), os que possuem apoio do companheiro (7,6%), os que têm suporte dos pais (6,6%) e jornalistas que contam com ajuda de outras pessoas (1,2%) (**Tabela 19**).

Este resultado aponta para os seguintes pressupostos: a) a faixa mais citada entre os respondentes na questão anterior (R\$ 5.501 a R\$ 11.000) está mais próxima do inicial do que do teto desse intervalo entre os referidos valores; ou b) houve uma desvalorização salarial em razão da perda do poder de compra causado pela inflação, o que não foi acompanhado pelos reajustes das remunerações pagas aos jornalistas. O cruzamento desses dados com outros da própria pesquisa, como o tipo de vínculo, além da busca por relacioná-los a indicadores econômicos, a exemplo da inflação, e com os trabalhistas, como reajustes no piso salarial ao longo dos anos, podem indicar caminhos para análise desses pressupostos.

Tabela 19 – Sua remuneração líquida mensal é suficiente para sempre arcar com suas despesas mensais?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	928	40,1
Às vezes	552	23,9
Não, fico sempre devendo	256	11,1
Não, mas me viro com trabalhos extras	222	9,6
Não, mas tenho apoio de companheira (o)	176	7,6

Não, mas recebo suporte dos meus pais	152	6,6
Não, mas conto com ajuda de outras pessoas	28	1,2
Total respostas válidas	2314	100,0

Como verificado na questão anterior, boa parte dos jornalistas brasileiros não consegue pagar sozinha as suas despesas com o salário que recebe. A situação financeira poderia ser pior se não fossem os benefícios trabalhistas vinculados ao emprego principal. O auxílio mais citado é o plano de saúde: 37,9% afirmaram que o emprego oferece esse tipo de benefício. Vale alimentação aparece logo atrás, com 31,5%. O auxílio refeição é indicado por 23,3% das respostas e o vale transporte por mais 18,6%. Frisa-se que era possível marcar mais de uma alternativa (**Tabela 20**).

Destaca-se, contudo, que 35,8% afirmam não receber qualquer tipo de benefício, o que pode ser influenciado pelos vínculos precários de relações de trabalho, como MEIs, freelancers e autônomos como pessoas jurídicas, modos de contratação que não costumam oferecer benefício para além do pagamento do serviço prestado.

Tabela 20 – Você recebe algum tipo de benefício ou suporte vinculado a sua ocupação principal? (É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Plano de saúde	876	37,9
Nenhum	828	35,8
Vale (ou auxílio) alimentação	729	31,5
Vale (ou auxílio) refeição	540	23,3



Vale (ou auxílio) transporte	430	18,6
Incentivo à qualificação (cursos, treinamentos fora da empresa)	279	12,1
Participação nos lucros ou resultados	265	11,5
Treinamentos in-company relacionados à atividade que desempenha ou outras relevantes	240	10,4
Plano de previdência complementar	149	6,4
Auxílio saúde	115	5,0
Apoio jurídico	114	4,9
Apoio psicoterápico	109	4,7
Auxílio creche	88	3,8
Equipamento de proteção individual compatível com o grau de risco de sua atividade	86	3,7
Outro. Qual?	70	3,0
Total respondentes válidos	2314	100,0
Total respostas	4918	

Na opção “outros”, foram 70 respostas.¹⁶ Doze dos benefícios oferecidos pelo empregador tinham alguma relação com a pandemia, como empréstimo de equipamentos para

¹⁶ 13º e férias (2 menções), A empresa tem parceria com plano de saúde e me devolve uma porcentagem do que eu pago, A ONG emprestou equipamento durante a pandemia (uma cadeira), Academia, Acompanhamento odontológico e fonoaudiológico, Adicional financeiro para conclusão de especialização, mestrado e doutorado, Ajuda com custo de home office (5 menções), Aposentadoria (3 menções), Renda de investimen-

trabalhar em casa, auxílio internet e redução de uma hora da jornada diária para cuidar do filho durante períodos de isolamento. Isso mostra um leve redesenho de benefícios aos empregados em razão da pandemia – embora destinem-se mais à adequação necessária decorrente da obrigação do regime de *home office* do que a uma melhora permanente nas condições de vida dos profissionais.

Ao serem questionados sobre a forma de ingresso no trabalho atual (**Tabela 21**), 26% responderam que foram selecionados a partir de um processo seletivo da empresa, 20,8% disseram que entraram por meio de indicação de conhecidos e 17,2% foram convidados. Essas três somadas correspondem a 64% das formas de ingresso dos jornalistas no mercado. A entrada por concurso público (10,5%) vem na quarta posição, seguida da opção de quem decidiu empreender na área (6,7%). Parece ser baixa a taxa de retenção a partir dos programas de trainee ou estágio: apenas 5,1% entraram no mercado por esse caminho. Observa-se novas possibilidades de ingresso por meio das alternativas independentes, ainda que com percentuais modestos (2,7%).

É possível dividir os jornalistas em três grupos genéricos: os que passaram por processos seletivos (incluindo o trainee, concursos e seleção por empresa terceirizada); aqueles que foram convidados, indicados ou são da família; e os empreendedores (prestadores de serviço, freelancer, voluntários e empresários). O primeiro grupo corresponde a 43,9%, o segundo grupo a 42,3% e o terceiro a 13,6%. Essa distribuição ressalta o caráter empresarial

tos/ aposentadoria complementar, Auxílio atividade física, Auxílio combustível, Auxílio de Custo, Auxílio internet (3 menções), Auxílio Odontológico, Auxílio para formação acadêmica, Auxílio para internet e equipamentos durante a pandemia, Bolsa apoio pedagógico da UFG, Bolsa de estudo 50% no curso de Direito-graduação, Bolsa de Estudo para os filhos, Bolsa de pesquisa/Capes, Bolsista de doutorado, Cartão de benefícios Flash no valor de R\$120, Cartão de crédito benefícios, Cesta básica, Cobertura em seguro de viagem internacional, Coparticipação no plano de saúde, Curso de pós graduação, Equipamento de trabalho (4 menções), Equipamentos como computador, licenças de programas, máquina fotográfica etc. ,Eu teria acesso ao vale-transporte, mas como estamos em home-office, não recebo ele, Franquia de conta de telefone celular, assinatura do jornal, Gratificação, Gratificação por escolaridade, Gympass (3 menções), Incentivo educacional, lucro, participação em fundo de saúde com mensalidade, Plano odontológico (2 menções), PLR insignificante, Próprio, Redução de 1 hora de jornada durante pandemia em função de ter filho pequeno, Se eu quiser plano de saúde ou odonto, tenho que pagar por fora do meu contrato PJ/MEI, Seguro de vida (2 menções), Seguro de vida e Auxílio telefonia, Seguro de vida; Plano Odontológico; Cobertura dos benefícios igual e sem desconto para cônjuge, Transporte noturno, Um notebook, Veículo e auxílio combustível



dos jornais e possivelmente a valorização da técnica jornalística, mas também demonstra que uma parcela significativa é contratada por afinidade e/ou correspondência com o perfil da empresa ou empregador.

Tabela 21 – Como você ingressou em seu trabalho atual?
(Considere sua ocupação principal.)

	Frequência	Porcentagem válida
Processo seletivo realizado pelo contratante	602	26,0
Indicação de amigo ou colega	482	20,8
Foi convidada (o)	398	17,2
Concurso público	244	10,5
Abriu uma empresa	156	6,7
Em continuação a estágio ou trainee	117	5,1
Contratação como prestador (a) de serviços	84	3,6
Cargo de confiança em órgão público	81	3,5
Ingressou em uma iniciativa independente/alternativa de jornalismo	63	2,7
Seleção por empresa de recrutamento	45	1,9
Vínculo familiar	9	0,4
Outro. Qual?	33	1,4
Total	2314	100,0

As respostas “Outro. Qual?”, apesar de pouco significativas em termos quantitativos,

apresentam detalhamento maior em relação às formas de ingresso.¹⁷ Boa parte dos respondentes apontou o trabalho como empreendedor, aqui englobando iniciativas próprias e trabalhos pontuais, trazendo indicações interessantes quanto a esse grupo, como a dificuldade em empreender nessa área – tanto na posição de empresário frente aos grandes conglomerados midiáticos, quanto na função de prestador de serviço ou freelancer, que não possui os benefícios trabalhistas.

Quando questionados sobre a área de ocupação principal (**Tabela 22**), 57,7% dos respondentes apontaram que trabalham na mídia, o que engloba as empresas de comunicação de grande e pequeno porte. Já 34,9% responderam que atuam fora da mídia, em assessorias ou produtoras de conteúdos para mídias digitais. Por fim, 7,4% atuam na docência em cursos de formação em jornalismo ou outras áreas.

¹⁷ Abriu uma vaga e fui chamado, Ainda antes de possuir diploma, Apresentei o trabalho de reportagens gravado e fui chamada mas não havia processo seletivo em andamento. Há 25 anos, Atualmente, diante das restrições de mercado formal relacionadas com a idade, trabalho como jornalista remunerado eventualmente. Em caráter permanente, só consigo trabalhar voluntariamente, na Internet, em pautas relativas a Amazônia, principalmente, em direitos humanos, meio ambiente, arte e cultura amazônicas, Autônomo, Concurso e networking, Contatos profissionais, Continuação a freelancer, Convidada após passar por trainee e frilas na empresa, Criei meu próprio site, Decidi virar free-lancer, Decisão pessoal de atuar como blogueiro independente, Envio de sugestão de pauta o veículo de comunicação, Era cpl, fui ser correspondente autônoma e depois freelancer, Estagiária, Estágio da pós, Faço um blog diário sem retorno financeiro, Fui contratado ainda como CLT, mas a empresa foi estatizada e me tornei funcionário público, Fui eleito, Indicação de professor, Indicação por amigo que já atuava com a empresa, Jornalismo Comunitário, Manifestei meu interesse em trabalhar na empresa diretamente ao responsável por contratações, Meu trabalho por si acaba abrindo oportunidades, No momento estou freelancer por opção; mas sempre mudei de emprego convidada (4X), Por conta própria, Processo seletivo público, Programa do Governo Estadual que oferece estágio, Sem vínculo. Sugiro pautas para diversos veículos por e-mail, Site, Sou free-lancer; os convites para trabalho vêm de empresas, organizações e pessoas que já conhecem o meu trabalho, Tenho site, mas sem lucro ainda e estou em busca de colocação no mercado, Troca de função



Tabela 22 – Em sua ocupação principal, qual sua área de atuação?

	Frequência	Porcentagem válida
Mídia (imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia/mídia independente, startup jornalística)	1335	57,7
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais...)	808	34,9
Docência (formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	171	7,4
Total respostas válidas	2314	100,0

3. O trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência

3.1. O trabalho dos jornalistas na mídia

Dentro do bloco de perguntas específico para jornalistas que trabalham na mídia (**Tabela 23**), mais da metade respondeu que atuava em uma mídia online, confirmando o papel central do digital como suporte do jornalismo atualmente. Sendo possível assinalar mais de uma resposta, a divisão foi a seguinte: 61,5% trabalham em mídia online; 25,5% em TV; 22,3% em jornal; 13,9% em rádio; 9,2% em agência de notícia; 8,3% em revista; e 8,8% assinalaram que trabalham em outro tipo de mídia. A soma de todas essas porcentagens, 149,5%, nos indica que grande parte dos jornalistas na mídia brasileira ou trabalham em mais de uma mídia, ou consideram que a mídia em que trabalham se enquadra em mais de uma categoria (por exemplo, um jornalista que trabalhe em uma webrádio e considere que pode enquadrá-la tanto em “Rádio” quanto em “Online”).

Outro ponto digno de nota é o fato de que o número de jornalistas trabalhando em revistas hoje é menor do que o número em agências de notícias. Esse dado parece corroborar a percepção compartilhada entre pesquisadores/as e jornalistas de que o declínio de postos de trabalho na mídia brasileira é especialmente acentuado nas mídias impressas. Também é interessante notar que o rádio emprega “apenas” 13,9% dos profissionais que estão na mídia, sendo um mercado de trabalho de dimensões mais próximas do das agências de notícias do que do jornal ou da TV, ainda que dentro do debate sobre “desertos de notícias” seja normalmente apontado como a mídia que está presente mesmo em cidades menores onde não existem outros veículos jornalísticos.



Dentre as 116 pessoas que marcaram a opção “Outra área” (onde era aberto espaço para detalhamento), a maioria (59) parece ter se enganado ao responder que atuavam em mídia, pois no campo da resposta por extenso responderam “Assessoria de imprensa” ou outro termo relacionado, estando, portanto, mais adequadas para o grupo que classificamos como “jornalistas trabalhando fora da mídia” e para o qual essa pergunta não se aplicava. Outras respostas interessantes que apareceram a partir dessa opção – pois ajudam a repensar novas formas de categorização das mídias que surgem a partir das transformações nos suportes, ainda que não sejam numericamente significativas – foram “Agência de checagem” (1 resposta) e “Podcast” (4 respostas). É possível que mais profissionais que trabalham em agências de checagem e podcasts tenham participado da pesquisa e apenas respondido a opção “Online” para essa pergunta, dado que ambos são formatos nativamente digitais, mas é interessante observar o que pode ser a formação de uma identificação específica para esses veículos que os separa dentro do guarda-chuva de “Online”.

Tabela 23 – Você trabalha atualmente em que tipo de mídia(s)?
(É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Online	808	61,5
TV	335	25,5
Jornal	293	22,3
Rádio	183	13,9
Agência de notícia	121	9,2
Revista	109	8,3
Outra. Qual?	116	8,8

Total respondentes válidos	1314	100,0
Total respostas	1965	

Tabela 23.1 – Outra área. Qual?

	Frequência
Assessoria (inclui de comunicação e imprensa)	60
Site	4
Comunicação institucional ou corporativa	3
Editora / Livros	3
Podcast	3
Agência de publicidade	2
Consultoria de comunicação	2
Jornalismo sindical / Sindicato	2
Impresso/a	2
Poder público	2
Mais de uma	Assessoria de imprensa/agência de comunicação; Blogue, canal literário, livros; Marketing e assessoria de imprensa; Podcast, livro; Portal de Noticias e WEBTV; Redação em geral e Diário Oficial; Sindicato. Temos site, redes sociais e material impresso



Respostas únicas	Agência de checagem; Agência de comunicação; Análise e Planejamento de comunicação; Anuário; assinatura de plataforma/software; Associação - terceiro setor; Canais offline; Centro de Estudos de Mídia; Consultor político; Coordenadoria de comunicação - Prefeitura; curadoria de exposições de museus e roteiro para cinema; Empresarial; Estúdio de audiovisual; Instagram; Redes sociais; Internet; Mídia própria; Município; Não; OBS: talvez eu tenha respondido algo indevidamente, em opções anteriores: sou jornalista aposentada e faço freelancer, no momento.; ONG; Portal de notícias; Secretaria de Comunicação; Sou bolsista na TVU/Comunica; Startup; Startup relacionada a jornalismo; Tenho um estúdio de inteligência de dados que produz reportagens para meios de comunicação, que variam muito.; Trabalho em AI
Total	116

Quanto ao perfil das instituições de mídia para as quais jornalistas trabalham no Brasil (**Tabela 24**), o resultado apresentou 5,3% do grupo no terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.), 13,7% trabalhando no serviço público e os outros 78,9% distribuídos entre iniciativas privadas de oito categorias diferentes, além dos 2,2% que optaram pela resposta “Outra”. Esses 78,9% atuando na iniciativa privada estão distribuídos da seguinte forma: 34% trabalham em empresas privadas com atuação nacional; 16,8% em empresas privadas com atuação regional; 10,4% em empresas privadas com atuação internacional; 7,2% em empresas privadas com atuação local; 5,9% em iniciativas de jornalismo independente nacionais; 2,1% em iniciativas de jornalismo independente locais; 1,7% em iniciativas de jornalismo independente regionais; e 0,8% em iniciativas de jornalismo independente internacionais.

É notável o fato de que, ainda que seja um grupo minoritário, especialmente quando comparado aos 68,4% representados pelas empresas privadas, as iniciativas de jornalismo independente empreguem mais de 1 a cada 10 dentre jornalistas que trabalham na mídia. Abarcando 10,5% de todas as trabalhadoras e trabalhadores jornalistas da mídia no Brasil,

as iniciativas de jornalismo independente demonstram ser uma fatia significativa o suficiente desse mercado de trabalho para que qualquer análise que se proponha a tentar entendê-lo em sua completude precise incluí-las.

Dentre as respostas dadas por extenso no campo “Outra”, chamam a atenção as que indicam “Instituição pública internacional” ou semelhante. Embora pudessem, tecnicamente, ser incluídas na categoria “Instituição pública”, poderia ser interessante diferenciá-las, dado que a maior parte da categoria é certamente formada por entidades ligadas ao Estado brasileiro. Outro desafio de enquadramento que surge nessas respostas por extenso diante das idiosincrasias da realidade atual são as das instituições de economia mista, que reúnem características tanto de entidades públicas quanto de privadas sem serem consideradas nenhuma das duas, ou mesmo um/a jornalista respondente que trabalha em “Empresa privada que gerencia TV pública”.¹⁸

Tabela 24 – Como você caracteriza o perfil da instituição para a qual você trabalha? (Considere sua ocupação principal.)

	Frequência	Porcentagem válida
Empresa privada com atuação nacional	447	34,0
Empresa privada com atuação regional	221	16,8
Instituição pública	180	13,7

¹⁸ O conjunto de menções “Outra.Qual?” é: Agência de fotojornalismo, Associações de classe, CCTV - Estatal Chinesa no Brasil, Comunicação Pública institucional, Cooperativa Agroindustrial com atuação nacional e internacional, Diversas, Empresa privada que gerencia TV pública, Empresa pública, Empresa pública com atuação internacional (2 menções), Fundação Privada de atuação local, Governo, Instituição de economia mista atuação regional, instituição de economia mista, pública com recursos privados, instituição pública internacional (2 menções), Negócio social de atuação nacional, Partido político, Prestação de serviços (2 menções), Revista de um colégio, Sindicato (3 menções), Sociedades Médicas, sou freelancer, tenho uma plataforma voltada ao empreendedorismo maduro, TV pública.



Empresa privada com atuação internacional	136	10,4
Empresa privada com atuação local	95	7,2
Iniciativa de jornalismo independente nacional	77	5,9
Instituição do terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.)	70	5,3
Iniciativa de jornalismo independente local	27	2,1
Iniciativa de jornalismo independente regional	22	1,7
Iniciativa de jornalismo independente internacional	10	0,8
Outra. Qual?	29	2,2
Total respostas válidas	1314	100,0

Para dimensionar os tamanhos das equipes em que jornalistas atuam na mídia (**Tabela 25**), participantes da pesquisa também selecionaram a quantidade de jornalistas com os quais trabalham. O resultado encontrado foi que os grupos mais representativos, com 22,7% para cada, são de profissionais que fazem parte ou de equipes grandes, com mais de 51 jornalistas, ou de muito pequenas, que tenham de 2 a 4 jornalistas. O terceiro maior grupo, 18%, é o daqueles que atuam em equipes com entre 5 a 10 jornalistas, e depois dele vem o grupo de jornalistas solo, profissionais que não tem colegas jornalistas em seu trabalho, e que é 15,3% de toda a categoria que atua na mídia. Os dois menores grupos são os daqueles que atuam em equipes de tamanho mais mediano: 10,7% entre 21 e 50 jornalistas e 10,6% entre 11 e 20.

Se agruparmos as respostas em dois grandes grupos: o primeiro, das pequenas equipes (até 10 jornalistas), e o segundo, das equipes médias ou grandes (11 jornalistas ou mais), vemos que a maioria (56%) da categoria de jornalistas que trabalham na mídia está no primeiro grupo. Esse dado sinaliza que a realidade do/a “jornalista médio/a” no Brasil não está de acordo com a representação mais comum do jornalismo na cultura popular, de profissi-

onais trabalhando em grandes redações. Ainda assim, o fato de 22,7% de todo esse contingente trabalhar em grandes redações, com 51 jornalistas ou mais, demonstra que esses espaços ainda são extremamente relevantes dentro da configuração do mercado de trabalho. Também é digno de nota esse expressivo grupo de 15,3% que trabalha sozinho, ou pelo menos sem nenhum colega jornalista – o que poderia ser um impeditivo para o aperfeiçoamento de tais profissionais, dada uma possível ausência de trocas de experiências, ideias e opiniões sobre o fazer jornalístico.

Tabela 25 – Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
Acima de 51	298	22,7
De 2 a 4	298	22,7
De 5 a 10	237	18,0
Só você	201	15,3
De 21 a 50	141	10,7
De 11 a 20	139	10,6
Total respostas válidas	1314	100,0

Os respondentes tiveram a opção de classificar a função que realizavam entre dezesseis categorias, além da opção “Outra”. O resultado indicado é que a maioria dos jornalistas que trabalham na mídia estão concentrados em duas dessas dezesseis funções: 60,5% de todo esse grupo atua ou como repórter, 37,1%, ou como editor/a, 23,4%. Cada uma dessas duas funções emprega diversas vezes mais profissionais do que qualquer outra, sendo o 3º maior grupo o de produtores/as, quase quatro vezes menor que o de editores/as, com 6,2%. O resultado deixa bem claro que, entre o grupo profissional de jornalistas que trabalham na



mídia, predominam essas funções que são mais estereotípicas e presentes no senso comum do trabalho nessa área.

As demais funções presentes na pesquisa, por frequência de resposta, são: em 4º lugar, diretor/a ou gestor/a com 5,2% dos que trabalham na mídia; em 5º lugar, coordenador/a com 5%; em 6º lugar, chefe de redação com 4%; em 7º lugar, gestor/a de redes sociais com 2,7%; em 8º lugar, âncora com 2,5%; em 9º lugar, repórter fotográfico com 1,5%; em 10º lugar, colunista com 1,4%; em 11º lugar, repórter cinematográfico com 1%; em 12º lugar, consultor/a com 0,7%; em 13º lugar, as funções de correspondente e de editorialista, ambas com 0,5%; em 15º lugar, diagramador/a com 0,4%; e ilustrador/a com 0,1%.

O grupo de jornalistas respondentes que não se considerou satisfatoriamente enquadrado em nenhuma dessas dezesseis categorias de trabalhador da mídia, optando pela categoria “Outra”, é bastante relevante. Foram 7,9% de todas as respostas da amostra, portanto, maior do que catorze dessas dezesseis categorias. Dentre as respostas por extenso dadas por quem marcou essa opção, “assessor de imprensa”, “assessor de comunicação” e “analista de comunicação” apareceram com certa frequência, correspondendo a 28 de todas as 104 menções a “Outra”. No caso das respostas “assessor de imprensa”, parece razoavelmente lógico supor que todas sejam de jornalistas que responderam erroneamente em uma etapa anterior da pesquisa, quando deveriam ter respondido que trabalhavam fora da mídia, entretanto é possível que parte das pessoas que responderam uma das outras opções realmente tenham esses cargos de nomenclatura bastante genérica enquanto realizam funções de mídia. Uma das respostas inclusive foi “Analista de comunicação, editor, fotógrafo e videomaker”.

O item anterior também chama atenção para um outro aspecto observado nas respostas por extenso: jornalistas que responderam realizar mais de uma função. São 27 das 104 respostas variando entre uma listagem de mais de uma função, como “Repórter, diagramador, fotógrafo e editorialista” ou “Editor e redator de site e diretor de vídeo”, passando por respostas mais amplas, como “Diversas” ou “Multitarefa”, e chegando até literalmente “Todas as funções” ou “Faz tudo!!!”. Embora essas respostas representem uma parcela minoritária da amostra geral, apontam a relevante questão sobre acúmulo de funções no jornalismo, especialmente dada a possibilidade de parte daquele grupo de 92,1% que escolheram uma das dezesseis funções presentes na pesquisa também realizarem mais de uma, e

terem apenas assinalado a que consideravam mais relevante.

Tabela 26 – Qual é a sua função?

	Frequência	Porcentagem válida
Repórter	487	37,1
Editor (a) (inclui editor (a) executivo (a) e editor (a) assistente)	308	23,4
Produtor (a)	81	6,2
Diretor (a)/Gestor (a)	68	5,2
Coordenador(a)	66	5,0
Chefe de redação	53	4,0
Gestor (a) de redes sociais	36	2,7
Âncora	33	2,5
Repórter fotográfica (o)	20	1,5
Colunista	18	1,4
Repórter cinematográfica (o)	13	1,0
Consultor (a)	9	0,7
Correspondente	6	0,5
Editorialista	6	0,5
Diagramador	5	0,4
Ilustrador (a)	1	0,1



Outra. Qual?	104	7,9
Total respostas válidas	1314	100,0

Tabela 26.1 – Outra. Qual?

	Frequência
Assessor/a (inclui de comunicação e imprensa)	22
Redator/a	13
Analista de comunicação	4
Estagiário/a	3
Chefe de reportagem	2
Comentarista	2
Editor/a de vídeo	2
Pauteiro/a	2
Mais de uma	Analista de Comunicação / Assessora de Imprensa; Analista de comunicação, editor, fotógrafo e videomaker; Diversas; Diagramador, designer gráfico e arte finalista; Diretor de Imagem / Editor de Mídia Audiovisual; Editor de vídeo e podcasts; Editor e redator de site e diretor de vídeo; Eu faço fotos de eventos, escrevo, edito (matérias, fotos e vídeos), alimento o site da entidade.; Faz Tudo!!!; Repórter, editor, diagramador, ilustrador, produtor...; Jornalista (produção e reportagem), editora, revisora, fotógrafa; Faço todos os processos; Faço tudo relacionado à comunicação; Multitarefa: repórter, repórter fotográfica, edi-

	tora e gestora de redes sociais e site; Multitarefa; Pauta, produção, redação, edição; Produtora de conteúdo e autora roteirista; Produtor/Repórter/Apresentador/Editor; Redator/Fechamento; Repórter e colunista; Repórter, diagramador, fotógrafo e editorialista; Repórter, edição, colunista, pauteira; Repórter, editor, repórter fotográfico, produtor....; Repórter, produtor, editor (sou freelancer); Reporter, redator, editor, produtor, gerente, atendimento ao cliente, etc.; Sou redatora. Escrevo matérias a partir de agências. Cuido de redes sociais e responde emails enviados à ascom; subeditora, colunista e repórter; Todas as funções; Todas.; Variável. Repórter, editora, colunista... depende do meio, não tenho um principal
Respostas únicas	Analista de Audiência; Assistente de Conteúdo; Apresentadora de um programa sobre saúde; Autor Roteirista; Auxiliar de produção; Consultoria de comunicação estratégica; Diretor de Comunicação; Documentarista; Editor de texto; Editor-chefe; Gerente de jornalismo; Infografista; locutor; Monitoramento de conteúdo; Narrador; produtor; Produtor de conteúdo; Programador; Qualidade de Conteúdo; Redatora Web; Redatora/jornalista multimídia; Repórter-redator; Secretária de Comunicação; subeditora; Video jornalista (edita, capta
Total	104

O grupo de jornalistas que trabalhavam na mídia também foi questionado sobre quais atividades desenvolvem em um dia normal de trabalho. Essa era uma das perguntas do questionário que permitia a seleção de mais de uma resposta simultaneamente, proporcionando um número de respostas maior do que 100% dos respondentes. Neste caso específico, a diferença entre o número de respostas e o de respondentes foi muito notável, com quase quatro vezes mais respostas do que os 1.314 respondentes, sendo o número total de respostas válidas consideradas, 5.009. Esse dado pode ser visto como um possível indicador



de acúmulo de funções entre jornalistas na mídia.

Três atividades são realizadas pela maioria desse grupo de jornalistas que trabalha em mídia: 68% fazem reportagem; 64,7% trabalham com pauta e/ou produção; e 57,3% realizam edição. Dadas essas três porcentagens, costumam realizar atividades de reportagem.

Tabela 27 – Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho?
(É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Reportagem	894	68,0
Pauta / produção	850	64,7
Edição	753	57,3
Gestão / Produção de conteúdo para redes sociais	358	27,3
Gestão / Coordenação (de equipes)	305	23,2
Planejamento de projetos editoriais	273	20,8
Assessoria de imprensa	257	19,6
Apresentação / Locução	257	19,6
Atividades administrativas	226	17,2
Fotografia	215	16,4
Comunicação interna	178	13,6
Chefia de redação	174	13,2
Cinegrafia (captação de vídeo)	102	7,8
Diagramação / Design gráfico	103	7,8

Outra (s). Qual (is)?	64	4,9
Total respondentes válidos	1314	100,0
Total respostas	5009	

Tabela 27.1 - Outra

	Frequência
Administração de redes sociais	4
Edição de vídeo	2
Infografia	2
Redação de textos	2
Mais de uma	Apuração de informações, produção de podcast, análise de informações; Diversas; edição de vídeo e fotos, podcasts; Edição de vídeo e podcasts; gerenciamento de crises; media training; Planejamento de conteúdo, avaliação de conteúdo de programas; Podcast e roteiro de video; produção e edição de narrativas em áudio (podcast); Redação de colunas, editoriais, ensaios, reportagens esporádicas; Redação e revisão de conteúdo online; Reportagem, Diagramação, Edição, Fotografia, Chefia de redação, etc.;Repórter, apresentadora, locutora, assessoria de comunicação; Representação em reuniões, trato com a audiência, elaboração de documentos internos, entre outras; Revisão de texto e de diagramação; Roteiro e edição de áudio; SEO e redes sociais; Site, levantamento de dados e direção de vídeos publicitários; Todas (duas menções); Tradução, redação; Transcrições e revisoes; TUDO



Respostas únicas	.; Análise e monitoramento de desinformação; Análises de audiência, estratégia; Artigos opinativos; assessoria da presidência; Atividade laboratorial.; Blogue; Comento; Coordenação de transmissão de eventos esportivos; Criação de texto para blog/site; desenvolvimento de software; Direção de Imagem; Direção de transmissão de conteúdo ao vivo; Diretor; Entrevista; Fact-checking; Fechamento de programa diário de televisão; Funções de editor-chefe de telejornal; Gestão e planejamento de comunicação em nível institucional e público-educativa (rádio e TV); Ilustração; Marketing digital; Newsletter; Preparação de textos de outros colegas, no fechamento, como editor assistente; Produção de artigos e crônicas on line. temas variados.; Produção de Conteúdos; produção de textos para o site da CNN Brasil, que, na maioria, foram transmitidos na TV; Programação html; Programação musical; Publicação web; Querem de repórter fazer web. Me recuso pq não tenho conhecimento pra tal e dedico meu tempo ao impresso. Extrapolaria horas/trabalho pra fazer mais um serviço para o qual não sou habilitada e nem ofereci ao contratante. A empresa abusa com cláusulas de contrato.; Revisão e correção de textos; Roteiro
Total	64

3.2. O trabalho dos jornalistas fora da mídia

Considerando o universo pesquisado, é possível afirmar que mais de 1/3 dos jornalistas brasileiros (34,9%) trabalham fora da mídia, contemplando as seguintes atividades: assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico.

O maior percentual desses trabalhadores (**Tabela 28**) indicou que sua atividade principal é realizada em assessorias de imprensa (43,4%), compreendendo a assessoria como uma organização que tem como atividade principal o relacionamento com os veículos noticiosos e não como a atividade em si, que pode ser realizada em outros tipos de organizações. Os jornalistas também têm como meios profissionais preferenciais fora da mídia empresas ou órgãos públicos (17,1%), agências de comunicação (15,1%) e organizações do terceiro setor ou da sociedade civil (10%).

Um número menor atua em outras instituições privadas (8,2%) e apenas 2,5% dos jornalistas acabam indo trabalhar em agências de publicidade. A indicação de outros ambientes (3,7%) revelou principalmente atividades junto a políticos, sindicatos e organizações públicas e privadas, nacionais e internacionais, principalmente dentro do escopo do jornalismo empresarial, de assessoria de imprensa e de comunicação, além de produção de conteúdo para mídias sociais e marketing¹⁹.

Tabela 28 – Em que ramo de atuação você exerce sua atividade principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Assessoria de imprensa	343	43,4
Empresas ou órgãos públicos	135	17,1

¹⁹ Analista de comunicação, produção de conteúdo, consultoria em mkt e comunicação, Analista de marketing de conteúdo, Assessoria de Comunicação, Central Sindical, Comunicação Institucional, Coordenação de Comunicação de mandato de deputado federal, Editora, Editora de livros e revistas, Editorial e produção de entrevistas e documentários, Empreendedor, Empresa de aplicativo de empreendedor, Entidade de jornalistas, Equipe de mídia e conteúdo de uma empresa que não é de comunicação, Freelancer, Ghost writer, redação e edição de livros biográficos, Imprensa Sindical, inbound marketing e conteúdo digital, Jornalismo empresarial - comunicação interna, Organismo internacional (2 menções), Organização do terceiro setor e empresa pública, Partido político, Produção de conteúdo e também assessoria de imprensa, Produção de conteúdo para blog e redes sociais (marketing de conteúdo), Sindicato, Sindicato de trabalhadores, Social media, apesar de ser registrado como jornalista, Startup de tecnologia, Terceirizada para assessoria de comunicação de órgão público.



Agência de comunicação	119	15,1
Organizações do terceiro setor ou da sociedade civil	79	10,0
Outras instituições privadas	65	8,2
Agência de publicidade	20	2,5
Outro. Qual?	29	3,7
Total	790	100,0

Os trabalhadores de fora da mídia (**Tabela 29**) se encontram majoritariamente em empresas privadas (48,9%) de micro (7,7%), pequeno (14,4%), médio (13,4%) e grande porte (13,4%), sem contar os microempreendedores individuais (6,2%) que não estão vinculados a nenhuma organização, mas que pertencem ao mundo privado. Dos que atuam no setor público (38,7%) o maior percentual está na esfera estadual (14,8%), seguida pela municipal (12,9%) e federal (11%) e há um pequeno percentual (5,4%) dos que atuam em organizações de propriedade mista (público e privada).

Tabela 29 – Como você caracteriza o perfil da instituição na qual trabalha?
(Considere sua ocupação principal.)

	Frequência	Porcentagem válida
Instituição pública estadual	117	14,8
Pequena empresa privada	114	14,4
Média empresa privada	106	13,4
Grande empresa privada	106	13,4

Instituição pública municipal	102	12,9
Instituição pública federal	87	11,0
Microempresa privada	61	7,7
Microempreendedor (a) Individual	49	6,2
Propriedade mista (público-privada)	43	5,4
Instituição pública internacional	5	0,6
Total respostas válidas	790	100,0

Dada a variação de respondentes, o percentual dos que afirmam não atuar em órgãos públicos variou um pouco da resposta anterior, que era 55,1%, para 59,9%, reforçando a indicação de que as atividades fora da mídia se dão, majoritariamente, no ambiente privado (**Tabela 30**). Dos que atuam em órgãos públicos, 24,2% estão no Executivo, 6,9% estão no Legislativo e apenas 2,3% estão no Poder Judiciário (1,4%) e no Ministério Público (0,9%). No entanto, 6,6% afirmaram trabalhar em outros órgãos que se posicionam entre o setor público e o privado como autarquias, conselhos de classe, empresas, institutos e fundações públicas e universidades, entre outros.²⁰

²⁰ Administração Pública Indireta, Agência reguladora, Autarquia (5 menções, referentes aos vários níveis de governo), Conselho (5 menções, referentes aos vários tipos de conselho), Consórcio, Defensoria Pública (2 menções), Embrapa, Empresa de economia mista, Fundação, Fundação Oswaldo Cruz (2 menções), Hospitalar filantrópico sob intervenção municipal, IBGE, Movimento sindical, O hospital é público, mas sou contratada pela O.S. que a administra, ONU, Organização Social de Saúde, Partido político, Polícia Militar, Público privada estadual, SENAI, Sindicato (2 menções), Sindicato de servidores públicos, Sindicato de servidores públicos federais, Sindicato trabalhista, Tribunal de Contas, Tribunal de Contas do Estado, Universidade (2 menções), Universidade Federal.



Tabela 30 – Se você atua em órgão público, por favor, indique qual poder.

	Frequência	Porcentagem válida
Não atuo em órgão público	460	59,9
Executivo	186	24,2
Legislativo	53	6,9
Judiciário	11	1,4
Ministério Público	7	0,9
Outro (especifique)	51	6,6
Total respostas válidas	768	100,0

A grande maioria (86,6%) dos jornalistas de fora da mídia (**Tabela 31**) trabalham sozinhos (32,3%) ou em equipes pequenas de até 10 pessoas, sendo 40% com até 4 outros jornalistas e 14,3% entre 5 e 10 profissionais. Em equipes com 11 a 20 profissionais estão 6,7% e em times acima dessa quantidade estão outros 6,4% dos jornalistas brasileiros.

Tabela 31 – Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
De 2 a 4	316	40,0
Só você	255	32,3
De 5 a 10	113	14,3
De 11 a 20	53	6,7
Acima de 51	27	3,4

De 21 a 50	24	3,0
Ninguém é jornalista, incluindo eu	2	0,3
Total respostas válidas	790	100,0

São três as funções principais dos jornalistas fora da mídia (**Tabela 32**), sendo assessor/a de imprensa/comunicação a predominante (44,3%) seguido de produção de conteúdo (18,2%) e de gestão da área de comunicação (12,3%). Nas demais atividades destacam-se as relacionadas à comunicação no meio digital, em suas diferentes denominações (gestor de conteúdos, gerente de redes sociais e marketing digital), com 6,6%. É interessante observar que 4,1% elencaram funções características dos jornalistas que atuam na mídia, como repórter e editor. As respostas que indicam outras funções (5,9%), em geral, dão maior especificidade ao que é feito pelos jornalistas e indicam que eles/elas atuam em três funções principais: são analistas, assessores e produtores de diferentes atividades relacionadas à comunicação organizacional e/ou digital.

Tabela 32 – Qual é a sua função?

	Frequência	Porcentagem válida
Assessor (a) de imprensa/comunicação (atendimento)	350	44,3
Produtor(a) de conteúdo	144	18,2
Gestor (a) de área e/ou de comunicação	97	12,3
Sócia (o) ou sócio (a)-diretor (a)	24	3,0
Repórter	21	2,7
Gestor (a) de conteúdos	19	2,4
Gerente/monitoramento de redes sociais	18	2,3



Gerente/coordenador (a) de projetos	16	2,0
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	15	1,9
Consultor (a)	14	1,8
Editor (a)	11	1,4
Relações Públicas	8	1,0
Fotógrafa (o)	4	0,5
Cinegrafista	1	0,1
Designer/Diagramador (a)	1	0,1
Outra. Qual?	47	5,9
Total respostas válidas	790	100,0

Tabela 32.1 – Outra. Qual?

	Frequência
Analista de comunicação	10
Jornalista	3
Mais de uma	Assessor de imprensa/comunicação (atendimento) e Coordenador de Equipe; Analista de assessoria de imprensa - repórter; Assessor de Comunicação e Produtor de Conteúdo; assessor de imprensa/comunicação (atendimento), fotógrafo, editor, gestor de conteúdos, gerente de redes sociais; Assessoria com produção de conteúdo para site institucio-

	nal, relações públicas, fotógrafa, editora e assessoria; Atendimento, Produtor de Conteúdo e Editor; consultora de comunicação estratégica, assessora executiva de comunicação, redação de branding content; Exerce várias das descritas acima: assessora de imprensa, produtor de conteúdo, monitoramento de redes sociais, inbound marketing e comunicação interna; Exerço as funções de assessora de comunicação, produtora de conteúdo e gerente de mídias sociais; Misto de funções, que passam por assessoria de comunicação, imprensa, edição de site e produtor de conteúdo para redes sociais; Presidente/pauteiro/repórter; Produção de conteúdo e edição audiovisual; Produção de texto, foto (quando necessário), repórter, redes sociais...; Produtor de conteúdo e assessor de comunicação; Todos
Respostas únicas	Analista de Informações Sociais; Analista de Inteligência de Dados; Analista de mkt; Assessora de comunicação e mobilização; Assessora de comunicação em um e social media em outro; Autônoma; Coordenação; Coordenador de comunicação, oficialmente; Diretor de Comunicação; Especialista em Comunicação; Gerente de atendimento a clientes; Líder de comunicação interna; O cargo comissionado é gerente executiva, mas atuo como jornalista; Produtora audiovisual; Produtora de TV e rádio; Revisor; Social Media; supervisor de imprensa; Técnico em comunicação
Total	47

Ao serem questionados sobre as atividades exercidas (**Tabela 33**), 85,8% responderam que parte das tarefas diárias envolve a produção de conteúdo (não necessariamente jornalístico). Além dela, outra atividade bastante citada (74.1%) foi o atendimento como assessor, o que engloba responder demandas de diferentes públicos e em diferentes canais. A



terceira atividade mais exercida é a gestão de conteúdo (53,4%) que engloba pensamento, planejamento e monitoramento de materiais, principalmente em meios digitais, seguida pelo monitoramento de redes sociais (52,2%) como parte das atividades cotidianas. Observa-se que essas atividades estão relacionadas majoritariamente ao universo digital, com exceção do atendimento, que indica o relacionamento com outras pessoas.

Na sequência, são indicadas atividades comumente associadas à profissão, como gestão da área e/ou comunicação (46,1%), reportagem (42,2%), edição (41,8%) e fotografia (32,2%). Depois aparecem outras atividades que se afastam da atividade jornalística tradicional e que necessitam de uma formação complementar como marketing, relações públicas, administração e design.

Tabela 33 – Quais as atividades que você exerce em um dia normal de trabalho? (É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Produção de conteúdo	678	85,8
Assessor de imprensa/comunicação (atendimento)	585	74,1
Gestão de conteúdos	422	53,4
Monitoramento de redes sociais	412	52,2
Gestão de área e/ou comunicação	364	46,1
Reportagem	333	42,2
Edição	330	41,8
Fotografia	254	32,2
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	221	28,0
Relações Públicas	212	26,8

Gestão de projetos	181	22,9
Consultoria	152	19,2
Design gráfico	131	16,6
Planejamento de negócios	71	9,0
Cinegrafia	58	7,3
Outra (s). Qual (is)?	36	4,6
Total respondentes válidos	790	100,0
Total respostas	4440	

Outras tarefas apontadas a partir da categoria “outros” indicam atividades como revisões, clipagem, organização de eventos, edições em geral, roteirização, gestão de equipe e de crise – em grande medida associadas à assessoria de imprensa/comunicação.²¹

²¹ Analista de Inteligência de Dados, Atendimento ao moradores locais via WhatsApp, Cerimonial, Clipagem, Clipagem e cobertura de eventos, Coordenação de equipe de estagiários, Coordenação de equipe, revisão de texto, Coordenação Técnica, Edição e mentoria, Endomarketing, planejamento de ações internas para colaboradores, Entrevistas e revisão de texto, Gerência financeira da tv, Gerenciamento de crise, Gravação e Edição de vídeos, Instrutora na disciplina Mídia e Segurança Pública em curso de formação, Legenda redes sociais, Organização de eventos, Orientação e acompanhamento de estagiários, Pauta, Pesquisa e produção de documentários, Planejamento de comunicação, Planejamento estratégico, eventos, coordenação de campanhas de marketing, Produção de vídeo, planejamento etc., Produção e roteiro de vídeos e podcast, Produtora de TV e rádio, Redação (diferente de reportagem, ao meu ver), Revisão de conteúdos, Revisão de texto (3 menções), Revisão e tradução, Revisor e editor, Roteirização, produção, Social mídia, comunicação interna, Também dou aula no curso de adm marketing.



3.3. O trabalho dos jornalistas em docência

A quase totalidade dos/as jornalistas que trabalham como professores/as estão vinculados/as a departamentos/cursos de Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (88%) e/ou outros departamentos de Comunicação Social, como Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV etc. (34,3%). É importante destacar que se levou em consideração a possível atuação em mais de uma área de conhecimento e a vinculação a mais de um departamento/curso, registrando-se uma porcentagem total de mais de 100% e um quantitativo de 40% de jornalistas professores/as marcando mais de uma opção nesta questão. Uma parcela bem pequena de jornalistas docentes está vinculada a departamento/curso de Linguística, Letras e Artes (6%). As áreas de Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo), Ciências Humanas e opção “Outra” alcançaram a porcentagem de aproximadamente 4% cada uma (**Tabela 34**).²²

Tabela 34 – Em que área do conhecimento você atua como professor (a) atualmente? Assinale a partir do departamento/curso ao qual está vinculada (o).
(É possível selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo	146	88,0
Outros departamentos de Comunicação Social (Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV etc)	57	34,3
Linguística, Letras e Artes	10	6,0

²² As respostas à opção “Outra.Qual?” foram: Ciências da Saúde, Design, Educação Profissional, Indústria Criativa, Pós Graduação em Educação, Programa de Pós-graduação em Comunicação, pesquisa em jornalismo.

Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo)	7	4,2
Ciências Humanas	7	4,2
Outra. Qual?	6	3,6
Total respondentes válidos	166	100,0
Total respostas	233	

Com relação ao tempo de atuação como professor/a de jornalismo, as frequências das respostas foram bem mais distribuídas, na comparação com a área de atuação na docência, bastante homogênea (**Tabela 35**). A maior parte dos/as jornalistas professores/as trabalha de 11 a 20 anos como docente (41%). Três tempos de atuação representaram aproximadamente 13% das respostas: de 7 a 10 anos; entre 1 e 3 anos; e de 21 a 25 anos. Jornalistas que trabalham como professores/as de 4 a 6 anos são 8%. Os períodos de menos de 1 ano e de 26 a 30 anos e mais de trinta anos foram apontados por aproximadamente 4% dos/as jornalistas docentes.

Tabela 35 – Por quanto tempo você trabalha como professor (a) de jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
16 a 20 anos	38	22,9
11 a 15 anos	29	17,5
7 a 10 anos	23	13,9
1 a 3 anos	21	12,7
21 a 25 anos	20	12,0



4 a 6 anos	14	8,4
Menos de 1 ano	7	4,2
26 a 30 anos	7	4,2
mais de 30 anos	6	3,6
Nunca lectionei em jornalismo	1	0,6
Total respostas válidas	166	100,0

Os/as jornalistas professores/as trabalham, em sua maioria, com 5 a 20 docentes graduados em Jornalismo, ou com habilitação em Jornalismo (65%). Mas também foram registrados docentes que atuam em conjunto com 2 a 4 graduados (16%) e com outros 21 a 50 profissionais com a mesma graduação específica (11%). As opções “acima de 51”; “só você” e “ninguém, incluindo eu” representaram menos de 4% da amostra, cada uma (**Tabela 36**).

Tabela 36 – Quantas (os) professores graduadas (os) em Jornalismo ou com habilitação em Jornalismo trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
De 5 a 10	57	34,3
De 11 a 20	52	31,3
De 2 a 4	26	15,7
De 21 a 50	18	10,8
Acima de 51	6	3,6
Só você	4	2,4

Ninguém, incluindo eu	3	1,8
Total respostas válidas	166	100,0

A maior parte dos/as jornalistas docentes trabalha em Universidade de Iniciativa Privada (30%), quantitativo bastante próximo daqueles/as que atuam em Universidade Federal (28%). Apenas 12% da amostra possui vínculos simultâneos com Instituições de Ensino Superior de natureza diferente, ou seja, marcou mais de uma opção de resposta. Aproximadamente 10% dos/as jornalistas docentes atuam em Centro de Ensino Superior Privado; e/ou em Universidade Estadual; e/ou em Universidade Confessional e/ou Faculdade de Iniciativa Privada, cada uma. Apenas 7% trabalham em Universidade Comunitária ou similar. As demais opções de instituições alcançaram menos de 2% de frequência na amostra, cada uma (**Tabela 37**).²³

Tabela 37 – Em que tipo de instituição de ensino superior você trabalha?
(É possível selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Universidade de Iniciativa Privada	49	29,5
Universidade Federal	47	28,3
Centro de Ensino Superior Privado	18	10,8
Universidade Estadual	16	9,6
Universidade Confessional	15	9,0

²³ As respostas à opção “Outra. Qual?” foram: Curso técnico / Cursos livres / Educação Profissional / Fundação / Leciono em cursos [anonimizado].



Faculdade de Iniciativa Privada	15	9,0
Universidade Comunitária ou similar	11	6,6
Centro de Ensino Superior Confessional	3	1,8
Universidade Municipal	2	1,2
Faculdade Comunitária ou similar	1	0,6
Faculdade Estadual	1	0,6
Faculdade Municipal	1	0,6
Centro de Ensino Superior Comunitário ou similar	1	0,6
Centro de Ensino Superior Municipal	1	0,6
Outra. Qual?	5	3,0
Total respondentes válidos	166	100,0
Total respostas	186	

A grande maioria dos/as jornalistas docentes não atua na pós-graduação stricto sensu (63%). Aqueles que atuam, estão majoritariamente em cursos na área de Comunicação (25%), mas também houve registro de docentes vinculados a programas de Jornalismo (5%). Áreas correlatas como Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo) e Ciências Humanas contam com 4% e 3%, respectivamente. Apenas 4% da amostra afirmaram estar vinculados a outras áreas de atuação na pós-graduação²⁴ (**Tabela 38**).

²⁴ Elas são: Área Interdisciplinar e Ciência da Informação / Área Interdisciplinar / Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea [anonimizado] - mestrado acadêmico e doutorado / Direitos Humanos / Economia Criativa / Educação / Promoção da Saúde

Tabela 38 – Você está vinculada (o) como docente à pós-graduação stricto sensu? (É possível selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Não	105	63,3
Sim, na área da Comunicação	41	24,7
Sim, em Jornalismo	8	4,8
Sim, na área de Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo)	7	4,2
Sim, nas Ciências Humanas	5	3,0
Sim, em outra(s) área (s) do conhecimento. Qual (is)?	7	4,2
Total respondentes válidos	166	100,0
Total respostas	173	



4. Características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança

Pelos dados apresentados, a maioria (51,5%) dos/as profissionais mantém-se em seu trabalho principal há três anos ou menos. O segundo bloco mais representativo indica que 15,5% dos/as profissionais estão em seu trabalho principal de três a seis anos. Quando apenas 12,9% dos/as profissionais afirmam que permanecem em seu trabalho principal entre seis e dez anos, dá-se conta do fenômeno da rotatividade no ambiente de trabalho de jornalistas. Essas informações, quando cruzadas com dados sobre profissionais em situação de desemprego, e que pudessem indicar quantos meses/anos permaneceram no trabalho, poderiam estabelecer padrões mais precisos de rotatividade da mão de obra. Todas as respostas correspondentes a Outro apontam permanências de meses, semanas ou até dias (**Tabela 39**).

Tabela 39 – Você está há quanto tempo no seu trabalho principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Até 1 ano	582	25,8
Entre 1 e 3 anos	579	25,7
De 3 a 6 anos	352	15,6
Entre 6 e 10 anos	290	12,9
De 10 a 20 anos	281	12,5



Entre 20 e 30 anos	94	4,2
Mais de 30 anos	64	2,8
Outro (especifique)	13	0,6
Total	2255	100,0

Quase 62% dos/as jornalistas respondentes afirmaram que, nos últimos seis meses, executaram seu principal trabalho, e na maior parte do tempo, em casa, com todas as consequências que esse “novo ambiente” pode representar em termos de qualidade final da informação jornalística e precarização do trabalho (**Tabela 40**). O percentual que vem a seguir indica longínquos 24% dos/as jornalistas que trabalharam, nos últimos seis meses e em seu trabalho principal, na empresa ou em outro local. Esses dados dialogam diretamente com o período que o questionário da pesquisa esteve aberto para respostas, entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021, dentro do calendário pandêmico. Ressalte-se que o segmento em que atua o/a profissional jornalista pode indicar situações anteriores de *home office*. É o caso de se olhar mais atentamente as respostas de jornalistas que têm seu principal trabalho em iniciativas de jornalismo independente, nas quais a realidade da redação virtual é pré-pandêmica.²⁵

²⁵ As respostas à opção “Outro. Onde?” foram: Devido à pandemia, estava até julho somente em casa, mas esse mês voltei para o presencial 100%, Em campo, Em casa ou em cobertura de atividades de rua, Em viagens, Era em casa por 1 ano e 4 meses. Voltamos na quinta-feira passada e já tem gente gripada e estamos esperando resultados para saber se é covid mas empresa não falou nada ainda. Há oito meses, sou impedida de exercer minha função como jornalista em razão de abuso de poder e assédio moral praticados pela gestão da Fundação em que eu trabalho. De março a outubro de 2020, realizava meu trabalho em regime de home office e, antes, de forma presencial. Na empresa. Nas locações agendadas pela produção, Nas ruas, No estúdio e em casa, Parte em casa e parte em campo, Parte em casa e parte em local público sem acesso a internet.

Tabela 40 – Considerando os últimos seis meses, onde você executa seu trabalho principal na maior parte do tempo?

	Frequência	Porcentagem válida
Em casa	1383	61,3
Em empresa ou outro local de trabalho	541	24,0
Parte em casa e outra parte do tempo na organização em que trabalho	246	10,9
Em local privado com acesso à Internet	46	2,0
Em local público com acesso à Internet	27	1,2
Outro. Onde?	12	0,5
Total	2255	100,0

O próximo questionamento se relaciona diretamente com a perspectiva de trabalho em *home office*, pois considera os últimos seis meses do trabalho principal do/a jornalista. Quase metade dos/as respondentes (47%) indicaram que, considerando os seis meses anteriores, a sua infraestrutura de trabalho foi custeada por ele/a mesmo/a. Quando observa-se que 33,5% dos/as respondentes tiveram sua infraestrutura bancada pela instituição/empresa em que trabalham, e que apenas 24% trabalharam exclusivamente na empresa/outro local de trabalho, presume-se algo em torno de 10% dos/as profissionais que, mesmo trabalhando fora das instituições/empresas, tiveram sua infraestrutura de trabalho custeada por seus empregadores – o que, ao final das contas, pode se mostrar um bom investimento do empresariado, em se tratando da diminuição de seus custos de produção. Essas respostas podem sofrer influência do segmento ocupacional de profissionais jornalistas freelancer, o



que gera necessidade do cruzamento dessas informações. (Tabela 41).²⁶

Tabela 41 – Os equipamentos, móveis, softwares e outros itens necessários para seu trabalho foram pagos por quem? (Considere os últimos seis meses e o lugar onde você passa mais tempo trabalhando.)

	Frequência	Porcentagem válida
Por mim mesma (o)	1059	47,0
Instituição/empresa para a qual trabalho	756	33,5
Parte por mim e parte pela instituição contratante	414	18,4
Por familiares	20	0,9
Outro. Qual?	6	0,3
Total	2255	100,0

A maioria dos/as profissionais jornalistas ainda mantêm apenas um único trabalho (52,7%). No entanto, esse dado não qualifica a carga horária do/a trabalhador/a. Por outras pesquisas realizadas, constata-se que o número de horas trabalhadas sofreu acréscimo no período da pandemia, sem o consequente aumento de remuneração – realidade vinculada, também, ao trabalho *home office*. Essas informações lançam dúvidas sobre uma primeira interpretação, mais apressada, que poderia dar conta de que a manutenção de um único

²⁶ As respostas à opção “Outro. Qual?” foram: Câmera microfone tudo da empresa. Porém uso muito meu celular particular para o trabalho, sendo que ele é necessário para o desempenho da minha função, Maior parte do tempo fico na Redação. Esporadicamente em casa, com meu mobiliário e computador. O computador e internet são meus, mas peguei a cadeira emprestada do trabalho, depois de quase um ano de pandemia, pq a minha estava dando dores nas costas. Quem não tinha computador pode levar o do trabalho pra casa tb. Por mim e familiares Quase tudo por mim. A empresa ofereceu auxílio para mobiliário, Uma parte por mim, e outra parte por familiares.

trabalho pelo/a profissional jornalista seria indicativo de não precarização no trabalho e de uma melhor qualidade de vida. Um cruzamento de informações possível seria verificar em quais ambientes de ocupação os/as profissionais que têm mais de um trabalho atuam. Isso possibilitaria, por exemplo, estabelecer se a atuação simultânea em instituições privadas e públicas ainda é representativa, indicando eventual possibilidade de conflitos éticos na profissão. Impressiona o dado que indica que 2,4% dos/as respondentes possuem quatro ou mais trabalhos (**Tabela 42**).

Tabela 42 – Incluindo sua ocupação principal, quantos empregos (ou fontes de renda) diferentes você tem atualmente?

	Frequência	Porcentagem válida
Um	1189	52,7
Dois	645	28,6
Três	176	7,8
Nenhum	115	5,1
Atuo como freelancer	76	3,4
Quatro ou mais	54	2,4
Total	2255	100,0

É importante observar que, mesmo para aqueles/as profissionais jornalistas que têm mais de um emprego ou fonte de renda, as áreas relacionadas a essas atividades (no plural, mesmo, uma vez que 10,2% desses/as profissionais indicam ter três, quatro ou mais trabalhos) continuam gravitando em torno do jornalismo ou da comunicação. As áreas relacionadas à mídia seguem representando a opção preferencial dessas atividades secundárias, com 37,6% das indicações, embora o percentual que diz ter uma segunda ou mais atividades fora



da mídia seja muito próximo (34,6%). O alcance da docência em jornalismo também é representativo, alcançando quase 1 em cada 10 jornalistas.

Ao se analisar os que mantêm atividades secundárias sem relação com o conhecimento jornalístico, e que representam 21,6% das indicações, são listadas 173 atividades. Mas, como se trata de uma questão aberta, as atividades indicadas podem sofrer apenas variações de expressão, como é o caso de fotografia, que aparece como “fotógrafo”, “fotografia”, “Fotografia” (o software de análise das respostas diferencia letras maiúsculas de minúsculas), “FOTOGRAFIA”, “Fotografia e produção audiovisual”, “Fotografia e social media”. Ressalte-se que 26 dos/as respondentes (13,5% dos que têm atividades secundárias fora do jornalismo) fazem alusão a já terem aposentadoria.

Mesmo que a pergunta tenha sido específica (indicar atividade “Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele”), algumas respostas podem ter sua validade questionada, quando levamos em consideração a pergunta que originou essas informações. Por exemplo, a resposta “freelancer”, indicada por tantos respondentes, pode não indicar atividade fora do jornalismo, quando levamos em conta respostas como “Pesquisa, reportagens freelancers” ou “produção de textos e diagramação como freelancer”. Outro destaque que poderíamos levantar seria sobre profissionais que investem na continuidade da formação, como mestrandos/as ou doutorandos/as, grupo que representa 4,1% das respostas.

Outras categorias de respostas não permitem uma análise precisa se foram dadas levando-se em consideração a pergunta inicial. Entre essas categorias, estão profissionais jornalistas que indicaram exercer atividades relacionadas à “fotografia”, exercerem “consultoria” ou praticarem “empreendedorismo” e atuarem como “servidor público”. Mesmo optando por uma área “Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele”, a partir da(s) atividade(s) secundária(s), muitas das indicações certamente incorporam o conhecimento jornalístico a essa outra atividade, como “Apoio a áreas de marketing e comunicação de grandes empresas”, “Audiovisual para a cultura, música e arte”, “Edição e revisão de texto”, “Faço alguns releases/assessorias de imprensa de lançamentos musicais por fora”, “Fotografia e social media”, “Produção de conteúdo para agência de publicidade”, “Produção de conteúdo para redes sociais”, “Produção de Documentário”, “Redação, correção e formatação de textos, revisão de texto”.

Há também respondentes que optaram por migrar para outras áreas não correlatas a jornalismo ou comunicação, como sacerdócio, serviços relacionados a carga e descarga, trabalho sexual ou cuidado de animais. (**Tabela 43**).

Tabela 43 – Se você tem mais de um emprego ou fonte de renda, qual a área de atuação da atividade secundária? (É possível assinalar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo jornalístico etc.)	335	37,6
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico)	308	34,6
Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?	192	21,6
Docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	85	9,6
Só tenho um trabalho	73	8,2
Total de respondentes válidos	890	100,0
Total de respostas	993	



Tabela 43.1 – Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?

	Frequência
Aposentadoria	23
Comércio	7
Aluguel de imóveis	6
Fotografia	6
Bolsista (pós-graduação, pesquisa e graduação)	5
Edição/Revisão de texto	5
Aulas de idiomas	4
Tradução	4
Advocacia	3
Audiovisual	3
Gastronomia	3
Pós-graduação	3
Música / Produção musical	3
Serviço público	3
Arte	2
Artesanato	2
Cinema	2

Consultoria	2
Direito	2
Educação	2
Empreendedorismo	2
Freelance	2
ONG	2
Produção cultural	2
Produção de conteúdo para redes sociais	2
Recebe pensão	2
Restaurante	2
Mais de uma	a outra fonte de renda é aposentadoria. Antes da pandemia também atuei com outra formação na área de saúde.; Arte e entretenimento; Bares e entregas; Consultoria e gestão; consultoria e gestão administrativa de empresa; Descarrego caminhões, passeio com cães; Fotografia e produção audiovisual.; Fotografia e social media; Já sou aposentado e durante a pandemia criei uma marca de alimentos (Quiches e Tortas); mídias sociais, moda/brechó; Negócio próprio relacionado a alimentação e investimentos; Pesquisa, reportagens freelancers; Produção Cultural, cinema; produção de textos e diagramação como freelancer; Professora de inglês e agente de turismo; Professora de Mestrado Profissionalizante e aposentadoria; Redação, correção e formatação de textos; revisão de textos e docência (ensino fundamental II); Revisão e produção textual; Sou jornalista aposentada e



	faço freelancer; Trabalho como jornalista e tenho já, a aposentadoria.
Respostas únicas	Administrativa; Analista de TI; Apoio a áreas de marketing e comunicação de grandes empresas; Árbitra de futebol; Assessoria; Assessoria política; Atendimento ao público; autora de livros didáticos; Auxiliar de Manipulação; Borracharia; Brechó; Cantora; Coaching; Contabilidade; corretagem imobiliária; Cursos de escrita criativa/literária/ensaio; Direção de cena; E-commerce; Edição de livros; Ensino de audiovisual; Escrevo livros; Escritório de advocacia; Esporte; Eventos; Faço alguns releases/assessorias de imprensa de lançamentos musicais por fora; farmácia; Finanças; gráfica; Horta orgânica; Ilustração; Indenização recebida pelo afastamento do último emprego; Influenciadora digital; Leitora de deficiente visual; Literatura; Locução; Magistério público; Marketing; Marketing digital; Mestre de cerimônias; Mídia social; Minha empresa presta serviços de análises de dados para o terceiro setor; Papelaria personalizada; Pesquisadora; Política; Produção de brindes promocionais; Produção de conteúdo para agência de publicidade; Produção de Documentário; Professora de reforço para alunos do ensino fundamental 1; Programação de websites; Prospecção vendas; Ramo Imobiliário; Recepcionista; Redatora; Religião; Rh; Sacerdócio; Social sou instrutora de yoga e pago algumas contas com essa remuneração; Sou produtora rural; Teatro; Tecnologia da informação; telemarketing; Tenho uma editora de vidros; trabalho sexual; Venda de cursos online; Vendas
Total	192

O exercício profissional do jornalismo é regulamentado pelo Decreto-Lei 972/69, por sua vez regulamentado pelo Decreto 83.284/79. O Decreto, em seu Art. 15, afirma que “O salário de jornalista não poderá ser ajustado nos contratos individuais de trabalho, para a jornada normal de 5 horas, em base inferior à do salário estipulado, para a respectiva função em acordo ou convenção coletiva de trabalho, ou sentença normativa da Justiça do Trabalho”. Daí que regulamenta a jornada regular de trabalho do/a jornalista como sendo de cinco horas.

A reestruturação produtiva pela qual passa o capitalismo e, por consequência, as empresas jornalísticas, afeta essa determinação. Assim, 79,3% dos/as jornalistas brasileiros/as afirmam trabalhar mais de cinco horas diárias, embora as horas extras também sejam regulamentadas pela legislação. Esse percentual poderia ser ainda maior, porque um dos itens possíveis de resposta estabelece a carga horária “Entre 5 e 6 horas”, o que gera imprecisão no cálculo de quem trabalha mais de 5 horas diárias. O segmento mais representativo é aquele que trabalha entre 7 e 8 horas, representando 37,1% dos/as profissionais. Depois, de 9 a 10 horas, com 29,6%. Um percentual de 3,2% trabalha impressionantes 13 horas ou mais. A interpretação dessas respostas deve levar em consideração que essa carga horária de trabalho pode ser exercida não apenas com o jornalismo, uma vez que 21,57% desses/as profissionais exercem outra(s) atividade(s), nem sempre relacionada(s) à profissão (**Tabela 44**).

Tabela 44 – Em média quantas horas você trabalha por dia?

	Frequência	Porcentagem válida
Entre 7 e 8 horas	749	37,1
De 9 a 10 horas	597	29,6
De 5 a 6 horas	340	16,9
Entre 11 e 12 horas	189	9,4
Até 4 horas	77	3,8

13 horas ou mais	65	3,2
Total	2017	100,0

Em torno das folgas de trabalho, o segmento mais representativo da categoria ainda se encontra dentro da “normalidade”, pois 36,9% dos/as jornalistas respondentes indicaram ter 8 folgas mensais. Depois, vêm aqueles/as com 4 folgas mensais, representando 17,3%. Tomando-se os extremos, 7,4% não conseguem ter nenhuma folga no trabalho que realizam, certamente representados/as por aqueles/as que trabalham 13 horas ou mais (3,2%) ou possuem 4 ou mais trabalhos (2,4%). Na outra ponta, os/as que têm 12 folgas de 24 horas ininterruptas em um mês de trabalho (9%) (**Tabela 45**).

Tabela 45 – Em geral, quantas folgas você tem em um mês de trabalho (ao menos 24h de descanso ininterruptas)?

	Frequência	Porcentagem válida
8	744	36,9
4	349	17,3
6	252	12,5
2	156	7,7
0	149	7,4
7	87	4,3
1	82	4,1
5	71	3,5

3	57	2,8
10	26	1,3
9	25	1,2
12	18	0,9
11	1	0,0
Total	2017	100,0

4.1. Indicadores de saúde laboral e segurança

A maior parte dos jornalistas respondentes (66,2%) afirmou sentir estresse no trabalho; pouco mais de um terço da categoria (34,1%) já teve o estresse diagnosticado, e 20,1% responderam que receberam o diagnóstico de algum transtorno mental relacionado ao trabalho (Tabelas 46 a 48).

Tabela 46 – Você se sente estressada (o) no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	1336	66,2
Não	681	33,8
Total	2017	100,0



Tabela 47 – Você já foi diagnosticada (o) com estresse?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1329	65,9
Sim	688	34,1
Total	2017	100,0

Tabela 48 – Você já foi diagnosticada (o) com algum transtorno mental relacionado ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1611	79,9
Sim	406	20,1
Total	2017	100,0

O consumo de antidepressivos foi indicado para 31,4% dos jornalistas que responderam à pesquisa; 19,9% deles já foi diagnosticado com algum sintoma de LER/DORT, sendo que 7,4% já precisou pegar licença de trabalho por esses problemas de saúde (**Tabelas 49 a 51**).

Menos da metade dos jornalistas respondentes (44,2%) considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos, enquanto a maioria (55,8%) avalia que seus esforços não são reconhecidos. Por último, 7 em cada 10 jornalistas (71,5%) afirmam ser comum trabalhar mais que o período contratado, por meio de horas extras (**Tabelas 52 e 53**).

Tabela 49 – Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1384	68,6
Sim	633	31,4
Total	2017	100,0

Tabela 50 – Você já foi diagnosticada (o) com algum sintoma de LER/DORT?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1615	80,1
Sim	402	19,9
Total	2017	100,0

Tabela 51 – Você já precisou pegar licença do trabalho por problemas de LER/DORT?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1867	92,6
Sim	150	7,4
Total	2017	100,0



Tabela 52 – Você considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1125	55,8
Sim	892	44,2
Total	2017	100,0

Tabela 53 – É comum você trabalhar mais do que o contratado (fazer horas-extras)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	1443	71,5
Não	574	28,5
Total	2017	100,0

O assédio moral no trabalho foi confirmado por 40,6% dos jornalistas respondentes e o assédio sexual apareceu em 11,1% das respostas (Tabelas 54 e 55). Em relação à violência no ambiente laboral, 32,7% afirmaram ter sofrido violência verbal no trabalho, enquanto 2,6% já foram agredidos/as fisicamente no trabalho ou em decorrência dele, além disso, outros 29,1% sofreram ataques ou ameaças virtuais em decorrência do seu trabalho (Tabelas 56 a 58). A vigilância/monitoramento digital por superiores hierárquicos já aconteceu para 27,1% dos jornalistas; menos da metade dos respondentes (42,9%) já foram constrangidos/as no trabalho por gestores ou superiores (Tabelas 59 e 60).

Ao serem questionados/as se já realizaram alguma atividade profissional sob algum tipo de coação, 17,8% dos/as jornalistas responderam afirmativamente; por outro lado, 35% afirmaram que já deixaram de fazer alguma atividade profissional por receio de sofrer retaliação (Tabelas 61 e 62).

Apenas 7% dos jornalistas que responderam à pesquisa já formalizaram denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão; 3,4% afirmaram ter familiares que já sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho (Tabelas 63 e 64).

Quando se trata de assédio moral ou sexual no trabalho, os números são bem distintos. Pouco mais da metade (51,9%) declaram já ter presenciado alguma situação de assédio moral contra colega conhecido/a, enquanto e 18% presenciaram alguma situação de assédio sexual no trabalho contra colega conhecido/a (Tabelas 65 e 66).

Tabela 54 – Você já sofreu assédio moral no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1199	59,4
Sim	818	40,6
Total	2017	100,0

Tabela 55 – Você já sofreu assédio sexual no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1793	88,9
Sim	224	11,1
Total	2017	100,0



Tabela 56 – Você já sofreu violência verbal no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1357	67,3
Sim	660	32,7
Total	2017	100,0

Tabela 57 – Você já foi agredida (o) fisicamente no trabalho ou em decorrência dele?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1965	97,4
Sim	52	2,6
Total	2017	100,0

Tabela 58 – Você já sofreu ataques ou ameaças virtuais devido ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1431	70,9
Sim	586	29,1
Total	2017	100,0

Tabela 59 – Você já sofreu vigilância/monitoramento digital por superiores hierárquicos?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1470	72,9
Sim	547	27,1
Total	2017	100,0

Tabela 60 – Você já foi constrangida (o) no trabalho por gestores ou superiores?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1151	57,1
Sim	866	42,9
Total	2017	100,0

Tabela 61 – Você já realizou alguma atividade profissional sob algum tipo de coação?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1657	82,2
Sim	360	17,8
Total	2017	100,0



Tabela 62 – Você já deixou de realizar alguma atividade profissional por receio de sofrer retaliação?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1311	65,0
Sim	706	35,0
Total	2017	100,0

Tabela 63 – Você já formalizou denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1876	93,0
Sim	141	7,0
Total	2017	100,0

Tabela 64 – Seus familiares já sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1948	96,6
Sim	69	3,4
Total	2017	100,0

Tabela 65 – Você já presenciou alguma situação de assédio moral no trabalho contra colega/conhecida(o)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	1046	51,9
Não	971	48,1
Total	2017	100,0

Tabela 66 – Você já presenciou alguma situação de assédio sexual no trabalho contra colega/conhecida(o)?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1654	82,0
Sim	363	18,0
Total	2017	100,0



5. Satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião

Ao serem questionados sobre o grau de satisfação com o seu trabalho atual (**Tabelas 67.1 a 67.15**), quanto às possibilidades de promoção, 26,7% dos respondentes disse não estar nem satisfeito nem insatisfeito; 32,8% estão satisfeitos (25,3% se consideram satisfeitos e 7,5% muito satisfeitos) (**Tabela 67.1**). Em contrapartida, 28% não estão satisfeitos (12% dizem estar muito insatisfeitos e 16%, insatisfeitos).

Tabela 67.1 – Possibilidades de promoção

	Frequência	Porcentagem válida
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	539	26,7
Satisfeita (o)	511	25,3
Insatisfeita (o)	323	16,0
Muito insatisfeita (o)	242	12,0
Muito satisfeita (o)	152	7,5
Não se aplica	250	12,4
Total	2017	100,0

Quanto à satisfação em realizar a atividade profissional que realiza, a maior parte dos



respondentes, 64,7%, está satisfeita (49,5%, estão satisfeitos e 15,2% estão muito satisfeitos), 15,5% estão insatisfeitos (11,8% de insatisfeitos e 3,7% muito insatisfeitos) e 19% não se sentem nem satisfeitos nem insatisfeitos com as funções que realizam (**Tabela 67.2**).

Tabela 67.2 – Funções que realiza (tipo de trabalho)

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	998	49,5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	384	19,0
Muito satisfeita (o)	307	15,2
Insatisfeita (o)	237	11,8
Muito insatisfeita (o)	74	3,7
Não se aplica	17	0,8
Total	2017	100,0

Quando o assunto é a carga horária de trabalho, 45,8% disseram estar satisfeitos (37,3% estão satisfeitos e 8,5% muito satisfeitos); 29,9% estão insatisfeitos (22,9% insatisfeitos e 7,9% muito insatisfeitos) e 22% não estão nem satisfeito nem insatisfeitos (**Tabela 67.3**).

Tabela 67.3 – Carga de trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	753	37,3
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	462	22,9

Insatisfeita (o)	443	22,0
Muito satisfeita (o)	172	8,5
Muito insatisfeita (o)	159	7,9
Não se aplica	28	1,4
Total	2017	100,0

Em relação a intensidade da rotina de trabalho, 40,7% dos jornalistas disseram estar satisfeitos (34,4% satisfeitos e 6,3% muito satisfeitos), 32,1% estão insatisfeitos (22,6% insatisfeitos e 9,5% muito insatisfeitos) e 26,1% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos (**Tabela 67.4**). Estes dados nos colocam questões em relação à possível normalização dos jornalistas quanto à intensidade de sua rotina de trabalho e deve ser melhor observada a partir da estratificação dos respondentes, em relação ao tipo de atividade que realizam.

Pesquisas como as realizadas pelo CPCT em 2020 e 2021, sobre como trabalham os comunicadores no contexto da pandemia, mostraram que houve aumento da intensidade do trabalho, e os relatos dos respondentes daquela pesquisa revelavam insatisfação dos profissionais. Mas aqui, olhando para os dados brutos, somos levados a acreditar que há um ritmo de trabalho aceitável para os jornalistas.

Tabela 67.4 – Intensidade da rotina

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	693	34,4
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	526	26,1
Insatisfeita (o)	456	22,6
Muito insatisfeita (o)	191	9,5



Muito satisfeita (o)	127	6,3
Não se aplica	24	1,2
Total	2017	100,0

Em relação à jornada laboral, a maior parte dos jornalistas disse estar satisfeita, 44,9% (36,8% satisfeitos e 8,1% estão muito satisfeitos); em contrapartida, 30% se consideram insatisfeitos (21,8% insatisfeitos e 8,2% muito insatisfeitos), enquanto 22,8% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos (**Tabela 67.5**).

Tabela 67.5 – Jornada laboral (horas trabalhadas/escala)

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	743	36,8
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	460	22,8
Insatisfeita (o)	439	21,8
Muito insatisfeita (o)	166	8,2
Muito satisfeita (o)	163	8,1
Não se aplica	46	2,3
Total	2017	100,0

Quando se trata da satisfação com a remuneração por seu trabalho, 45,2% dos jornalistas não estavam satisfeitos (29,4% insatisfeitos e 15,8% muito insatisfeitos), enquanto

outros 26,2% estavam satisfeitos e 6,3% muito satisfeitos; 21,3% não estavam nem satisfeitos nem insatisfeitos (**Tabela 67.6**).

Tabela 67.6 – Remuneração

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	528	26,2
Insatisfeita (o)	593	29,4
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	430	21,3
Muito insatisfeita (o)	318	15,8
Muito satisfeita (o)	127	6,3
Não se aplica	21	1,0
Total	2017	100,0

Quanto à satisfação em relação a outros benefícios não salariais que recebiam, 42,1% disseram não estar satisfeitos (23,1% insatisfeitos e 19% muito insatisfeitos), 28% estavam satisfeitos (20,3% satisfeitos e 7,7% muito satisfeitos), 17,7% não estavam nem satisfeitos nem insatisfeitos – para 12,1%, esta opção não se aplica (**Tabela 67.7**).



Tabela 67.7 – Outros benefícios não salariais

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	410	20,3
Insatisfeita (o)	466	23,1
Muito insatisfeita (o)	383	19,0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	358	17,7
Muito satisfeita (o)	155	7,7
Não se aplica	245	12,1
Total	2017	100,0

No que se refere às relações interpessoais, a maior parte dos jornalistas 64,5% se diz satisfeita (45,8% satisfeitos e 18,7% muito satisfeitos), enquanto 19,8% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos. Apenas 13,2% não se consideram satisfeitos (9% insatisfeitos e 4,2% muito insatisfeitos) (**Tabela 67.8**). Os dados mostram que há uma boa interação entre trabalhadores nas relações de trabalho e isso é um bom indicador sobre o ambiente de trabalho dos jornalistas.

Tabela 67.8 – Relações interpessoais no trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	924	45,8
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	400	19,8
Muito satisfeita (o)	377	18,7

Insatisfeita (o)	182	9,0
Muito insatisfeita (o)	84	4,2
Não se aplica	50	2,5
Total	2017	100,0

Em relação à experiência profissional, 80,5% dos jornalistas estão satisfeitos (51,6% satisfeitos e 28,9% muito satisfeitos). Por outro lado, 12,3% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos, e apenas 6,6% dizem não estar satisfeitos (5,1% insatisfeitos e 1,5% muito insatisfeitos) (**Tabela 67.9**). Os dados dão indícios de que apesar do contexto histórico contemporâneo, os jornalistas estão satisfeitos em relação ao exercício de sua atividade. Isso se confirma nos dados coletados nas questões que seguem.

Tabela 67.9 – Experiência profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	1041	51,6
Muito satisfeita (o)	582	28,9
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	248	12,3
Insatisfeita (o)	103	5,1
Muito insatisfeita (o)	31	1,5
Não se aplica	12	0,6
Total	2017	100,0



No que se refere a especialidade profissional do jornalista, no exercício de sua função, 63,6% se consideram satisfeitos (40,1% satisfeitos e 23,5% muito satisfeitos), 19,5% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos. Somente 13,5% disseram não estar satisfeitos (9% insatisfeitos e 4,5% muito insatisfeitos) (**Tabela 67.10**).

Tabela 67.10 – Linha editorial ou segmento de atuação

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	809	40,1
Muito satisfeita (o)	473	23,5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	394	19,5
Insatisfeita (o)	182	9,0
Muito insatisfeita (o)	91	4,5
Não se aplica	68	3,4
Total	2017	100,0

Os dados de satisfação dos jornalistas, quanto aos valores e princípios, mostram que há partilha entre trabalhadores e organizações de um conjunto de valores comuns: 57,3% dos jornalistas se dizem satisfeitos com os valores e princípios da organização para as quais trabalham (35,2% satisfeitos e 22,1% muito satisfeitos), enquanto 22,7% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos. Por fim, 17% se consideram insatisfeitos (10,9% insatisfeitos e 6,1% muito insatisfeitos), enquanto para 3% dos respondentes a questão não se aplica (**Tabela 67.11**).

Tabela 67.11 – Princípios e valores da empresa/organização

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	709	35,2
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	458	22,7
Muito satisfeita (o)	446	22,1
Insatisfeita (o)	220	10,9
Muito insatisfeita (o)	124	6,1
Não se aplica	60	3,0
Total	2017	100,0

Apesar do contexto de violência contra jornalistas, e de avaliarem como insatisfatória a remuneração, a maior parte (39%) se diz satisfeita em relação ao prestígio social da atividade e 14,7% disseram estar muito satisfeitos, totalizando 53,7% de “satisfeitos”. Ainda assim, 29,9% disseram que não se sentem nem satisfeitos nem insatisfeitos. Apenas 12,7% se declaram insatisfeitos (8,6% insatisfeitos e 4,1% muito insatisfeitos). Para 3,7% dos respondentes, essa questão não se aplica (**Tabela 67.12**).

Tabela 67.12 – Prestígio social

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	786	39,0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	604	29,9
Muito satisfeita (o)	296	14,7
Insatisfeita (o)	173	8,6



Muito insatisfeita (o)	83	4,1
Não se aplica	75	3,7
Total	2017	100,0

Em relação ao poder de sua atividade como jornalista influenciar em assuntos públicos, 39,9% disseram que é satisfatória sua influência e 14,8% sentem ser muito satisfatória (totalizando 54,7%, nesta perspectiva). Por sua vez, 26,2% se dizem nem satisfeitos nem insatisfeitos e 13,6% estão insatisfeitos com a influência que a atividade que realizam exerce em assuntos públicos (9,1% insatisfeitos e 4,5% muito insatisfeitos). Porém, para 5,5% essa pergunta não se aplica (**Tabela 67.13**). Estes dados também precisam ser vistos por estratos de atividades realizadas pelos respondentes, pois um jornalista de veículo de mídia (tradicional ou alternativa) pode estar satisfeito com a influência que exerce e um professor de jornalismo pode não estar. O tipo de atividade deve indicar estratos de satisfação distintos, apontando informações diferentes em relação a essa avaliação por parte dos profissionais.

Tabela 67.13 – Possibilidade de influenciar em assuntos públicos

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	804	39,9
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	529	26,2
Muito satisfeita (o)	298	14,8
Insatisfeita (o)	184	9,1
Muito insatisfeita (o)	91	4,5
Não se aplica	111	5,5
Total	2017	100,0

Em relação às oportunidades para a formação continuada e o aprimoramento profissional, 42,1% se dizem satisfeitos (30,3% satisfeitos e 11,8% muito satisfeitos), enquanto 24,3% disseram não estar satisfeitos (15,6% insatisfeitos e 8,7% muito insatisfeitos). No entanto, 27,5% não se consideram nem satisfeitos nem insatisfeitos. Para 6% dos jornalistas a pergunta não se aplica (**Tabela 67.14**). É considerável o número de respondentes insatisfeitos com a oportunidade de se qualificar profissionalmente. Resta saber se isso se dá em razão da falta de renda, de tempo, de acesso ou de incentivo da organização em que trabalham.

Tabela 67.14 – Possibilidade de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	611	30,3
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	555	27,5
Insatisfeita (o)	315	15,6
Muito satisfeita (o)	239	11,8
Muito insatisfeita (o)	176	8,7
Não se aplica	121	6,0
Total	2017	100,0

Quando se trata da qualidade de vida em relação ao seu trabalho atual, 45% dos jornalistas se declaram satisfeitos (36,7% satisfeitos e 8,3% muito satisfeitos). Outros 27,4% se consideram insatisfeitos (18,7% insatisfeitos e 8,7% muito insatisfeitos), enquanto 26,5% afirmam que nem estão satisfeitos nem insatisfeitos (**Tabela 67.15**). Estes dados reforçam o



que foi apontado pelos jornalistas sobre a insatisfação quanto à remuneração e outros benefícios, que impactam na melhora ou piora da qualidade de vida do profissional.

Tabela 67.15 – Qualidade de vida

	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita (o)	740	36,7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	535	26,5
Insatisfeita (o)	378	18,7
Muito insatisfeita (o)	176	8,7
Muito satisfeita (o)	167	8,3
Não se aplica	21	1,0
Total	2017	100,0

Quando se trata de discutir o futuro profissional, considerando uma perspectiva temporal mais curta (um a dois anos), 28,2% dos/as respondentes indicam que gostariam de permanecer na mesma organização e nas funções em que atuam. Se considerarmos a segunda resposta mais indicada (22,1%), “Seguir na organização que estou e ser promovida(o)”, 50,3% dos/as respondentes gostariam de permanecer na mesma organização. Esse resultado poderá ser mais qualificado quando do cruzamento de respondentes com a indicação de seu ambiente de trabalho, em que poderemos observar qual local de trabalho contribui favoravelmente/desfavoravelmente com esse viés de permanência.

Ainda assim, fica a dúvida de se quem escolheu a segunda opção gostaria de permanecer ou não nas mesmas funções, por conta do atrativo diferencial de “ser promovida(o)”. A percepção da relação entre segurança no trabalho e um posto vinculado a uma organização de grande porte pode ser o fator que estimula os/as respondentes a quererem mudar para uma organização de maior porte, desejo de 15,0% dos/as profissionais. Quando

8,9% dos/as respondentes afirmam que gostariam de “Deixar a carreira atual e atuar em funções não-jornalísticas”, um detalhamento dos dados desse universo seria extremamente salutar para diagnosticar as causas da insatisfação com a profissão. Qual o tempo de experiência de quem deseja abandonar a carreira? O gênero interfere nessa escolha? E o ambiente de trabalho? A carga horária? A função exercida? Enfrentam dilemas éticos? Adoecem no trabalho? A análise desses e outros parâmetros poderia compor um quadro da desesperança dos/as profissionais com a carreira jornalística.

O sonho do serviço público ainda contagia 9,1% dos/as respondentes, que gostariam de ingressar nesse ambiente de trabalho como docentes ou como técnicos-administrativos/as. Nos 6,3% que não conseguiram enxergar em uma das opções apresentadas seu futuro profissional próximo, há uma fragmentação de interesses, não havendo a identificação de algum grupo que seja mais representativo. A se destacar que 56,2% das 128 respostas que indicaram “Outro”, pelo que se consegue apreender com segurança pelos textos, gostariam de continuar exercendo a profissão (**Tabelas 68 e 68.1**).

Tabela 68 – Qual é o seu projeto em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos)?

	Frequência	Porcentagem válida
Seguir na mesma organização em que estou e nas funções que exerço	569	28,2
Seguir na organização que estou e ser promovida (o)	446	22,1
Entrar em uma organização de maior porte	302	15,0
Deixar a carreira atual e atuar em funções não-jornalísticas	179	8,9
Ingressar na carreira pública como docente	110	5,5
Deixar a carreira atual e atuar como jornalista profissional contratada (o)	98	4,9



Deixar a carreira atual e ingressar no serviço público em funções jornalísticas	73	3,6
Pretendo me aposentar em breve	71	3,5
Deixar a carreira atual e atuar como docente	41	2,0
Outro. Qual?	128	6,3
Total	2017	100,0

Tabela 68.1 – Outro. Qual?

Objetivo geral	Descrições
Empreender	Abrir a própria empresa jornalística / Abrir meu próprio negócio Abrir minha própria assessoria de imprensa / Ampliar minha empresa / Buscar alternativas de projetos de comunicação e artes de maneira autônoma / Como empresária e jornalista - mais captação de novos clientes em outras áreas, além da médica / Conquistar novos clientes Continuar como jornalista, mas atuar como empresário de meios de comunicação - site, blog, redes sociais, WebTV / Criar meu próprio canal de informações no YT / Continuar tocando minha própria empresa Deixar a empresa que estou e abrir a minha própria / Desenvolver pesquisa e empreender / Empreender criando um veículo novo de jornalismo segmentado / Empreender no jornalismo de maneira autônoma / Eu gostaria de entrar na carreira pública docente, mas os concursos nunca aceitam a interdisciplinaridade da minha formação. Então, meu plano é abrir um novo negócio em paralelo com a minha atividade MEI. Fazer a minha empresa/mídia independente crescer e gerar renda para todos, inclusive eu. / Me tornar MEI e abrir meu próprio site de notícias.

	Montar meu próprio negócio / Pretendo me dedicar exclusivamente a minha Agência de Comunicação / Projeto próprio no Jornalismo Projeto solo com criação de um portal / Seguir com minha agência Seguir em meu próprio negócio jornalístico (que já existe mas ainda não dá lucro) / Ser minha própria chefe! trabalhar por conta própria apenas com conteúdo digital / Transformar o atual em contratação profissional e expandir a atuação como MEI / Ver minha empresa crescer (e na verdade para isso preciso fazer menos jornalismo e mais consultoria de dados)
Estudar	Deixar a carreira atual e me dedicar a um mestrado no exterior / Deixar a carreira atual e me dedicar ao mestrado/doutorado/docência / Fazer um doutorado (3 menções) / Fazer mestrado e trocar de trabalho / Ingressar no mestrado e atuar como pesquisadora, mas não necessariamente já ingressar na carreira docente / Parar um tempo para estudar fora do País / Realização de pós-doutorado.
Diversificar	Agregar a docência / Atuar como jornalista e como docente / Atuar como repórter (revista, site ou jornal) / Atuar em outras áreas, sem abrir mão desse trabalho, se isso se mostrar possível / Carreira Internacional / Conciliar o jornalismo profissional com pesquisa acadêmica / Conciliar o trabalho atual com algum projeto profissional meu / CONTINUAR A CARREIRA EM OUTRA INSTITUIÇÃO / Continuar como jornalista e abrir minha produtora / Continuar como jornalista independente, autônoma / Crescer cada vez mais de forma independente, auxiliando a sociedade nos mais diversos ramos / Deixar a atividade principal e me dedicar a atualmente secundária (jornalismo local independente) Ingressar na carreira pública (outra área, jornalismo ou docência) (2 menções) / Deixar a carreira atual para jornalismo independente / Deixar a organização e ser freelancer / Deixar carreira atual e atuar como foto jornalista / Encontrar emprego em outra empresa de mesmo seg-



mento / Entrar em outra organização que valorize mais minha experiência e pague o piso ou acima / Fazer um documentário / Foco em produção de conteúdo / Fotografia / Intensificar minha atuação de forma independente (free lancer) / Ir para outra organização nas funções que eu exerço / Manter a empresa atual e trabalhar em outra empresa jornalística e dar aulas em públicas ou privadas (faço mestrado hoje) / Manter a função atual e ser também docente / Mesma carreira, outra empresa / Mudar de editoria / Mudar de organização, não necessariamente de maior porte / Mudar de organização, seja ela maior ou menor mudar de trabalho e manter jornalismo / Permanecer na organização com função diferente / pretendo atuar em uma OSCIP, e colaborar com a minha experiência para ajudar a melhorar a sociedade / Prosseguir no meu trabalho independente /Quero ter sucesso em projeto pessoal ligado ao jornalismo online e a causa do envelhecimento e longevidade / Seguir a carreira atual, mas em outra empresa/gabinete / Seguir na carreira em outras atividades / Seguir na mesma organização e desempenhar funções diferentes da que eu exerço (4 menções) / Seguir na mesma organização e, em paralelo, desenvolver uma segunda atuação (docência, por exemplo) / Seguir na organização em que estou (por questão financeira), mas me abrir para trabalhos freelancers / Seguir na organização que estou e ser realocado ao departamento de jornalismo ou ir para outra empresa e trabalhar com funções diferentes além do esporte e redes sociais / Seguir na organização, mas reduzir a carga horária e fazer mais reportagens / Seguir no jornalismo abrindo espaços em mídias sociais / Seguir no trabalho, mas criar algo independente com funções jornalísticas / Seguir o mesmo tipo de atuação profissional, mas para outras organizações diferente da que estou sou freelancer / gostaria de melhor remuneração pelo meu trabalho, de acordo com a minha expertise / Ter maior demanda de trabalho, como era no pré-pandemia / ter uma equipe mais encorpada para evitar acúmulo de trabalho / Tornar o meu portal rentável o suficiente para cobrir mi-

	nhas necessidades e me possibilitar contratar outros profissionais / Trabalhar na empresa que estou e continuar o meu projeto de TCC (site) e um canal no YouTube / Trocar de emprego e ir para um que seja uma lógica de trabalho menos estressante e com valores editoriais mais alinhados aos meus. Talvez o jornalismo independente. / Voltar para o jornalismo com um curso de Direito.
Sair da profissão	Aposentar / Concursar na área do direito / Deixar a carreira atual e ingressar em serviço público / Estou cursando outro curso, pretendo seguir outra área, mas se der, e se for rentável, conciliarei as duas áreas / Fazer outros projetos quando me aposentar / Exercer a Advocacia / Investir na área de dados e investigação, fora do jornalismo / Ir embora do país para atuar como pesquisadora. / Não fazer mais nada. / Outra área / Passar em um concurso na outra formação: Letras / Pretendo expandir minha atuação profissional fazendo marketing digital e gestão de projeto e de conteúdo / Ser escritor.a (2 menções) / Ser reconhecido e ser remunerado como consultor de Comunicação para o Terceiro Setor. / Trabalhar com comunicação de interesse público, em apoio a movimentos sociais ou entidades populares
Outras respostas	Adiante / Ainda não sei. / Como já relatei, sou jornalista aposentada (por mais de 30 anos na reportagem e cerca de 5 em ambiente corporativo). Considerei, nas respostas, freelancer pontual que acabo de fazer, com reportagem. Não tenho um projeto definido para esse futuro imediato. / Concluir estágio probatório / Em planejamento / Evangélica / Indefinido / Gostaria realmente de continuar na mesma empresa, como repórter. Mas o salário é realmente MUITO BAIXO. / Investir meu tempo na carreira sindical / Já me aposentei e sigo com um político que acredito / Já sou aposentada e não tenho nenhuma perspectiva de futuro profissional / já sou aposentado / Não sei (5 menções, incluindo variantes) / Treinamentos / Usar a criatividade em busca de formas autônomas de me manter financeiramente / Voltar a ser CLT



Total	128
--------------	------------

5.1. Crença e religião

Para saber o posicionamento dos jornalistas brasileiros em relação à religiosidade, a pesquisa do perfil de 2021 questionou sobre a adesão dos profissionais a alguma forma religiosa. Perguntou-se aos jornalistas: “você é adepta(o) de alguma fé, religião ou culto”? As opções de respostas se dividiram em “sim”, “não, sou agnóstica/agnóstico” e “não, sou ateia/ateu”. A questão obteve 2.017 respostas válidas (**Tabela 69**).

Tabela 69 – Você é adepta (o) de alguma fé, religião ou culto?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	1164	57,7
Não, sou agnóstica/agnóstico	525	26,0
Não, sou ateia/ateu	328	16,3
Total respostas válidas	2017	100,0

Os dados indicam que dos 2017 respondentes, 57,7% são adeptos de alguma religião, fé ou culto. Por sua vez, 26% expressaram ser agnósticos, enquanto 16,3% responderam ser ateus. Dividindo-se os dados por identidade de gênero, a questão teve 1147 respostas válidas das participantes que se identificam com o sexo feminino (**Tabela 70**).

Tabela 70 – Você é adepta de alguma fé, religião ou culto (grupo feminino)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	718	62,6
Não, sou agnóstica	285	24,8
Não, sou ateia	144	12,6
Total respostas válidas	1147	100,0

Os dados apontam que 62,6% são adeptas de alguma religião, fé ou culto; 24,8% disseram ser agnósticas, ao passo que 12,6% declararam ser ateias. O percentual de jornalistas mulheres adeptas de alguma religião, fé ou culto é maior do que a média do conjunto dos jornalistas brasileiros. O percentual de agnósticas e ateias, menor.

Tabela 71 – Você é adepto de alguma fé, religião ou culto (grupo masculino)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	443	51,3
Não, sou agnóstico	237	27,5
Não, sou ateu	183	21,2
Total respostas válidas	863	100,0



Foram 863 respondentes que se identificam com o sexo masculino (**Tabela 71**). Os dados mostram que 51,3% são adeptos de alguma religião, fé ou culto; 27,5% disseram ser agnósticos e 21,2% manifestaram ser ateus. O percentual de jornalistas homens adeptos de alguma religião, fé ou culto é menor do que a média do conjunto dos jornalistas brasileiros. O percentual de agnósticos e ateus, maior.

Aos 57,7% adeptos de alguma fé, religião ou culto, o questionário perguntou a qual grupo aderem. Era possível indicar resposta livre. As 1.164 respostas designaram 31 formas religiosas além das categorias “Dupla ou múltipla pertença”,²⁷ “Indefinido” e “Outros”²⁸.

Dos jornalistas adeptos de uma alguma fé, religião ou culto, 48,3% são católicos; 15,5% são cristãos; 14,4% são espíritas; 4,6% têm dupla ou múltipla pertença; 3,7% são umbandistas; 1,7% acreditam em Deus; 1,7% são espiritualistas; 1,5% são candomblecistas; e 1,2% são budistas. Com menos de 1%, têm-se que 0,6% são judeus; 0,5% são mórmons²⁹; 0,5% são presbiterianos; 0,4% são adventistas; 0,3% têm espiritualidade; 0,2% são batista; 0,2% são espiritualizados; 0,2% são hindus; 0,2% são luteranos; 0,2% são metodistas; e 0,2% são wiccanos. Com 0,1% em cada caso (1 jornalista em cada resposta) aparecerem: da Congregação Cristã no Brasil, ecumênico, da Fé Bahá’í, gnóstico, da Grande Fraternidade Branca, da Igreja Messiânica Mundial, ortodoxo, da Perfect Liberty, testemunha de Jeová, vahali, xamanista e xintoísta. São 1,5% os que têm a fé, religião ou culto indefinido e 1,0% formaram o grupo “Outras” (**Tabela 72**).

²⁷ Nesta categoria foram incluídas as respostas que expressavam adesão a mais de uma fé, religião ou culto.

²⁸ Nesta categoria foram incluídas as respostas que não expressavam adesão a grupos religiosos propriamente ditos.

²⁹ D’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Tabela 72 – Sim. Qual(is)?

	Frequência	Porcentagem válida
Igreja católica – católica (482), ³⁰ catolicismo (40), ³¹ Igreja Católica Apostólica Romana (21), ³² católica não praticante (19) ³³	562	48,3
Cristianismo ³⁴	181	15,5
Espírita	168 ³⁵	14,4
Dupla ou múltipla pertença – dupla (37), ³⁶ múltipla (17) ³⁷	54	4,6

³⁰ Duas respostas ressaltaram “praticante”. Uma resposta ressaltou que se interessa pelos ensinamentos da “filosofia budista”. Uma resposta indicou “sou batizado católico”, outra indicou “de família católica, filho de mãe do candomblé”, e outra “católica e adepta do Ifá”.

³¹ Uma resposta de catolicismo “com foco mais para cristianismo do que a formalidade dos rituais católicos”.

³² Duas respostas ressaltaram “praticante”.

³³ Variações: “católico não assíduo” (1); criada em família católica sem seguir a Igreja (1); cristã batizada na Igreja católica, mas que não manifesta sua fé em nenhum tipo de ambiente – e a esconde, sempre que possível (1); e “mais ou menos católica” (1).

³⁴ Realces: “evangélico” (60); “protestante” (20); “cristã que não apoia o Bolsonaro” (1); “cristã sem vínculo com instituições” (1); “cristão esotérico” (1); “cristão sem religião definida” (1); “não possuo religião, porém, sou uma pessoa cristã” (1); “não sigo nenhuma Igreja, mas me identifico, com algumas ressalvas, com o espiritismo [...]. Acredito que posso dizer que sou cristã apenas” (1); e “sigo valores cristãos” (1).

³⁵ Uma resposta ressaltou “simpatizante”.

³⁶ Igreja católica e espiritismo (18) – uma resposta “católica sem ir à missa, crença também no espiritismo”, outra “católico espírita e agnóstico, tudo junto”; espiritismo e umbanda (5); budismo e espiritismo (2); candomblé e jurema sagrada (1); cristianismo e espiritismo (1); cristianismo e espiritualismo (1); espiritismo e candomblé (1); espiritismo e Santo Daime (1); Igreja católica e budismo (1); Igreja católica e candomblé (1); Igreja católica e jurema sagrada (1); Igreja católica e umbanda (1); umbanda e candomblé (1); umbanda e jurema sagrada (1); e umbanda e Santo Daime (1).

³⁷ Igreja católica, espiritismo e umbanda (2); “acredito em diversos aspectos de diferentes religiões” (1); “adepta ao sincretismo religioso” (1); “católica ‘sincretizada na fé’, adepta a leituras espíritas e sobre outras religiões, em especial as de matriz africana e de povos originários” (1); cristianismo, candomblé e umbanda



Umbanda	45 ³⁸	3,7
Acredita em Deus ³⁹	20	1,7
Espiritualismo	20 ⁴⁰	1,7
Candomblé	18 ⁴¹	1,5
Budismo ⁴²	14	1,2
Judaísmo	7 ⁴³	0,6
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	6	0,5
Presbiteriano ⁴⁴	6	0,5
Adventista ⁴⁵	5	0,4
Tem espiritualidade ⁴⁶	4	0,3
Batista	3	0,2
Espiritualizada ⁴⁷	2	0,2
Hinduísmo	2	0,2
Luterana	2	0,2

(1); “de tudo um pouco” (1); “ecclético” (1); “fé ampla” (1); “fé em religiões de matrizes africanas/afrodescendentes” (1); Igreja católica e religiões de matriz africana (1); Igreja católica, budismo e umbanda (1); Igreja católica, judaísmo e umbanda (1); “múltiplas” (1); “todas” (1); “transreligiosa” (1); e “várias” (1).

³⁸ Uma resposta ressaltou “esotérica”.

³⁹ Duas respostas ressaltaram não seguir uma religião; uma “creio em Deus/Jesus”; outra “deísta”; e outra “Deus com todas as suas representatividades espirituais, como por exemplo, os mestres Jesus, Buda e Maria”.

⁴⁰ Uma resposta ressaltou “sem religião definida”. Outra “sincrética”.

⁴¹ Uma resposta ressaltou “ifaísmo”, outra resposta foi “macumba”.

⁴² Uma resposta indicou “filosofia budista”. Destaque-se que não há consenso se o budismo se configura como uma religião ou uma filosofia de vida.

⁴³ Uma resposta ressaltou “liberal”.

⁴⁴ Uma resposta ressaltou “Igreja Presbiteriana do Brasil”.

⁴⁵ Duas respostas ressaltaram “adventista do sétimo dia”.

⁴⁶ Uma resposta ressaltou “cultivo uma espiritualidade própria, mas não sigo religiões”; outra “exerço minha espiritualidade sem ligação com instituições religiosas”.

⁴⁷ Uma resposta ressaltou “espiritualizada sem religião”.

Metodista	2	0,2
Wicca	2 ⁴⁸	0,2
Congregação Cristã no Brasil	1	0,1
Ecumênica	1	0,1
Fé Bahá'í	1	0,1
Gnosticismo	1	0,1
Grande Fraternidade Branca	1	0,1
Igreja Messiânica Mundial	1	0,1
Ortodoxo	1	0,1
Perfect Liberty	1	0,1
Testemunha de Jeová	1	0,1
Vahali	1	0,1
Xamanismo	1	0,1
Xintoísmo	1	0,1
Indefinido ⁴⁹	17	1,5
Outros ⁵⁰	12	1,0
Total	1164	100,0

⁴⁸ Uma resposta ressaltou "bruxaria".

⁴⁹ Entre eles: "fé" (3); "acredito na ajuda sempre presente do mundo espiritual" (1); "afro-brasileira" (1); "crente" (1); "matriz africana" (1); "não tem nome o que eu creio, é muito pessoal" (1); "não tenho fé ou religião, mas não sou ateu nem agnóstico" (1); "prefiro não responder" (1); "sou uma pessoa de fé, sem religião definida" (1); e "tenho minha crença pessoal" (1).

⁵⁰ No "Outros" foram reunidas, entre as respostas, aquelas que se referem a práticas religiosas, sistemas filosóficos, entre outras referências, e não a fés, religiões ou cultos. As respostas foram: "bem" (2); "yoga" (2); "brasilianismo" (1); "cabala" (1); "filosofia oriental" (1); "sou uma pessoa que tem fé na deusa, na espiritualidade, na vida, na natureza e no mistério, mas não sou adepta de nenhum culto ou religião" (1); "te interessa?" (1); "tenho fé na deusa que habita em mim" (1); "tenho fé na evolução civilizatória" (1); e "upanishads hindus" (1).



Em síntese, os jornalistas brasileiros são majoritariamente adeptos de alguma fé, religião ou culto (57,7%). Não obstante, o percentual de agnósticos e ateus é expressivo (42,3%, somados). As jornalistas que se identificam com o sexo feminino (62,6%) são mais adeptas de alguma fé, religião ou culto do que os jornalistas que se identificam com o sexo masculino (51,3%). Eles (27,5%) são mais agnósticos do que elas (24,8%). Os jornalistas que se identificam com o sexo masculino (21,2%) também são mais ateus do que as jornalistas que se identificam com o sexo feminino (12,6%).

6. Características políticas dos jornalistas

Das 2.017 respostas válidas sobre filiação sindical, 68,6% das pessoas declaram não ter filiação a nenhum sindicato, contra 31,4% de respondentes com filiação sindical (**Tabela 73**). De acordo com dados do IBGE (2020), a taxa de sindicalização nacional é de 11,2%. O corpo de respondentes da pesquisa reflete um índice de sindicalização entre jornalistas acima da média brasileira, embora não sejam todos filiados aos sindicatos dos jornalistas.

Na primeira edição do Perfil do Jornalista Brasileiro (2013), 25,2% afirmaram ter filiação sindical. Em termos percentuais, houve um crescimento 6,2% na taxa de filiação entre jornalistas na última década. O aumento da violência contra jornalistas na América Latina e no Brasil, conforme dados do relatório do Repórteres sem fronteiras (2021) e da Fenaj (2021) podem ser um dos motivos do crescimento do número de filiados a sindicatos entre esses profissionais.

Tabela 73 – Você é filiada(o) a algum sindicato?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	1384	68,6
Sim	633	31,4
Total	2017	100,0

Das 633 pessoas que afirmaram ter filiação sindical, quando questionadas sobre qual sindicato estão associadas, responderam na seguinte proporção: 85,6% a sindicatos de jornalistas, 10,4% a sindicatos de professores e 13,3% responderam estarem filiadas a outro



sindicato (**Tabela 74**). Na pergunta qualitativa sobre a que outro órgão sindical têm filiação, foram obtidas 84 respostas e identificadas 20 entidades. Majoritariamente, são sindicatos do serviço público: 11 respondentes são filiados a algum sindicato de carreiras do funcionalismo público não identificadas; 17 são filiados a sindicatos dos servidores públicos federais, 6 a entidades do serviço público estadual e 5 aos sindicatos que representam municípios, totalizando 39 respondentes filiados a sindicatos do serviço público. Considerando o universo de respostas obtidas especificamente nessa pergunta, as filiações em sindicatos de servidores públicos correspondem a 46%. Nas categorias do serviço privado, destacaram-se as filiações em sindicatos de radialistas/rádio e TV, com 7 respostas, e os trabalhadores de entidades sindicais, com 5 respondentes.

Tabela 74 – A qual (is) sindicato você é filiada (o)?
(É possível assinalar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Sindicato de jornalistas	542	85,6
Sindicato de professores	66	10,4
Sindicato de outra categoria. Qual?	84	13,3
Total respondentes válidos	633	100,0
Total respostas	692	

Quando se trata do motivo pelo qual respondentes não sindicalizados optaram por não se filiar a uma entidade representativa (**Tabela 75**), foram 1.350 respostas válidas, das quais 39,8% responderam “não tenho interesse”. A opção “sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação” somou 22,5% das respostas; “Não conheço o sindicato” obteve 19,7%. “Diretoria do sindicato não representa a categoria” foi a resposta

de 7,9% dos entrevistados; enquanto “Diretoria dificulta a sindicalização” corresponde a 3,1% dos respondentes e “Não existe sindicato para minha categoria” foi a resposta de 0,6% dos participantes. “Outros motivos” obtiveram 21% de respostas, correspondendo a 283 respondentes.

Tabela 75 – Por que você não é filiada (o) ao sindicato da sua categoria?
(Você pode selecionar mais de uma opção.)

	Frequência	Porcentagem válida
Não tenho interesse	537	39,8
Sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação	304	22,5
Não conheço o sindicato	266	19,7
Diretoria do sindicato não representa a categoria	106	7,9
Diretoria dificulta sindicalização	42	3,1
Não existe sindicato para minha categoria	8	0,6
Outra (s) razão (ões). Qual (is)?	283	21,0
Total respondentes válidos	1350	100,0
Total de respostas	1546	

Na pergunta aberta sobre quais seriam os motivos para a não filiação, as respostas com maior incidência trazem críticas à atuação dos sindicatos e à falta de representatividade (**Tabela 75.1**). Obteve-se 65 respostas (23% desse universo), com destaque para a pouca atuação das entidades sindicais nas cidades do interior.



Esse conjunto de respostas se assemelha a duas opções elencadas na pergunta fechada: “Sindicato não responde às demandas específicas da área de atuação” e “Diretoria do sindicato não representa a categoria”. Nas respostas abertas, as críticas são relativas à atuação sindical em geral, não especificamente às direções. Freelancers e pessoas sem registro profissional formam o grupo de respondentes identificados que não se sentem representados pelos sindicatos. Embora haja um número expressivo de profissionais que afirmam não se sentir representados pela atuação sindical, o conjunto não apresenta total desinteresse pelos sindicatos. Uma rearticulação da política das entidades pode ser uma forma de impulsionar novas filiações aos sindicatos de jornalistas. Ações das direções sindicais nas cidades do interior e atenção às necessidades da nova configuração da vida laboral desses trabalhadores pode aproximar o sindicato das bases.

Motivos pessoais como desinteresse e esquecimento, mudança de região, falta de oportunidade ou de tempo e a filiação não ser obrigatória é o segundo grupo de justificativas apresentadas, com 62 respostas. Esse número é equivalente a 21,9% dos respondentes ao questionamento aberto. As respostas se relacionam com uma das opções apresentadas nas respostas fechadas, em que 39,8% do total de respondentes afirmaram não ter interesse em estar filiados a sindicatos. Nesse caso, o desinteresse é mais circunstancial. As respostas são mais apáticas do que críticas, há esquecimento e o sindicato fica em segundo plano.

O terceiro motivo mais elencado foi o custo da mensalidade sindical, com 51 respostas (18%). Os respondentes apontaram que as mensalidades são caras, que faltam recursos para pagá-las e que acabam sendo uma opção de corte de custo devido à instabilidade financeira. Por outro lado, 29 respondentes disseram que já foram filiados a sindicatos, 17 pretendem se filiar e 4 estão em processo de filiação; 20 respondentes não estão sindicalizados porque não têm registro profissional, formação em jornalismo ou ainda são estudantes; 10 apontaram para a burocracia e falta de informação sobre processo de filiação; 8 responderam custo benefício ou vantagens; e 13 não souberam explicar o motivo. Sete respondentes são filiados, mas responderam equivocadamente à questão em que se apresentava essa opção.

Ainda é baixo o índice de sindicalização entre jornalistas, mas a pesquisa pode apontar caminhos para as entidades sindicais – embora haja desinteresse de quase 40% dos respondentes. As críticas sugerem mudanças de rota de atuação para que a categoria se sinta

representada. Contudo, o contexto geral do trabalho traz dificuldades bastante profundas à organização sindical: a flexibilização e precarização do trabalho dificultam a sindicalização. A atuação sindical permanece mais focada em mídias de maior porte localizadas nas metrópoles, mas a categoria se distribui também fora da mídia, em organizações com poucos funcionários/as e em cidades menores. Isso explica em parte a sensação bastante disseminada de falta de representatividade. Quanto às formas de contratação, freelancers, MEIs e Pjs não sentem que seus vínculos de emprego estejam protegidos pela ação sindical. Falta de tempo e sobrecarga de trabalho também são apontados como impeditivos à filiação.

Tabela 75.1 – Outra (s) razão (ões). Qual (is)?

	Razão
A representação local é muito falha. As atividades se concentram mais na capital, sem ações no interior (onde trabalho) mesmo sendo o interior uma das regiões [anonimizado] mais importantes do Estado. / Atuação praticamente nula no interior / Atualmente não vejo o sindicato como um órgão que representa a pluralidade na profissão, além de atuar mais no âmbito político que sindical. / Considero a visão dos sindicatos sobre a profissão muito ultrapassada e limitada ao jornalista que trabalha como empregado em jornal/rádio/TV e essa não é a minha realidade / Enquanto assessora de comunicação, não me sinto contemplada pelo sindicato, ainda que reconheça sua importância. Gostaria muito que essa percepção, que compartilho com diversas colegas, mudasse. / Já fui sindicalizado qdo. trabalhei em grandes corporações de imprensa. Como trabalho há muitos anos como freelancer, fica muito difícil o sindicato me representar pq a minha relação virou fornecedor-cliente e deixou de ser patrão e empregado. Os clientes não aceitam os valores sugeridos pelo sindicato para os trabalhos de freelancer. Ou seja, virou uma negociação de mercado. / Já trabalhei em grandes em-	Baixa representatividade



presas jornalísticas onde vi muitos jornalistas serem explorados e o sindicato não fazer nada a respeito. Então, decidi deixar de ser sindicalizado, porque o Sindicato não tem atuação que justifique. / Muito política e pouco profissional / Não acredito que o sindicato lute pela categoria. Não me representa, ainda, quando [anonimizado]. / Não concordo com a linha de atuação do sindicato e seus compromissos com grupos/partidos políticos / Não me sinto contemplada com demandas macro. / Não me sinto representado pelo sindicato (2) / Não há um sindicato local ou regional / Não responde às necessidades de freela / Não vejo nenhuma vantagem, nem tenho confiança na atuação do sindicato / O sindicato dialoga pouco com as demandas da minha geração / O sindicato é pouco representativo no interior do estado. / O sindicato não oferece nenhuma vantagem e nem atua na minha região (2) / Pelo valor e pela falta de representatividade. Só atuam para funcionários de veículos. / Perderam o fio da história / Por minha atuação fora da mídia e em função não essencialmente jornalística, não me qualifico para a sindicalização / Respeito, mas acredito que o sindicato precisa conhecer melhor a realidade atual da categoria / Sindicato pouco atuante (2). / sindicato muito distante da categoria / Sindicato não defende interesses de não formados em jornalismo / Sindicato não oferece benefícios diversos como cursos, etc / Sindicato NUNCA foi transparente, tampouco defendeu as causas dos jornalistas da forma como de fato deveria defender. Histórico ininterrupto de peleguismo ou de fraqueza / Sindicato possui bandeiras ultrapassadas / Sindicato tem histórico ruim nos últimos 20 anos / Uso político-partidário do sindicato / Vejo o sindicato muito aquém do que poderia ser. Hoje não tem poder de barganha e falta respaldo aos jornalistas do interior. / Vejo poucas conquistas para a categoria / Vi o sindicato atuar CONTRA o interesse e segurança dos jornalistas por questão ideológica	
A taxa do sindicato é alta em relação ao salário. / Além de não atenderem às especificidades do Terceiro Setor, não tenho no momento como	Custo elevado

contribuir com a mensalidade. / Contribuição cara (8 menções, incluindo variações) / Valor alto da mensalidade (6 menções) / Com remuneração baixa e instável como freelancer, eu tenho economizado em tudo / Como sou trabalho apenas como freelancer, não consigo pagar a mensalidade sindical atualmente. / Condições econômicas e talvez falta de interesse da minha parte / dificuldade financeira / Dinheiro curto / Econômicas / Falta de condições financeiras (13) / inadimplência / Instabilidade de renda, medo de não poder pagar mais a contribuição mensal / Já me associei antigamente, houve falta de organização do sindicato quanto a cobranças de mensalidades (cobraram duas vezes a mesma fatura) e por fim, não foi viável para a região de minha residência, e a mensalidade não condiz com a rentabilidade da profissão x benefícios oferecidos. / Não consigo arcar com mensalidade atualmente (3) / Não existem benefícios que justifiquem o valor pago / Não vejo atuação significativa do sindicato e é mais um valor mensal a ser gasto / O custo benefício não compensa. / O valor é alto / Parei de contribuir por motivos financeiros no passado, devo retomar. / Preço / Preço da Sindicalização não compensa tendo em vista o distanciamento do sindicato aos reais necessidades da categoria / Quero me sindicalizar. Mas anuidade é cara para o pouco que ganho e NÃO obtive resposta do e-mail com dúvidas que enviei ao sindicato local / sem dinheiro pra pagar mensalidade / Sempre falta dinheiro	
Acho falha a comunicação do meu sindicato e, talvez por isso, não vejo muitas demonstrações de sua atuação / Desinformação / Não conheço o sindicato ou as vantagens de sindicalizar (4) / Não tenho resposta para essa pergunta. Simplesmente não aconteceu. Também não existe por parte do sindicato uma campanha de adesão de novos servidores. / Nunca fui convidado / Nunca fui incentivado a fazer isso e acabei deixando passar	Comunicação insuficiente
Acho que a atuação do sindicato é inócua ao patronato / Apenas recentemente vi atuação do sindicato de maneira satisfatória. / Até hoje	Irrelevância



nunca senti que o sindicato tenha, aqui, uma atuação firme e constante / Boa pergunta. Acho que não sinto efetividade talvez... / Como estou no serviço público, o sindicato dos servidores da minha instituição seria a representação mais adequada, mas não conheço bem esse sindicato, eles parecem pouco ativos. / Distanciamento do sindicato com outras pautas além de salário / Falta de força do sindicato junto à direção / Há muito tempo fui filiada, mas não tinha nenhuma utilidade prática / Há pouca expressividade e preocupação em construir ações em prol a categoria. / Não teria influência na minha atuação profissional diretamente.	
Acompanho os trabalhos do sindicato por meio de grupos, mas só tive contato com eles na graduação. / Acompanho pouco o trabalho do sindicato. / Acredito na importância do sindicato, mas foi algo que "foi ficando" pra trás e não me filiei. / Afastamento. / Antes era sindicalizada com desconto em folha, depois faltou ir atrás. Pesquisarei a respeito. / Ainda não me sindicalizei (15 menções, com variações). / Certa preguiça, talvez. / Como não atuo mais em redação, o sindicato seria outro, e agora não tenho interesse. / Desleixo/desmotivação (4). / Enrolei para me filiar. / Esquecimento (2). / Falta de acompanhamento das pautas. / Falta de iniciativa de minha parte (2). / Imobilismo pessoal. / Já fui filiada. Me desinteressei / Já fui filiada ao Sindicato dos Jornalistas de SP, mas desfiz qdo fui morar fora do país, pretendia voltar, mas na correria do dia a dia, acabei esquecendo de refazer a filiação. / Não fui atrás (2). / Não lembro se já sou filiada. Não tenho isso entre as minhas prioridades de tempo e atividade / Nunca me lembro de ir atrás e fazer o processo necessário, a anuidade me desestimula um pouco / Por descuido mesmo / Por esquecimento meu. Sempre digo que vou me filiar, acabando deixando para depois e me esqueço de fazer / Preguiça / Vacilo meu mesmo. Deveria me sindicalizar.	Desinteresse
Burocracia / Burocracia para se sindicalizar / Difícil se filiar. Parei de pagar quando sai de um emprego e nunca mais retornei / Dificuldades	Burocratização

burocráticas / Excesso de burocracia e dificuldade de acesso por meios eletrônicos. / fiz o contato para filiação, mas não houve retorno / Muito difícil a sindicalização / não tirei o registro por conta da burocracia /	
Atuo na área dentro da minha instituição./ Categoria desunida e perdida, ao tentar articular soluções de um modo geral. / Não existe planejamento eficaz./ Comecei o processo. / Como estou em mais de uma área não sei em qual me filiar, mas tenho interesse. / como jornalista, sou PJ, então, não vejo muito sentido; como professora, fico sempre adiando essa decisão, mas reconheço a importância do Sindicato. / Decepção com as práticas sindicais (2) / Em processo de filiação (2) / Distância do sindicato / Era PJ e não podia me sindicalizar. Voltei a ser CLT há menos de um mês e ainda não deu tempo de voltar ao sindicato. / Era sindicalizada, acabei deixando de pagar, pretendo voltar / Está inativo em minha cidade / Estou em procedimento de filiação / Falta de tempo (7)/ Falta de vergonha na minha cara / Faltou um detalhe para se filiar /Faz tempo que me desiludi com o sindicato de sc / Filiada ao Sindicato da Saúde / Fiquei um tempo fora do jornalismo, mas vou voltar me sindicalizar / Formação superior diversa do jornalismo / Frustração na esposa em que PJ / Fui filiado muitos anos e diretor do sindicato dos jornalistas do Rio, me afastei na última década. / Fui filiado, mas fiquei um tempo fora e acabei não pagando as mensalidades / Fui mal atendida no sindicato e desisti / gostaria de me sindicalizar, mas ainda não o fiz. sindicatos são fundamentais / Hábito / Já fui sindicalizada (17) (acho fraco, sindicato não deu a mínima quando precisei, sindicato não me representou juridicamente em uma causa trabalhista, gestão era desorganizada e adotou posturas com as quais não concordava, não senti evolução por parte da entidade sindical, na cidade em que moro não há muita atuação do sindicato dos jornalistas) / Mudança de estado ou cidade (3) / Meu atual trabalho tem outra representação sindical / Meu interesse seria filiação a um sindicato de freelancers / Não sei (6) / Não quero informar / Não é obrigatório no meu local de trabalho / Não	Outras



é uma necessidade imediata no cotidiano, porém pretendo / Não sabia se ia seguir na profissão. / Não seria visto com bom olhos pelo empregador / Não tem representação onde moro (2) / Não tenho DRT ou diploma (12) / Não tenho tempo de me engajar apropriadamente. / não tenho vínculo empregatício / No começo eu não tinha interesse, depois o sindicato não respondia às demandas específicas da minha área. Hoje penso em me sindicalizar mais para reforçar mesmo para quem precisa, mas não é exatamente uma prioridade / Nenhum motivo específico (4) / Nunca foi exigência / Pretendo me filiar (12) / Nunca pensei sobre isso / O sindicato faliu / Pandemia bagunçou um pouco as coisas, faltou tirar tempo para ir atrás disso (fica em outra cidade) / Perdemos o contato / Por questões de valores / ideológicas / Precisamos rever todos os modelos políticos. Inclusive sindicatos / Quando terminei a faculdade ainda corri atrás, mas acabei não concretizando. / Quando tive necessidade, não me senti apoiada pelo sindicato / Recorri ao sindicato em uma ação judicial e, por erro crasso da advogada, fui deixei de receber valor maior de indenização / Sempre fui filiada ao S.dos Jornalistas, mas viajei e parei de pagar. [anonimizado]. / Sindicato dos Trabalhadores Municipais luta pelas causas coletivas / Só tive experiências ruins com eles / Sobrecarga de trabalho / Tenho minha própria empresa / Tive uma experiência ruim qdo precisei do sindicato em uma gestão antiga. Até preciso me filiar / Trabalho sem vínculo trabalhista (MEI) em um veículo pequeno

* Respostas equivocadas de pessoas sindicalizadas foram eliminadas.

Das 1978 pessoas que responderam sobre filiação partidária, 89,7% afirmaram não estar filiadas a nenhuma sigla e 10,3% estão vinculados a alguma organização. Dentro desse universo, 23 legendas foram citadas (**Tabela 76**). As respostas mais significativas foram: PT

(40,1%), PSOL (17,6%), PCdoB (7,8%), PSB (3,4%) e PSDB (2,9%)⁵¹. O engajamento partidário reflete uma inclinação para partidos de esquerda. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (2021), 16 milhões de brasileiros estão filiados a partidos políticos, o que corresponde a 7,4% da população. Entre os/as jornalistas o índice de filiação é maior.

Tabela 76 – Você é filiada (o) a algum partido político? Se sim, indique qual.

	Frequência	Porcentagem válida
Não sou filiada (o) a partido político	1774	89,7
PT	82	4,1
PSOL	36	1,8
PCdoB	16	0,8
PSB	7	0,4
PSDB	6	0,3
PCB	5	0,3
REDE	5	0,3
PDT	4	0,2
PODEMOS	4	0,2
CIDADANIA	3	0,2
DEM	3	0,2

⁵¹ As respostas “Outro. Qual?” foram: Consulta Popular, Fui filiada ao PT, Já fui mas pedi para ser desligada, PDT, Militante PT, sem filiação, Não, Não sou filiada, mas se fosse, seria o PSB de Eduardo Campos, PSOL.



PP	3	0,2
PRTB	3	0,2
PSL	3	0,2
UP	3	0,2
MDB	2	0,1
PSD	2	0,1
PTB	2	0,1
PV	2	0,1
SOLIDARIEDADE	2	0,1
AVANTE	1	0,1
PROS	1	0,1
PSC	1	0,1
REPUBLICANOS	1	0,1
Outro. Qual?	7	0,4
Total	1978	100,0

Quanto ao posicionamento ideológico (**Tabela 77**), dos 1.978 respondentes, 52,8% se identificam como de Esquerda, 25,9% de centro-esquerda e 2% de extrema-esquerda. Esse campo de posicionamento com mais inclinação à esquerda foi a opção de 80,7% de jornalistas respondentes. A posição “Centro” correspondeu a 4,7% das respostas, enquanto centro-direita obteve 2,5%, direita 1,4% e extrema-direita 0,1%. O campo que inclui posições de Direita somou 4%. Já 8,3% dos entrevistados não quiseram informar seu posicionamento.

Tabela 77 – Como você define seu posicionamento ideológico?

	Frequência	Porcentagem válida
Esquerda	1045	52,8
Centro-esquerda	512	25,9
Não quero informar	165	8,3
Centro	92	4,7
Centro-direita	50	2,5
Extrema esquerda	40	2,0
Direita	28	1,4
Extrema direita	1	0,1
Outro. Qual?	45	2,3
Total	1978	100,0

Na pergunta aberta sobre posicionamento ideológico, foram registradas 45 respostas (2,3% do total) com destaque para definições no campo da esquerda, como “esquerda ambientalista” ou “esquerda radical”.⁵² Também se destacaram 13 respostas que defendem

⁵² Anticapitalista convicto, mas tenho minhas dúvidas sobre o socialismo e o comunismo praticado até hoje como uma possibilidade para o Brasil. Às vezes esquerda, outras centro esquerda e outras extrema esquerda, depende da situação, Conservador, Conservadora, Crítica a corruptos, incompetentes e, principalmente, fanatismo político, De democrata e humanista, pensando criticamente, Decepcionada, Defendo o desenvolvimento sustentável e regenerativo, Direitos iguais para todos, É necessário ter um? Não existe a opção nenhum..., Entre a esquerda e o centro, Esquerda Radical, Esquerda reflexiva, Esquerda verde/ esquerda ambientalista, Essa divisão é muito complicada para ser categorizada em xyz, Extremamente decepcionada com



a neutralidade, a imparcialidade ou a afirmação de que não se sentem representados. Embora a filiação a partidos seja pequena entre jornalistas, há uma tendência à participação em partidos de esquerda.

Quando se trata de atuação em alguma associação ou organização social (**Tabela 78**), temos que: 37,9% dos jornalistas nunca atuaram e 33,3% disseram que já atuaram, mas não atuam mais. No somatório, 71,2% dos jornalistas não estão engajados em movimentos sociais ou quaisquer outros espaços de luta e mobilização da cidadania. O dado concreto, e preocupante do ponto de vista da inserção da categoria nas lutas da sociedade, é que mais de dois terços dos jornalistas respondentes não atuam em associação ou organização social – ou 7 em cada 10.

os partidos, Imparcial, Liberal, Lulista, Minha posição é fazer o que é certo e justo, Moderado crítico e comprometido, Muito simplista nos colocar de um lado ou de outro. Tenho votado na esquerda brasileira, ao longo de minha vida, por valores e princípios, mas ela não me representa, Nada, Não me identifico com os posicionamentos indicados neste tópico, Não me identifico dessa forma, Não me reconheço em nenhuma ideologia política atual, Não tenho muita compreensão do assunto, mas acredito que seria do Centro Esquerda, mas nada que seja parecido com a ideologia PETISTA assim como demais partidos de extrema esquerda. Acredito que deve haver uma harmonia na sociedade em relação a isso, Não tenho posicionamento pré-estabelecido. Tenho opinião sobre cada tema/questão ou faço a avaliação diante dos argumentos. Não tenho um posicionamento político definido. Defendo um país melhor com uma boa gestão, Nenhum, Neutro (2 menções), O que é certo é certo e o que é errado é errado - essa é a minha bandeira, Pouco me importo, Progressista, Prudente, Que pergunta maliciosa. Fiz o juramento na defesa da informação ética para a sociedade, Sempre na paz, Sensato, Social democrata (2 menções), Sou mais de "esquerda", mas acho que essas categorias não representam muito coisa. Sou "civilizatório", pois uma esquerda que apoia o agronegócio é uma esquerda da barbárie. Sou uma esquerda ecológica, Sou sempre a favor das políticas públicas que diminuam a desigualdade social e gere condições de vida mais digna a todos. E contra corrupção e nepotismo, Voto de acordo com as propostas do candidato.

Tabela 78 – Você atua em algum tipo de associação ou organização social?
Se sim, indique qual (is). (É possível assinalar mais de uma resposta.)

	Frequência	Porcentagem válida
Nunca atuei	750	37,9
Não atuo, mas já atuei	659	33,3
Sim, Educação e pesquisa	126	6,4
Sim, Desenvolvimento e defesa de direitos	114	5,8
Sim, Religião	110	5,6
Sim, Cultura e recreação	102	5,2
Sim, Assistência social	83	4,2
Sim, Associações patronais e/ou profissionais	62	3,1
Sim, Meio ambiente	55	2,8
Sim, Proteção animal	34	1,7
Sim, Saúde	33	1,7
Sim, Habitação	7	0,4
Sim, em outro segmento. Qual?	111	5,6
Total de respondentes válidos	1978	100,0
Total de respostas	2246	

Do conjunto de respostas “Sim”, as opções de respostas foram: Educação e pesquisa (6,4%), Desenvolvimento e defesa de direitos (5,8%), Religião (5,6%), Cultura e recreação



(5,2%), Assistência social (4,2%), Associações patronais e/ou profissionais (3,1%), Meio ambiente (2,8%), Proteção animal (1,7%), Saúde (1,7%), Habitação (0,4%). A opção por “Outro segmento” somou 111 respostas, equivalentes a 5,6% do total de respondentes. Sobressaíram-se movimentos relacionados ao direito à comunicação e à informação ou coletivos de jornalistas, além do movimento de mulheres e feministas, ambos com 16 respostas cada. Ainda é possível destacar o movimento negro, comunitário e LGBTQI+. Com menos ênfase, aparecem movimentos como Rotary Club, conselhos de controle social, movimentos de migração e de refugiados, solidariedade internacional, direitos das pessoas idosas e da infância. O termo “Não Governamental” apareceu apenas uma vez. Por fim, há o engajamento de jornalistas em defesa dos direitos à comunicação e à proteção de dados.⁵³

⁵³ O conjunto de respostas “Outro segmento” compõe amplo panorama do diversificado tecido institucional da sociedade civil brasileira: ABL, Agrária e rural, Ajuda humanitária (2 menções), Apoio ao empreendedorismo de profissionais negros, Arfoc, Assistencial espirita, Associação, Associação comunitária, Associação de bairro, Associação de mães de crianças autistas, presta assistência às famílias, Associação de moradores, Associação dos Caminhantes e Corredores de Ruas da Paraíba (Ascorpa), Atuo nas Brigadas Populares - organização política que luta pela transformação da sociedade através da criação de centros comunitários, ocupações urbanas e cursinhos populares, Bairro, Centro espiritual, Centro Socialista // Coletivo III ENE//Coletivo Alvorada, esse com menos intensidade, Ciência, Civismo, Coletivo da comunidade onde moro, Coletivo de jornalistas (2 menções), Comissão de empregados e Frente em defesa da comunicação pública, Comunicação, Comunicação sindical, Confederação nacional dos trabalhadores do ramo financeiro, Conselho de Cultura, Associação dos Trabalhadores de Artes Cênicas, Conselho Municipal de Esportes, Controle social, Cultura de doação (ODS 17), Dados abertos e transparência pública, Democratização da Comunicação, Direito à comunicação, Direito em Defesa da Pessoa Idosa, Direitos e Acolhimento à Mulher, Diretor de Relações Institucionais, Diretor do Sindicato dos Jornalistas MG, Educação midiática, Entidade sindical, Esporte, Evidências nas políticas públicas, Filantropia, Formação juvenil, Fórum das Empresas LGBTQI+, Fórum pela Democracia, Frente Catarinense pela Descriminalização do aborto, Frente Nacional Antirracista, Barão de Itararé, Jornal Empoderado e CojiraGrupo comunitário, Grupo de leitura e Organização que ajuda pessoas de rua, Grupo Escoteiro, Imprensa, Indigenista, Jornalismo e liberdade de imprensa, Jornalistas feministas, Jurídico, Liderança jovem, Maçonaria Meu atual emprego - Organização Social de Saúde, MNU e Marcha das Mulheres Negras de SP, Mobilidade urbana (2 menções), Mobilização comunitária / movimento de favela, Movimento de mulheres (8 menções, incluindo LGBT, negras e outras variações), Movimento Feminista, Movimento Negro (2 menções), MST, Movimento LGBTQIA+, Feminista, Movimentos em defesa dos direitos da pessoa idosa, Não atuo mas contribuo financeiramente, Não Governamental, No segmento da Comunicação Empresarial, Nunca gostei de me envolver OAB-AM, Observatório Social, Olívia - Organização da Livre Identidade Sexual do Pará, Ordem Demolay Partido político (2 menções), Partido político - PT (2 menções), PcD, Pesquisa e estudos sobre futebol, Política, Políticas Públicas locais, Político estudantil, Projetos de Democratização do ensino

7. Qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos

A **Tabela 79** apresenta elementos sobre a vida pessoal dos jornalistas: 48,2% dos respondentes declararam viver sozinhos; 51,8% declararam ter um/a parceiro/a, e informaram sua profissão.

Tabela 79 – Se você for casada (o) ou vive com companheiro (a), indique a profissão dele (a):

	Frequência	Porcentagem válida
Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):	747	51,8
Vivo sozinha (o)	696	48,2
Total	1443	100,0

e extensão universitária, Promoção da Infância e adolescência, Rádio Comunitária, Rotary (3 menções), Segmento antirracista, Serviço, Sim, comunicação e rádio, Sim, migração e refúgio, Sim, Pesca, Sindicatos (5 menções), Solidariedade internacional, Sou colaboradora voluntária em diversos projetos, Tenda de Umbanda Oriental Senhores de Aruanda (TUOSA) e Tenda de Umbanda Oriental Senhores das Matas (TUOSMA), Trabalho na assessoria da Secretaria Municipal de Assistência Social e participo de danças circulares e biblioterapia, Voluntário em combate à Violência contra a mulher (2 menções).



A codificação das respostas qualitativas sobre as ocupações dos parceiros considerou seis categorias de pessoas que atuam: a) no jornalismo (inclui os status de assessor de imprensa, jornalista, docente de jornalismo, fotojornalista); b) em áreas vizinhas ao jornalismo, no campo da comunicação e cultura (audiovisual, comunicação, design, marketing, publicidade, relações públicas, atuação em mídias sociais etc.); c) em outras profissões ou ocupações de ensino superior; d) em profissões ou ocupações sem ensino superior; e) como empresários ou gestores; e f) em outras áreas de difícil classificação ou estão desempregados (**Tabela 79.1**).

Dos respondentes que declararam ter um parceiro, 20,5% declararam viver com uma pessoa pertencente ao campo do jornalismo; 11,2% se relacionam com pessoas do domínio da comunicação/cultura. O número elevado de respondentes que declararam viver sozinhos parece congruente com um cenário de juvenilização da profissão e/ou com uma configuração do grupo profissional composta, cada vez mais, por indivíduos posicionados nas etapas iniciais da carreira. Para um detalhamento dessas constatações seria necessário cruzar esse conjunto de respostas com variáveis como idade, estado civil e remuneração.

A análise das respostas qualitativas revela que quase um terço dos respondentes vivem com parceiro/a que atua no jornalismo ou em campos vizinhos, o que é parcialmente congruente com os relatos sobre relativa endogenia no meio jornalístico (TRAVANCAS, 1993) e o forte entrelaçamento entre vida profissional e vida privada (LE CAM; RUELLAN, 2017; PEREIRA, 2020). Essa leitura abre a possibilidade de se explorar/comparar situações de *Work Family Balance* entre casais de jornalistas e casais com parceiros de outros espaços laborais.

Em relação aos cerca de 70% de respondentes que não possuem parceiros nos campos do jornalismo e da comunicação, uma possível leitura é a de que a precarização da profissão tenha favorecido a configuração de casais compostos por jornalistas e pessoas exteriores ao grupo profissional e que atuem em domínios mais estáveis ou financeiramente mais recompensadores – o que parece ser congruente com o número de respondentes que afirmaram viver com pessoas que atuam nas várias posições do serviço público (66 respostas) ou nas áreas de TI (26). Uma análise qualitativa seria necessária para explorar essa hipótese. Na codificação das respostas foram consideradas apenas as entradas que mencionavam de forma explícita o status profissional do parceiro.

Tabela 79.1 – Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):⁵⁴

Categorias	Respostas	Frequência
Outras profissões ou ocupações de nível superior	Acadêmico, Administração (14), Advocacia (20), Análise de risco (7 variações), Análise de sistemas (6), Antropologia, Arquitetura (9), Assessoria política ou parlamentar (6), Assistência social (8), Auditoria (3), Bibliotecária, Bióloga, Cientista Político, Consultoria, Contabilidade (5), Coordenadora Pedagógica, Dentista (5), Desenvolvimento de software (4), Design (11), Direito (4), Docência (66), Educação (11), Embriologista, Enfermagem (5), Engenharia (29), Farmácia (3), Fisioterapeuta (3), Fonoaudiologia, Geofísico, Geógrafa, Geologia, Ictiologia, Marketing (8), Medicina (8), Medicina veterinária (2), Museólogo, Moda, Nutricionista (2), Oficial de justiça, Pedagogia (5), Pesquisa (2), Psicologia (21), Psicanálise, Psicoterapia, Química, Saúde pública (2), Serviço público (39), Sociologia (2), TI (12), Terapia ocupacional, Turismo (2)	343
Jornalismo	Assessoria de imprensa (2), Jornalista (147),	149
Profissões ou ocupações sem nível superior	Administrativo, Agente comunitária de saúde, Agente de telemarketing, Assistente (2), Auxiliar (3), Bombeiro militar, Chef (2), Cozinheiro, Cuidadora, Decoração e vendas, Despachante aduaneira, Digitadora, Economiário, Eletrotécnico, Esteticista (2), Financeiro, Gastronomia, Informática, Logística (4), Mani-	70

⁵⁴ Parte dos/as respondentes informou nas opções a profissão ou ocupação da pessoa com quem vive, podendo ser familiar ou amigo/a (portanto, não necessariamente cônjuge, para todos os casos; respostas que claramente não se referiam a cônjuge foram descartadas).



	cure, Maquiadora, Maquinista, Marcenaria, Mecânico (2), Metalúrgico (2), Operação na indústria, Operação de caixa, Paisagista, Pintor, Policial, Portuário, Projetista mecânico, Recursos humanos (3), Secretaria (5), Segurança (2), Serviços gerais, Suporte ao cliente, Técnica de segurança no trabalho (2), Técnica de enfermagem (4), Técnica de radiologia, Técnica judiciária, Técnico de som, Técnico (3), Telefonista, Telemarketing (2)	
Outras atividades da comunicação	Âncora, Artista plástica e editora de livros, Audiovisual (2), Cinematografista (3), Cinema (2), Comunicação (6), Coordenadora de Redes Sociais, Editores (3), Entretenimento em televisão, Escritor, Fotografia (11), Gerente de comunicação, Mídias sociais (3), Publicidade (11), Produção (8), Radialista (4), Relações públicas (4), Roteirista (2)	68
Empresários/as ou dirigentes	Agronegócio, Agropecuária, Empresário (9), Empreendedor (2), Comerciante, Confeitaria (2), Diretor (2), Construção Civil, Galeria de artes, Gerentes (8), Gestão (6), Alimentação, Educação, Supervisor de produção	37
Outras	Aposentadoria (14), Arquivista (2), Arte-Música, Artesã, Ator, Trabalho autônomo (8), Trabalho bancário (6), Trabalho no comércio (19), Corretor (3), Cultura, Curadora de arte, Desempregado (10), Do lar (4), Ensino médio (1), Estudante, Eventos, Funcionário de terceiro setor, Mercado financeiro, Militar,	77
Total		744

Usando o método de mensuração de escala, as questões a seguir descritas foram submetidas às/aos respondentes. No geral, buscou-se conhecer as condições de trabalho dos jornalistas e identificar situações de precarização do trabalho. O enunciado solicitava que os respondentes avaliassem as circunstâncias em que os realizavam seu trabalho prin-

cial. Foram 14 indicativos (**Tabelas 80.1 a 80.14**), que observaram aspectos sobre a intensidade do trabalho, a satisfação em relação ao seu trabalho, as relações de comunicação e trabalho, se os jornalistas sofriam censura no ambiente de trabalho ou tinham liberdade para participar da tomada de decisões e quais eram as condições dos recursos necessários para realizar sua atividade.

Quando questionados se o ritmo de trabalho era muito intenso (**Tabela 80.1**), 73,3% dos respondentes concordam com a afirmação (41,6% concordaram totalmente, 31,7% concordaram parcialmente). Apenas 13,4% discordaram (9,1% parcialmente e 4,3% totalmente), 12,1% nem discordam nem concordam e 1,2% disseram que a questão não se aplica.

Tabela 80.1 – O ritmo de trabalho é muito intenso

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	614	41,6
Concordo parcialmente	468	31,7
Nem concordo, nem discordo	178	12,1
Discordo parcialmente	134	9,1
Discordo totalmente	63	4,3
Não se aplica	18	1,2
Total	1475	100,0

Em relação à pressão vivenciada por causa dos prazos para cumprir o trabalho (**Tabela 80.2**), a maioria dos jornalistas concorda que o prazo exerce pressão sobre seu trabalho. Ou seja, 36,4% concordam parcialmente e 32,1% concordaram totalmente com esta afirmação, 12,4% não concordaram nem discordaram, 16,9% discordam da afirmação (12,5% discordam parcialmente e 4,4% discordam totalmente). Para 2,2%, a questão não se



aplica.

Tabela 80.2 – As tarefas sempre são cumpridas com pressão de prazos

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	537	36,4
Concordo totalmente	473	32,1
Nem concordo, nem discordo	183	12,4
Discordo parcialmente	185	12,5
Discordo totalmente	65	4,4
Não se aplica	32	2,2
Total	1475	100,0

O jornalismo é uma atividade coletiva e no processo produtivo há divisão de tarefas e responsabilidades. Contudo, a lógica da empresa enxuta, vivenciada pelas organizações, tem afetado o trabalho dos profissionais que acumulam funções e, com elas, mais responsabilidades. Esta prática reforça a precarização do trabalho dos jornalistas. Para compreender qual é o contexto de trabalho vivido pelos jornalistas brasileiros, investigamos se o número de pessoas na equipe era suficiente para realização das atividades (**Tabela 80.3**): 67% dos jornalistas concordam que o número de pessoas na equipe é insuficiente para realização das atividades (41,4% concordaram totalmente e 25,6% concordaram parcialmente com a afirmação); 10,8% discordaram parcialmente, 9,7% nem concordaram nem discordaram e 8,5% discordaram totalmente. Para 4,1%, essa pergunta não se aplica. A ausência de profissionais para realizar as atividades é um fator que colabora para tensionar a atuação do jornalista e impacta na qualidade de vida dos profissionais, sendo um indicativo da precarização do trabalho.

Tabela 80.3 – O número de pessoas na equipe é insuficiente para realizar as atividades

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	610	41,4
Concordo parcialmente	377	25,6
Discordo parcialmente	159	10,8
Nem concordo, nem discordo	143	9,7
Discordo totalmente	126	8,5
Não se aplica	60	4,1
Total	1475	100,0

A falta de tempo para pausa também é um indicador relevante sobre a qualidade de vida do jornalista (**Tabela 80.4**). Para a maioria deles (50,4%), falta tempo para realizar pausas de descanso (25,7% concordam totalmente e 24,7% concordam parcialmente). Mas há uma parcela significativa que discorda da afirmação de que não há tempo para realizar pausas de descanso: 15% discordam totalmente, 14,7% discordam parcialmente. São 14,7% os que nem concordam nem discordam. Para 5,2%, a pergunta não se aplica. A falta de tempo para a pausa e o descanso pode ser maior ou menor de acordo com a atividade realizada pelo profissional, sendo relevante observar esta informação pelo estrato de jornalistas em veículos de mídia, fora da mídia e professores.



Tabela 80.4 – Falta tempo para realizar pausas de descanso

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	379	25,7
Concordo parcialmente	364	24,7
Discordo totalmente	221	15,0
Nem concordo, nem discordo	217	14,7
Discordo parcialmente	217	14,7
Não se aplica	77	5,2
Total	1475	100,0

As respostas dadas sobre o número de trabalhadores na equipe indicaram que a maioria dos jornalistas (67%) vivenciam lógicas de organizações enxutas, nas quais há poucas pessoas para realizar as atividades. Nesse contexto, é de se esperar que a distribuição de tarefas no processo produtivo seja injusta, mas isso se confirma em partes pelas respostas coletadas na questão a seguir (**Tabela 80.5**). Em síntese, 40% dos jornalistas concordam que há uma divisão injusta de tarefas (20,1% concordam totalmente e 19,9% concordam parcialmente), 20,1% nem concordam nem discordam, 31,5% discordam da afirmação de que a distribuição das tarefas é injusta (17,5% discordam totalmente e 14% discordam parcialmente) e para 8,5% a questão não se aplica.

A diferença entre as respostas dadas às duas questões aqui referenciadas nos colocam algumas reflexões iniciais. Primeiro, os dados parecem indicar a normatização das condições precárias de trabalho por parte dos jornalistas. Nesse caso o profissional avalia que todos estão sobrecarregados e há uma divisão igualitária das tarefas. Por outro lado, os dados também podem indicar que a ideia sobre distribuição desigual de tarefas esteja relacionada com o fato de que, no ambiente de trabalho, alguns participam mais e assumem mais

responsabilidades que outros. Nesse caso, a injustiça na distribuição das tarefas se dá por omissão de uns em relação a outros no processo produtivo, e não por falta de trabalhadores para realizar as atividades. Por se tratar de questões de múltipla escolha, não há como aferir o que mobilizou a resposta dos jornalistas, mas ficam indícios para futuras observações.

Tabela 80.5 – A distribuição de tarefas é injusta

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	296	20,1
Nem concordo, nem discordo	296	20,1
Concordo parcialmente	294	19,9
Discordo totalmente	258	17,5
Discordo parcialmente	206	14,0
Não se aplica	125	8,5
Total	1475	100,0

Em relação à extensão da jornada de trabalho em casa, 45,7% dos jornalistas concordaram com a afirmação “Levo trabalho para terminar em casa com frequência” (25,8% concordaram totalmente e 19,9% concordaram parcialmente), enquanto outros 24,6% discordaram (13,8% discordaram totalmente e 10,8% discordaram parcialmente); 10,5% dos respondentes nem discordam nem concordam e para 19,1% a questão não se aplica (**Tabela 80.6**). Os dados mostram que é significativo o número de pessoas que estendem a jornada e o espaço do trabalho – que é realizado, também, no ambiente doméstico.



Tabela 80.6 – Levo trabalho para terminar em casa com frequência

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	381	25,8
Concordo parcialmente	294	19,9
Discordo totalmente	204	13,8
Discordo parcialmente	159	10,8
Nem concordo, nem discordo	155	10,5
Não se aplica	282	19,1
Total	1475	100,0

Em relação a infraestrutura de iluminação e climatização do ambiente de trabalho, 42,4% dos jornalistas discordam da afirmação “Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual” (29,1% discordam totalmente e 13,3% discordam parcialmente); 17% concordam parcialmente, 11,8% concordam totalmente, 11,7% nem concordam nem discordam e para 17,1% a questão não se aplica (**Tabela 80.7**).

Tabela 80.7 – Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	429	29,1
Concordo parcialmente	251	17,0
Discordo parcialmente	196	13,3

Concordo totalmente	174	11,8
Nem concordo, nem discordo	173	11,7
Não se aplica	252	17,1
Total	1475	100,0

Ainda em relação à infraestrutura usada para realizar o trabalho, os jornalistas foram questionados sobre as condições dos equipamentos que usam: 43,7% dos respondentes discordam da afirmação “Os equipamentos que utilizo, como computador, câmera fotográfica etc. não são bons” (26,8% discordam totalmente e 16,9% discordam parcialmente); 20,7% concordam parcialmente e 13,6% concordam totalmente; 11,3% nem concordam nem discordam; e para 10,8% a pergunta não se aplica (**Tabela 80.8**). Apesar da maioria discordar, é significativo o número de profissionais que concordou com a afirmação, o que corrobora para pensar as precárias condições de trabalho do jornalismo brasileiro.

Tabela 80.8 – Os equipamentos que utilizo, como computador, câmera fotográfica etc. não são bons

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	395	26,8
Concordo parcialmente	305	20,7
Discordo parcialmente	249	16,9
Concordo totalmente	201	13,6
Nem concordo, nem discordo	166	11,3
Não se aplica	159	10,8

Total	1475	100,0
--------------	-------------	--------------

Em resposta à avaliação de se a infraestrutura tem impacto negativo sobre o seu trabalho, 44,4% discordam (30,8% discordam totalmente e 13,6% parcialmente), outros 29,6% concordam (18,6% concordam parcialmente e 11% totalmente), enquanto 13,5% nem concordam nem discordam e 12,5% disseram que a questão não se aplica (**Tabela 80.9**). Os dados parecem indicar que para a maior parte dos jornalistas os equipamentos usados são condizentes com as necessidades da atividade realizada e não impactam no seu desempenho profissional.

Tabela 80.9 – A infraestrutura de trabalho disponível afeta negativamente meu desempenho profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	454	30,8
Concordo parcialmente	275	18,6
Discordo parcialmente	201	13,6
Nem concordo, nem discordo	199	13,5
Concordo totalmente	162	11,0
Não se aplica	184	12,5
Total	1475	100,0

Em relação a sensação de valorização no trabalho (**Tabela 80.10**), 43% dos jornalistas concordam com a afirmação “Me sinto desvalorizada (o) no trabalho” (23,9% concordam parcialmente e 19,1% totalmente), enquanto outros 38% discordam (25,7% discordam totalmente e 12,3% parcialmente), 13,6% nem concordam nem discordam. A questão não se aplica para 5,6% dos respondentes.

Tabela 80.10 – Me sinto desvalorizada (o) no trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	379	25,7
Concordo parcialmente	352	23,9
Concordo totalmente	281	19,1
Nem concordo, nem discordo	200	13,6
Discordo parcialmente	181	12,3
Não se aplica	82	5,6
Total	1475	100,0

Sobre a qualificação profissional dos jornalistas para realizar suas atividades, a maioria afirma se sentir treinado para realizar seu trabalho: 57,1% discordam da afirmação “Não me sinto suficientemente treinada (o) para as atividades que executo” (39,1% discordam totalmente e 18% parcialmente); em expressão minoritária, 22,1% concordam (15,7% concordam parcialmente e 6,4% totalmente). Por fim, 12,6% nem concordam nem discordam e para 8,2% a questão não se aplica (**Tabela 80.11**).

Tabela 80.11 – Não me sinto suficientemente treinada (o)
para as atividades que executo

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	577	39,1
Discordo parcialmente	266	18,0



Concordo parcialmente	231	15,7
Nem concordo, nem discordo	186	12,6
Concordo totalmente	94	6,4
Não se aplica	121	8,2
Total	1475	100,0

Em relação à liberdade de expressão, 57,8% discordam da afirmação “Não tenho liberdade para expressar opiniões/pensamento” (38,2% discordam totalmente e 19,6% parcialmente); por outro lado, 22% concordam (14% concordam parcialmente e 8% totalmente). Outros 12,3% nem concordam nem discordam e para 7,9% a questão não se aplica (**Tabela 80.12**).

Ainda que a menor parte dos respondentes afirme não ter liberdade para expressar pensamentos e opiniões, é preocupante haver jornalistas que sofrem censura em seu ambiente de trabalho. Essa realidade pode ser melhor analisada, também, por segmentação dos respondentes (trabalhadores da mídia, fora da mídia e professores). Por causa da pandemia, contexto histórico no qual a pesquisa foi realizada, as relações de trabalho mediadas por plataformas passaram a vivenciar novos cenários de censura e algumas atividades sofreram isso em maior ou menor grau. Outro aspecto que pode ser também analisado é o estrato por tipo de organização na qual o profissional trabalha: segundo pesquisas feitas pelo CPCT, no mesmo contexto histórico (FIGARO et al., 2021), algumas organizações estão mais suscetíveis à censura do que outras, como organizações governamentais ou ligadas diretamente ao governo atual, que incita a violência contra jornalistas e a proliferação de informações falsas.

Tabela 80.12 – Não tenho liberdade para expressar opiniões/pensamento

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	563	38,2
Discordo parcialmente	289	19,6
Concordo parcialmente	206	14,0
Nem concordo, nem discordo	182	12,3
Concordo totalmente	118	8,0
Não se aplica	117	7,9
Total	1475	100,0

Sobre o clima e as relações de trabalho, a maioria dos jornalistas diz ter uma boa convivência com colegas (**Tabela 80.13**). Em relação a afirmação “A convivência com meus colegas é difícil”, 64,8% discordam (47,6% dos respondentes discordam totalmente e 17,2% parcialmente), enquanto que 15,1% concordam (10,6% concordam parcialmente, 4,5% totalmente) e 10,2% não concordam nem discordam. Para 9,9%, a questão não se aplica.

Tabela 80.13 – A convivência com meus colegas é difícil

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	702	47,6
Discordo parcialmente	254	17,2
Concordo parcialmente	156	10,6

Nem concordo, nem discordo	151	10,2
Concordo totalmente	66	4,5
Não se aplica	146	9,9
Total	1475	100,0

Em relação à participação dos profissionais na tomada de decisões que afetam sua equipe de trabalho (**Tabela 80.14**), os dados mostram que 34,8% vivenciam ambientes de trabalho em que são excluídos das decisões (18,5% concordam parcialmente e 16,3% totalmente com a afirmação). Por sua vez, 37,6% discordam da afirmação (21,9% discordam totalmente e 15,7% parcialmente), enquanto 14,1% nem concordam nem discordam. Para 13,6%, a questão não se aplica.

Os dados das tabelas 80.12 e 80.14 dão indícios sobre a falta de autonomia e liberdade de opinião vivida por aproximadamente um terço dos profissionais jornalistas.

Tabela 80.14 – Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	323	21,9
Concordo parcialmente	273	18,5
Concordo totalmente	240	16,3
Discordo parcialmente	231	15,7
Nem concordo, nem discordo	208	14,1

Não se aplica	200	13,6
Total	1475	100,0

A questão seguinte reuniu perguntas que buscavam conhecer a qualidade de vida dos trabalhadores. Foram analisados oito indicativos sobre o impacto do trabalho nas relações pessoais dos jornalistas (**Tabelas 81.1 a 81.8**). A **Tabela 81.1** apresenta os dados sobre a realidade dos jornalistas quanto aos limites estabelecidos entre a vida familiar e laboral. Nesse sentido, 53,1% dos jornalistas concordaram com a afirmação “Consigo estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral” (31,1% concordam parcialmente e 22% totalmente). No entanto, 46,5% discordam da afirmação (23,4% discordam parcialmente e 13,5% totalmente), enquanto 8,7% nem discordam nem concordam.

É alto o número de profissionais que não conseguem separar a vida no trabalho da vida familiar, o que é relevante quando se analisa os dados levantados no conjunto de questões anteriormente investigadas, sobre a intensificação do trabalho, a extensão da jornada e a falta de trabalhadores para dividir as tarefas.

Tabela 81.1 – Consigo estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	458	31,1
Discordo parcialmente	345	23,4
Concordo totalmente	325	22,0
Discordo totalmente	199	13,5
Nem concordo, nem discordo	129	8,7



Não se aplica	19	1,3
Total	1475	100,0

A maior parte dos jornalistas, 82,4%, consegue falar abertamente sobre seu trabalho no ambiente familiar (60% concordam totalmente e 22,4% parcialmente) e apenas 9,3% não conseguem (discordam parcialmente 6,4% e totalmente 2,9%); 1,2% responderam que a questão não se aplica (**Tabela 81.2**). Os dados, em tese, revelam a liberdade dos profissionais para compartilhar êxitos ou sofrimentos vividos no trabalho e que colaboram para a tomada de decisões cotidianas por parte do profissional.

Tabela 81.2 – Consigo falar abertamente da minha atividade laboral no ambiente familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	885	60,0
Concordo parcialmente	330	22,4
Nem concordo, nem discordo	106	7,2
Discordo parcialmente	94	6,4
Discordo totalmente	43	2,9
Não se aplica	17	1,2
Total	1475	100,0

Em relação aos estímulos dados pelo empregador para melhorar a qualidade de vida do trabalhador e de sua família, os resultados mostram que há pouco incentivo por parte

das organizações para que os profissionais possam balancear a relação entre trabalho e ambiente familiar. No total, 37,5% discordam da afirmação “Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família” (24,1% discordam totalmente e 13,4% parcialmente). Porém, 26,2% concordam com a assertiva (15,2% concordam parcialmente e 11% totalmente); enquanto 19,2% nem concordam nem discordam. Para 17,2%, a questão não se aplica (**Tabela 81.3**).

Tabela 81.3 – Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	355	24,1
Nem concordo, nem discordo	283	19,2
Concordo parcialmente	224	15,2
Discordo parcialmente	198	13,4
Concordo totalmente	162	11,0
Não se aplica	253	17,2
Total	1475	100,0

Quanto à prioridade da vida pessoal em relação à atividade laboral, 50,5% dos respondentes concordam com a afirmação “Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar” (30,8% concordam parcialmente e 19,7% totalmente), enquanto 13,3% não concordam nem discordam da afirmação. Por sua vez, 34,9% discordam da afirmação (19,4% discordam parcialmente e 15,5% totalmente). Para apenas 1,4% a questão não se aplica (**Tabela 81.4**). Este dado revela a dificuldade de um terço dos jornalistas em ter a vida pessoal



como prioridade em detrimento de seu trabalho. O trabalho é o meio pelo qual o trabalhador se sustenta e sustenta sua família, mas quando há sobreposição deste à vida pessoal, ele pode se tornar fonte de adoecimentos e sofrimento para o trabalhador. Isto porque a falta de tempo para planejar o futuro e gerir a própria vida impacta na sensação de realização ou de esgotamento do profissional, que afetam as relações sociais e a saúde dos jornalistas.

Tabela 81.4 – Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	454	30,8
Concordo totalmente	290	19,7
Discordo parcialmente	286	19,4
Discordo totalmente	229	15,5
Nem concordo, nem discordo	196	13,3
Não se aplica	20	1,4
Total	1475	100,0

No que se refere à concordância dos jornalistas quanto a se têm tempo para cuidar de si mesmos, 53,7% concordam com a assertiva (33,2% concordam parcialmente e 20,5% totalmente), enquanto 35,4% discordam (21% discordam parcialmente e 14,4% totalmente) indicando não terem tempo para cuidar de si. Outros 10,4% não concordam nem discordam. Novamente os dados mostram que um terço dos profissionais têm o trabalho como prioridade em suas vidas e que ele impacta negativamente em sua qualidade de vida (**Tabela 81.5**).

Tabela 81.5 – Tenho tempo para cuidar de mim mesma (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	489	33,2
Discordo parcialmente	310	21,0
Concordo totalmente	302	20,5
Discordo totalmente	212	14,4
Nem concordo, nem discordo	153	10,4
Não se aplica	9	0,6
Total	1475	100,0

Em relação ao clima organizacional (**Tabela 81.6**), 58,8% dos jornalistas concordam com a afirmação “trabalho em um ambiente saudável” (34% concordam parcialmente e 24,8% concordam totalmente). 15,3% não concordam nem discordam. Porém, 23,1% discordam da afirmação (12,7% discordam parcialmente e 10,4% discordam totalmente).

Tabela 81.6 – Trabalho em um ambiente saudável

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	501	34,0
Concordo totalmente	366	24,8
Nem concordo, nem discordo	226	15,3
Discordo parcialmente	187	12,7



Discordo totalmente	153	10,4
Não se aplica	42	2,8
Total	1475	100,0

A maioria dos jornalistas (57,7%) concorda com a afirmação “Realizo uma avaliação contínua da minha vida pessoal e familiar” (31,9% concordam parcialmente e 25,8% totalmente). Porém, 22,2% discordam da assertiva (12,2% discordam parcialmente e 10% totalmente) – percentual que reforça os dados indicados nas tabelas anteriores quanto à sobreposição do trabalho à vida pessoal – enquanto 17,3% nem concordam nem discordam (**Tabela 81.7**).

Tabela 81.7 – Realizo uma avaliação contínua da minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo parcialmente	471	31,9
Concordo totalmente	381	25,8
Nem concordo, nem discordo	255	17,3
Discordo parcialmente	180	12,2
Discordo totalmente	147	10,0
Não se aplica	41	2,8
Total	1475	100,0

Quando questionados sobre os impactos da atividade laboral sobre sua situação conjugal, 45,8% discordaram da afirmação “Minha atividade profissional influencia negati-

vamente na minha atual situação conjugal” (35,1% discordam totalmente e 10,7% parcialmente), mas 18% dos respondentes concordaram com a assertiva (5,4% concordam totalmente e 12,6% concordam parcialmente), enquanto 11,5% nem concordam nem discordam. Contudo, para quase 1/4 dos respondentes (24,7%), a questão não se aplica (**Tabela 81.8**).

Tabela 81.8 – Minha atividade profissional influencia negativamente na minha atual situação conjugal

	Frequência	Porcentagem válida
Discordo totalmente	518	35,1
Concordo parcialmente	186	12,6
Nem concordo, nem discordo	169	11,5
Discordo parcialmente	158	10,7
Concordo totalmente	80	5,4
Não se aplica	364	24,7
Total	1475	100,0

As questões a seguir tentam captar algumas informações sobre o trabalho predominantemente em regime *home office*, que foi dominante durante toda a pandemia da Covid-19, mais especificamente no primeiro ano (2020). Como o campo da pesquisa foi realizado entre 16 de agosto de 1º de outubro de 2021, o estudo procura examinar esta realidade híbrida, que combinava as modalidades de trabalho remoto e presencial.

As percepções sobre alegria, disposição, calma, tranquilidade, energia e atividade, relaxamento e foco (escolhas racionais sobre o tempo) foram respondidas por 1.475 jornalistas (**Tabelas 82.1 a 82.5**). Com relação à percepção de alegria e disposição, 55% dos/as



profissionais responderam que se sentem alegres e bem dispostos, na maior parte do tempo e mais da metade do tempo; 20,1% disseram sentir isso menos da metade do tempo, enquanto outros 18,5% sentem “algumas vezes”; e apenas 3,6% responderam que se sentem desta maneira “todo o tempo”, contra 2,8% que assinalaram “nunca” (**Tabela 82.1**).

Tabela 82.1 – Me senti alegre e bem disposta (o)

	Frequência	Porcentagem válida
A maior parte do tempo	437	29,6
Mais da metade do tempo	375	25,4
Menos da metade do tempo	296	20,1
Algumas vezes	273	18,5
Todo o tempo	53	3,6
Nunca	41	2,8
Total	1475	100,0

Quando se trata da percepção sobre “calma e tranquilidade” (**Tabela 82.2**), 50,7% dos profissionais responderam que se sentem assim “a maior parte do tempo” (23,9%) e “mais da metade do tempo” (26,8%); outros 24% responderam “menos da metade do tempo”, enquanto 16,7% registraram a percepção “algumas vezes”. Apenas 5,6% dos respondentes registraram “nunca” e 2,9% apontaram o oposto, “todo o tempo”.

Tabela 82.2 – Me senti calma (o) e tranquila (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Mais da metade do tempo	395	26,8

Menos da metade do tempo	354	24,0
A maior parte do tempo	353	23,9
Algumas vezes	247	16,7
Nunca	83	5,6
Todo o tempo	43	2,9
Total	1475	100,0

Quando se trata de mensurar a capacidade ativa/energia (**Tabela 82.3**), o mesmo quantitativo de respondentes (1.475) convergiu para as duas primeiras opções: “mais da metade do tempo” (24,9%) e “a maior parte do tempo” (25,8%), totalizando 50,7%. Na opção “menos da metade do tempo” temos 21,9% dos profissionais, enquanto 17,6% responderam “algumas vezes”. Por fim, 5,5% registraram “nunca”, em oposição aos 4,2% que assinalaram “todo o tempo”.

Tabela 82.3 – Me senti ativa (o) e enérgica (o)

	Frequência	Porcentagem válida
A maior parte do tempo	381	25,8
Mais da metade do tempo	368	24,9
Menos da metade do tempo	323	21,9
Algumas vezes	260	17,6
Nunca	81	5,5
Todo o tempo	62	4,2



Total	1475	100,0
--------------	-------------	--------------

Para mensurar o bem estar após o ciclo de sono (**Tabela 82.4**), a questão colocada destacou o ato de despertar se sentindo relaxado/a e repousado/a (o número de respondentes é o mesmo – 1.475). Neste quesito prevaleceu a percepção negativa: “menos da metade do tempo” (25,8%), “algumas vezes” (24,4%) e “nunca” (13,6%) totalizam 63,8% dos respondentes que não acordam se sentindo assim. Outros 17,5% responderam “a maior parte do tempo”, enquanto 16,4% “mais da metade do tempo”. Apenas 2,3% responderam “todo o tempo”.

Tabela 82.4 – Acordei me sentindo relaxada (o) e repousada (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Menos da metade do tempo	381	25,8
Algumas vezes	360	24,4
A maior parte do tempo	258	17,5
Mais da metade do tempo	242	16,4
Nunca	200	13,6
Todo o tempo	34	2,3
Total	1475	100,0

Quando o olhar se dirige à gestão do tempo de vida (**Tabela 82.5**), quase metade dos respondentes (48,7% do total de 1.475) afirmaram uma percepção positiva quanto à ocupação de seu dia a dia com coisas que lhes interessam: 22,7% disseram se identificar com a afirmação “a maior parte do tempo”, 21,5% “mais da metade do tempo” e 4,5% “todo o

tempo”. No entanto, 23,7% responderam “menos da metade do tempo”; outros 22,6% “algumas vezes” e 4,9% selecionaram a opção “nunca”.

Tabela 82.5 – Meu dia a dia tem sido preenchido com coisas que me interessam

	Frequência	Porcentagem válida
Menos da metade do tempo	350	23,7
A maior parte do tempo	335	22,7
Algumas vezes	334	22,6
Mais da metade do tempo	317	21,5
Nunca	72	4,9
Todo o tempo	67	4,5
Total	1475	100,0

A questão a seguir expandiu a percepção dos jornalistas brasileiros sobre os últimos seis meses de vida, em plena pandemia (**Tabelas 83.1 a 83.12**). Considerando que o modo de trabalho dominante foi o *home office*, os indicadores de saúde aqui analisados, em média por 1.470 respondentes, fornecem um bom panorama para se pensar numa investigação mais vertical e fecunda sobre a saúde laboral dos/as jornalistas brasileiros entre março de 2020 até março de 2023. À questão das dores no corpo (**Tabela 83.1**), 50,4% dizem sofrer delas “com frequência” (30,6%) ou “diariamente” (19,8%); notáveis 30,3% responderam “de vez em quando”. A opção “raramente” foi adotada por 15,6%, enquanto “nunca” foi a resposta de 3,7%.



Tabela 83.1 – Dores no corpo (braços, pernas, costas, mãos, pés...)

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	451	30,6
De vez em quando	446	30,3
Diariamente	291	19,8
Raramente	230	15,6
Nunca	54	3,7
Total	1472	100,0

No tocante ao sintoma “dor de cabeça” (**Tabela 83.2**), quase 2/3 (64%) dos 1.470 respondentes convergiu positivamente às opções que indicavam a experiência de sofrer dela “diariamente” (6,3%), “com frequência” (24%) e “de vez em quando” (33,7%). Foram 28,3% os que se identificaram com a opção “raramente”, enquanto “nunca” teve o registro de 7,7%.

Tabela 83.2 – Dor de cabeça

	Frequência	Porcentagem válida
De vez em quando	496	33,7
Raramente	416	28,3
Com frequência	353	24,0
Nunca	113	7,7
Diariamente	92	6,3
Total	1470	100,0

Com relação aos distúrbios digestivos (**Tabela 83.3**), a maioria (47,1%) dos 1.461 respondentes convergiu para “raramente” (30,9%) e “nunca” (16,2%). Outros 29,2% registraram a opção “de vez em quando” e 4,9% responderam “diariamente”.

Tabela 83.3 – Distúrbios digestivos

	Frequência	Porcentagem válida
Raramente	451	30,9
De vez em quando	426	29,2
Com frequência	276	18,9
Nunca	237	16,2
Diariamente	71	4,9
Total	1461	100,0

No tocante às “alterações no sono” (**Tabela 83.4**), mais de 3/4 (75,3%) dos 1.471 respondentes convergiram às opções que confirmam a relevância deste indicador: 30,5% têm o sono alterado “com frequência”, 15,7% “diariamente” e outros 29,1% “de vez em quando”. A opção “raramente” foi registrada por 18%, enquanto a resposta “nunca” foi a escolha de 6,7%.

Tabela 83.4 – Alterações no sono

	Frequência	Porcentagem válida
Com frequência	448	30,5
De vez em quando	428	29,1



Raramente	265	18,0
Diariamente	231	15,7
Nunca	99	6,7
Total	1471	100,0

Quando tratamos de “alterações no apetite” (**Tabela 83.5**) prevaleceram as respostas em sentido negativo: 53,4% dos 1.468 respondentes afirmaram “raramente” (32,6%) e “nunca” foi a escolha de 20,8%. Para 24,5% o sintoma aparece “de vez em quando”, enquanto outros 16,2% “com frequência” e 5,8% “diariamente”.

Tabela 83.5 – Alterações no apetite

	Frequência	Porcentagem válida
Raramente	479	32,6
De vez em quando	360	24,5
Nunca	306	20,8
Com frequência	238	16,2
Diariamente	85	5,8
Total	1468	100,0

Quando a questão se refere a “dificuldades nas relações de trabalho” (**Tabela 83.6**), as respostas da maioria foram em sentido negativo. Dos 1.471 respondentes, 56,9% ficaram com as opções “raramente” (36,7%) e “nunca” (20,2%). Para outros 28,3% isto se apresenta “de vez em quando”, enquanto que para 10,3% “com frequência” e, ainda, 4,5% que sentem isso “diariamente”.

Tabela 83.6 – Dificuldades nas relações de trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Raramente	540	36,7
De vez em quando	417	28,3
Nunca	297	20,2
Com frequência	151	10,3
Diariamente	66	4,5
Total	1471	100,0

Quando tratamos de “conflitos nas relações familiares” (**Tabela 83.7**) dos 1.472 profissionais a maioria (57,1%) convergiu no sentido negativo da questão: 38,8% responderam “raramente” e 18,3% escolheram “nunca”. Quase um terço (29,9%) assumiu a opção “de vez em quando”, enquanto os demais registraram as opções “com frequência” (10,5%) e “diariamente” (2,5%).

Tabela 83.7 – Conflitos nas relações familiares

	Frequência	Porcentagem válida
Raramente	571	38,8
De vez em quando	440	29,9



Nunca	270	18,3
Com frequência	154	10,5
Diariamente	37	2,5
Total	1472	100,0

Quando o assunto é “agressividade” (**Tabela 83.8**), para mais da metade dos respondentes (52,7%) tal indicador aparece “raramente” (32,4%) ou “nunca” (20,3%). Para quase um terço (30,9%) o indicador está presente “de vez em quando”, enquanto para os outros 12,4% “com frequência” e, para 3,9%, “diariamente”.

Tabela 83.8 – Agressividade

	Frequência	Porcentagem válida
Raramente	477	32,4
De vez em quando	455	30,9
Nunca	299	20,3
Com frequência	183	12,4
Diariamente	57	3,9
Total	1471	100,0

O sentimento de “tristeza” (**Tabela 83.9**) foi registrado como em frequência significativa por 7 em cada 10 jornalistas (70,1% dos 1.472 respondentes), considerando: 23,8% “com frequência”, 9,7% “diariamente” e 36,6% “de vez em quando”. Dos demais, 21,8% responderam “raramente” e 8,0% “nunca”.

Tabela 83.9 – Tristeza

	Frequência	Porcentagem válida
De vez em quando	539	36,6
Com frequência	351	23,8
Raramente	321	21,8
Diariamente	143	9,7
Nunca	118	8,0
Total	1472	100,0

No tocante à “perda de autoconfiança” (**Tabela 83.10**), mais de dois terços (67,3% de 1.473 respondentes) dos jornalistas registraram positivamente o indicador, considerando: 24,8% “com frequência”, 10,7% “diariamente” e 31,8% “de vez em quando”. Dos demais, 22,5% responderam “raramente” e 10,2% “nunca”.

Tabela 83.10 – Perda de autoconfiança

	Frequência	Porcentagem válida
De vez em quando	468	31,8
Com frequência	366	24,8
Raramente	331	22,5
Diariamente	158	10,7
Nunca	150	10,2
Total	1473	100,0



Quando se trata de “cansaço extremo” (**Tabela 83.11**), sete em cada 10 jornalistas que responderam à questão (72,4%) confirmam o indicador, considerando: 27,5% “com frequência”, 15,1% “diariamente” e 29,8% “de vez em quando”. No restante, 18,9% responderam “raramente” e outros 8,7% “nunca”.

Tabela 83.11 – Cansaço extremo

	Frequência	Porcentagem válida
De vez em quando	438	29,8
Com frequência	405	27,5
Raramente	278	18,9
Diariamente	222	15,1
Nunca	128	8,7
Total	1471	100,0

Por fim, em um indicador da maior gravidade – com múltiplas repercussões na saúde laboral e capacidade laborativa dos jornalistas – que é o “stress” (**Tabela 83.12**), notáveis 80,7% (do total de 1.471 respondentes) confirmaram esse indicador, considerando: 30,3% “com frequência”, 18,5% “diariamente” e 31,9% “de vez em quando”. Dos demais, 13,9% responderam “raramente”, enquanto que 5,5%, “nunca”.

Tabela 83.12 – Stress

	Frequência	Porcentagem válida
De vez em quando	469	31,9
Com frequência	445	30,3

Diariamente	272	18,5
Raramente	204	13,9
Nunca	81	5,5
Total	1471	100,0

7.1. Código de Ética e valores

Abrimos este bloco com uma pergunta simples e direta, para mensurar o conhecimento dos/as jornalistas sobre o Código de Ética profissional. Cerca de três em cada quatro (74,8%) responderam afirmativamente que conhecem o código. Outros 25,2% afirmaram não conhecer (**Tabela 84**).

Tabela 84 – Você conhece o Código de Ética do Jornalista Brasileiro?

	Frequência	Porcentagem Válida
Sim	1104	74,8
Não	371	25,2
Total	1475	100,0

Com relação ao Código de Ética, os/as jornalistas brasileiros/as acreditam que ele é “insuficiente e incompleto” (66,4%). Quase a metade da amostra também considera que ele esteja desatualizado (44,7%). Apenas 12,7% consideram que ele seja “Atual, suficiente e completo” (**Tabela 85**).



Tabela 85 – Você considera que este código é:

	Frequência	Porcentagem válida
Atual, mas insuficiente e incompleto	465	42,5
Desatualizado, insuficiente e incompleto	262	23,9
Desatualizado, mas suficiente e completo	228	20,8
Atual, suficiente e completo	139	12,7
Total	1094	100,0

A próxima questão analisa a percepção dos jornalistas no que diz respeito a valores necessários para se trabalhar com ética (**Tabelas 86.1 a 86.10**). Com relação à credibilidade, 86% dos/as jornalistas brasileiros/as a consideram “extremamente importante”. Outros 12,8% a consideram “muito importante”. Portanto, 98,8% da amostra pensam que a credibilidade é importante. Apenas 1% posicionaram-se com neutralidade, apontando que o valor é “mais ou menos importante”, e somente 0,2% dos/as respondentes julgaram que a credibilidade é “pouco importante” para se trabalhar com ética (**Tabela 86.1**).

Tabela 86.1 – Credibilidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	1257	86,0
Muito importante	187	12,8
Mais ou menos importante	15	1,0
Pouco importante	3	0,2
Total	1462	100,0

A grande maioria dos/as jornalistas brasileiros/as (71,4%) crê que a diversidade é “extremamente importante” para se trabalhar com ética. Para 24,8% dos/as respondentes, esse é um valor “muito importante”. Dessa maneira, o grau de adesão à importância do valor é de 96,2%. Apenas 2,8% dos/as jornalistas pensam que a diversidade é um valor ético “mais ou menos importante”. Somados, somente 1% da amostra a julgam “pouco importante” ou “sem importância” (**Tabela 86.2**).

Tabela 86.2 – Diversidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	1046	71,4
Muito importante	363	24,8
Mais ou menos importante	41	2,8
Pouco importante	10	0,7
Sem importância	4	0,3
Total	1464	100,0

O equilíbrio é um valor extremamente importante” para trabalhar com ética para 65% dos/as jornalistas brasileiros/as. De acordo com 29,6%, o equilíbrio é “muito importante”. Sendo assim, registrou-se a porcentagem de 94,6% de avaliação “importante” para esse princípio. Apenas 4,9% responderam que o equilíbrio é um valor ético “mais ou menos importante”. Se somarmos aqueles que o consideram “pouco importante” ou “sem importância”, encontramos somente 0,4% da amostra (**Tabela 86.3**).



Tabela 86.3 – Equilíbrio

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	951	65,0
Muito importante	433	29,6
Mais ou menos importante	72	4,9
Pouco importante	4	0,3
Sem importância	2	0,1
Total	1462	100,0

O valor da imparcialidade registrou a menor porcentagem entre os valores listados por esta pesquisa como tendo relação importante com o trabalho ético. Mesmo assim, 46% dos/as jornalistas a consideram “extremamente importante”. Somados àqueles (27%) que julgam a imparcialidade como “muito importante”, temos que 73% dos/as jornalistas apontam esse valor como eticamente importante. Pouco menos de 20% se mantiveram neutros/as ao responder que a imparcialidade é “mais ou menos importante”. Somente 8,2% acreditam que o valor é “pouco importante” ou “sem importância” (**Tabela 86.4**).

Tabela 86.4 - Imparcialidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	673	46,0
Muito importante	395	27,0
Mais ou menos importante	274	18,7

Pouco importante	76	5,2
Sem importância	44	3,0
Total	1462	100,0

Quando perguntados sobre a necessidade da justiça para se trabalhar com ética, uma ampla maioria dos/as jornalistas (79%) crê que esse valor seja “extremamente importante”; para 18,4%, a justiça é “muito importante”. Importante destacar que, somados estas duas opções, 97,4% dos/as respondentes consideram a justiça um valor ético com elevado grau de importância. Apenas 2,3% julgam esse valor como “mais ou menos importante”, e uma porcentagem de somente 0,3% respondeu que a justiça é “pouco importante” ou “sem importância” para se trabalhar com ética (**Tabela 86.5**).

Tabela 86.5 – Justiça

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	1157	79,0
Muito importante	270	18,4
Mais ou menos importante	34	2,3
Pouco importante	3	0,2
Sem importância	1	0,1
Total	1465	100,0

Quando somadas as porcentagens dos/as jornalistas brasileiros/as que consideram a liberdade como “extremamente importante” ou “muito importante” para se trabalhar com

ética (84,4% e 14,6%, respectivamente), encontramos uma aderência de 99% dos/as respondentes a este valor. Menos de 1% o julgam como “mais ou menos importante” e apenas 0,2% acreditam que a liberdade é “pouco importante” ou “sem importância” alguma (**Tabela 86.6**).

Tabela 86.6 – Liberdade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	1234	84,4
Muito importante	213	14,6
Mais ou menos importante	12	0,8
Pouco importante	1	0,1
Sem importância	2	0,1
Total	1462	100,0

O valor da objetividade registrou a segunda menor frequência (61%) entre aqueles que o consideram “extremamente importante”, na lista do que é importante para se trabalhar com ética. Entretanto, é importante registrar o alto grau de adesão à objetividade, principalmente quando somados àqueles que a julgam ser “muito importante” (27,6%), o que resulta em 88,6% de concordância. Para 9,3% dos/as respondentes, a objetividade é “mais ou menos importante” e 2,1% pensam que ela é “pouco importante” ou “sem importância” alguma (**Tabela 86.7**).

Tabela 86.7 – Objetividade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	891	61,0
Muito importante	403	27,6
Mais ou menos importante	136	9,3
Pouco importante	26	1,8
Sem importância	5	0,3
Total	1461	100,0

Quase a totalidade dos/as jornalistas brasileiros/as (96,7%) consideram a pluralidade importante para o trabalho ético, sendo que 72,8% a julgam “extremamente importante” e 23,9% “muito importante”. Somente 2,9% pensam que a pluralidade é “mais ou menos importante” para o trabalho ético e uma porcentagem estatisticamente irrelevante (0,4%) crê que esse valor é “pouco importante” ou “sem importância” alguma (**Tabela 86.8**).

Tabela 86.8 – Pluralidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	1066	72,8
Muito importante	350	23,9
Mais ou menos importante	42	2,9
Pouco importante	3	0,2
Sem importância	3	0,2
Total	1464	100,0



Com relação à transparência, 98,6% dos/as jornalistas brasileiros/as acreditam na sua importância, considerando o que é preciso para um trabalho ético. Essa adesão se dividiu entre 86,3% julgando-a “extremamente importante” e 12,3% como “muito importante”. Somente 1,4% consideram a transparência mais ou menos importante, sem registro algum de “pouco importante” e “sem importância” (**Tabela 86.9**).

Tabela 86.9 – Transparência

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	1260	86,3
Muito importante	180	12,3
Mais ou menos importante	20	1,4
Total	1460	100,0

A verdade registrou a maior porcentagem entre os valores considerados “extremamente importantes”: 91,6%. Somada à porcentagem dos/as que a julgam como muito importante (7,6%), registrou-se a quase totalidade de adesão ao valor (99,2%). A frequência dos que responderam que a verdade é “mais ou menos importante” ou “sem importância” não chegou a 1% da amostra (**Tabela 86.10**).

Tabela 86.10 – Verdade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	1340	91,6
Muito importante	111	7,6
Mais ou menos importante	9	0,6

Sem importância	3	0,2
Total	1463	100,0

No que diz respeito às condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística, 81,8% dos/as jornalistas brasileiros/as consideram que têm condições totais para isso. Somados aos 15,6% dos que responderam ter condições parciais, chega-se a elevados 97,4% dos/as respondentes com algum grau de condição de atuar dentro da ética profissional. Somente 2,6% julgaram que não têm condições para isso (**Tabela 87**).

Tabela 87 – Você considera que tem condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim, tenho condições totais para isso	1198	81,8
Parcialmente	229	15,6
Não, não tenho	38	2,6
Total	1465	100,0

Entre aqueles que responderam que não conseguem exercer o jornalismo eticamente, a “pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros” é o impedimento mais citado (64,3%). Em segundo lugar, 38,4% dos/as respondentes apontaram a “sobrecarga de trabalho e falta de tempo”. Outros 30,8% afirmaram que o “desestímulo e dificuldades no local de trabalho” são impedimentos para o trabalho ético. Com menor porcentagem, 16,4% indicaram o “trabalho fora da mídia” e 8% o “despreparo técnico” como dificuldades. Por



último, o “trabalho como docente” (6,1%) e “outro” (5,7%) foram assinalados como dificuldades para o exercício ético do jornalismo (**Tabela 88**).⁵⁵

Tabela 88 - O que impede que você exerça o jornalismo eticamente?
(É possível marcar mais de uma alternativa.)

	Frequência	Porcentagem válida
Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros	169	64,3
Sobrecarga de trabalho e falta de tempo	101	38,4
Desestímulo e dificuldades no local de trabalho	81	30,8
Trabalho fora da mídia	43	16,4
Despreparo técnico	21	8,0
Trabalho como docente	16	6,1
Outro. Qual?	15	5,7
Total respondentes válidos	263	100,0
Total respostas	446	

⁵⁵ As respostas “Outro. Qual?” foram: Conhecimento de uma normativa, Empresa não tem respeito com o profissional, Fim do modelo de negócio do jornalismo (maus pagamentos/má remuneração), Governo Bolsonaro, Influências político-partidárias, Linha editorial e interesses comerciais da empresa, Mercado de jornalismo ainda pouco plural e monopolizado, Mesmo atuando em assessoria, acho possível seguir o código de ética, considerando que toda comunicação é pública, Necessidade de pagar as contas, O mundo não é ético, Pouco tempo na empresa, Pressão econômica, Pressão gerencial às vezes, Pressão por métricas, Relações políticas

7.2. Comentários e avaliações da pesquisa

Na última questão, o estudo abriu espaço qualitativo para que os/as respondentes pudessem discorrer livremente: “Comente caso queira fazer alguma observação adicional a respeito do tema da pesquisa, questionário e/ou outro relacionado à sua experiência como jornalista/docente”. Ao se analisar as 217 respostas, o resultado é um mosaico de opiniões, insights interessantes, queixas, e apontamentos de solução para questões diversas.

Das 217 respostas registradas⁵⁶, 31 declararam não ter comentários adicionais; 63 tiveram algum tipo de elogio e/ou parabenizaram a iniciativa. Os elogios versam sobre: a qualidade ou completude do questionário; a identificação acertada dos problemas da profissão; a relevância, a importância ou a necessidade da pesquisa; apontamentos de que é a pesquisa foi interessante; e agradecimentos pela oportunidade de participar, além manifestação de interesse em ter acesso aos resultados.

Destes, 16 elaboraram brevemente sobre a relevância da pesquisa, apontando para a importância de se traçar um retrato atual da categoria no Brasil e em cada região e argumentando que, com esses dados, seria então possível saber das dificuldades, das condições de trabalho, das carências e das necessidades dos profissionais: essas informações poderiam então permitir um melhor entendimento sobre o contexto atual da categoria (em uma área que muda em ritmo acelerado, exigindo adaptação de quem trabalha nela), e servir de insumo para o desenvolvimento de políticas de classe, com o objetivo de melhoria das condições de trabalho. Para além do questionário em si, houve comentários sobre a importância de uma boa divulgação dos resultados, e que a pesquisa fosse realizada com mais frequência e com alcance ampliado (por intermédio de sindicatos e associações da classe, por exemplo).

⁵⁶ Nesta seção, a soma do número de respostas para cada temática mencionada pelos respondentes ultrapassa o número total de comentários, uma vez que, muitas vezes, acabavam tecendo reflexões sobre mais de um assunto.



Interessante notar que as questões parecem ter oferecido um espaço de reflexão e até desabafo aos respondentes. Algumas respostas transmitem a ideia de que os espaços dos quais dispõem para expor, pensar e discutir os problemas que enfrentam por conta do trabalho são poucos, seja pelo uso da questão aberta para relatar as situações que enfrentam, seja por formulação direta:

“me fez refletir sobre meu trabalho e o jornalismo atualmente”

“o questionário de certa forma serve até como um desabafo para nós profissionais da área de comunicação, que muitas vezes não temos apoio”

“Que bom ter uma pesquisa para falarmos de nosso dia a dia”

“quem muito pergunta gosta de responder, de vez em quando”

Nove respondentes apontaram que o questionário foi longo e/ou cansativo. Destes, dois o fizeram com a ressalva de que é “longo, mas interessante” / “Muito longa. Mas boa.”.

Cinquenta e cinco (55) respondentes fizeram sugestões ou críticas à pesquisa. Alguns (16) apontaram que esta não contempla uma realidade de atuação na profissão (a sua, ou de todo um grupo). Entre as situações elencadas, destaca-se a crítica ao foco aparente do questionário em jornalistas com atuação mais próxima do “tradicional”: o olhar voltado aos trabalhos em empresas de comunicação deixaria de lado muitas facetas atuais da profissão (“As questões para caracterizar o tipo de trabalho que a pessoa faz não parecem captar bem a natureza da atividade de quem não trabalha num modelo mais convencional.”).

Nesse sentido, sugerem que a pesquisa poderia dar maior atenção particularmente ao jornalista autônomo, “carreira solo” ou freelancer (MEI). Isso se daria tanto com a formulação de questões/opções específicas, quanto na possibilidade de não assinalar opções em perguntas que não contemplem a experiência desses profissionais: “questões de quem é freelancer têm menos a ver com ambiente de trabalho do que com imposições colocadas por questões externas, por exemplo. faltou opções de ‘não se aplica’”.

Também foram citadas como situações de trabalho não contempladas: jornalistas que têm o próprio negócio na área da comunicação; aposentados que continuaram traba-

lhando; funções em regime de voluntariado; trabalho de direção em organização de jornalistas (remunerado ou não); trabalho fixo com carga horária baixa e complemento de renda no esquema freelancer; jornalista de assessoria que também exerce docência; jornalista que trabalha e estuda (“também sobrecarrega na rotina, assim como ter dois ou mais empregos”); e mais de um emprego com diferentes tipos de contratação (“deveria haver a possibilidade de mais de uma opção em relação à quantidade de trabalhos e tipo de contratação. Tenho dois trabalhos – um em rádio com contrato CLT e outro em revista e site com contrato MEI”). Na descrição das organizações onde os jornalistas trabalham, foi citada a falta das opções: associações civis/privadas; entidades sem fins lucrativos; ONGs; e sindicatos.

Algumas dessas situações poderiam estar contempladas nas opções existentes no questionário, mas a demanda demonstra como o nível de diversificação das atividades e regimes de trabalho na categoria apresenta desafios a esse tipo de levantamento. A ideia de que a pesquisa não contemplou essas diversas situações aparece tanto na afirmação direta quanto no caso de respondentes que sentiram necessidade de utilizar a questão aberta para detalhar o formato e as atividades do seu trabalho.

Também aparecem como críticas e sugestões, de forma mais pontual: que algumas perguntas restringem demais as opções de resposta; que seria necessário separar o quê, nas perguntas de condição de trabalho, foi causado pela pandemia, daquilo que é uma questão também em tempos normais; que poderia haver um bloco de perguntas para a ocupação principal e outro para a secundária; que a pergunta sobre assédio poderia incluir empregos anteriores (“Apesar de não ser realidade no meu local de trabalho atual, já passei por uma situação grave de assédio moral e que me levou ao adoecimento e cheguei a processar o antigo empregador. Essa, infelizmente, é uma situação comum.”); que condições de saúde anteriores podem afetar as respostas desse tema (“nas questões de saúde, cabe ressaltar que as respondi em um contexto de diagnóstico de uma doença autoimune”); e que seria interessante uma pergunta sobre autonomia de trabalho específica para aqueles que atuam no estado.

A questão sobre a importância de valores éticos da profissão levantou discussão entre 9 dos respondentes, que relativizaram os conceitos e explicaram sua visão sobre eles, particularmente quanto à “imparcialidade”. A necessidade de tecer essas considerações



aponta que simplesmente atribuir uma baixa importância aos conceitos ou não era uma opção, ou não pareceu suficiente – afirmam que imparcialidade não existe, que esta e objetividade são conceitos impróprios, que reforçam falácias da profissão.

Houve ainda quem apontasse que, pragmaticamente, os valores se adaptam à função exercida, como a parcialidade em veículos que fazem contraponto à parcialidade anterior da mídia corporativa, ou o trabalho em assessorias e órgãos públicos, que seria “ético, apesar de não imparcial”. De uma forma geral, as respostas parecem dar conta de um contexto em que esses ideais perduram como os possíveis, ainda que sofram críticas dos jornalistas, que reagem de diferentes maneiras a uma considerável distância entre os conceitos e sua realidade profissional:

“A imparcialidade pode ser relativizada sempre que houver transparência sobre qual a intenção, opinião do interlocutor e que haja compromisso ético e com a verdade dos fatos.”

“A pergunta sobre o que é eticamente importante em relação a profissão. Todas são muito importantes, mas na maior parte das vezes não são possíveis. Não entendi o motivo da questão!”

“Parem com o mito da imparcialidade. Nem quem é dono de jornal consegue ser totalmente imparcial. PAREM com isso!”

Também interessante notar as leituras sobre pluralidade, relacionadas ao contexto político e social atual:

“A questão da pluralidade é perigosa. Concordo que opiniões diversas precisam ser ouvidas. Mas é perigoso cair na cilada do dois ladismos e dar voz à extrema-direita.”

“Entendo que não é necessário ter ‘dois lados’ para dizer que está chovendo lá fora: basta olhar pela janela.”

Dez pessoas levantaram questões sobre assédio ou formas de discriminação. Houve quem utilizasse o espaço da questão para relatar terem sofrido ou presenciado situações de

assédio moral e/ou sexual no trabalho como jornalistas:

“Deixei a redação da grande mídia por assédio moral, sexual e por não ter liberdade de realizar meu trabalho por questões políticas dentro da empresa, inclusive anunciantes. Nunca denunciei por não encontrar amparo para minhas queixas (isso foi em 2001). De lá para cá parti para uma sucessão de trabalhos freelas em empresas pequenas sem nenhum tipo de conduta ética e nunca mais consegui portas abertas para voltar para uma grande empresa.”

“Já sofri assédio moral e sexual no trabalho, em experiências anteriores. Por parte de chefia e de entrevistados. Isso é parte do meu afastamento da imprensa e da função de repórter. Principalmente pela falta de suporte para mulheres nas empresas, no escritório ou na rua.”

“Pelas questões percebo que no meu emprego anterior vivia uma situação próxima a abuso.”

“Triste ver chefes q assediam moralmente ainda em cargos de diretoria mesmo denunciados pelo rh e com colegas sendo coniventes com isso, tds temem o desemprego ou ficarem ‘queimados’ no mercado”.

Alguns respondentes apontaram que o questionário precisa considerar mais questões específicas sobre como classe, gênero, orientação sexual e raça afetam o trabalho de jornalistas, levando em conta tanto experiências pessoais diretas quanto presenciar situações de preconceito, por exemplo:

“Ainda que genéricas muitas questões não abrangem as demandas e dificuldades que uma mulher negra vivencia, por exemplo, e que são de extrema importância serem observadas.”

“Como jornalista negro sempre fui o único pelas redações onde passei, é um sentimento horrível de não pertencimento. Sempre quis atuar na TV mas todas as portas são fechadas, acredito que a questão racial pesa muito nisso.”

“me sinto silenciada por ser mulher. me sinto silenciada por ser uma mulher no



Norte. me sinto silenciada por não preencher os padrões estéticos impostos pela sociedade.”

“Acho que vale investigar mais a experiência de grupos minorizados na profissão (mulheres, negras e negros, LGBTQIA+ etc.). o jornalismo não se difere de outros setores - as decisões invariavelmente são tomadas por homens brancos ricos de meia idade. se está ruim pra eles, imagina para os outros”.

Uma respondente sentiu falta de perguntas que levassem em conta a experiência de jornalistas mães, “que enfrentam muitas dificuldades na rotina da redação, até mesmo com falta de lugar para amamentar, além da pressão etc.”.

Foram 39 os que usaram o espaço para considerações sobre as condições de trabalho na profissão e suas consequências. Essas respostas dão concretude aos dados quantitativos do questionário, que revelam a precarização à qual a categoria é sujeitada. Diversos dos respondentes citaram, às vezes em tom de desabafo, diferentes fatores e situações que deixam seu trabalho mais difícil e que prejudicam sua saúde mental e de seus colegas. Destacam-se a sobrecarga ocasionada pelas equipes reduzidas por demissões, a exigência de multifunções sem oferecimento de tempo ou formação para exercê-las, salários baixos, poucos benefícios, excesso de horas acima da jornada, pouca ou nenhuma perspectiva de desenvolvimento e progressão, gestão ruim e pressões da empresa na execução do trabalho.

“A profissão de jornalista está em franca precarização. Quando mais funções o funcionário assume, menos excelência há no seu trabalho. Não conheço quem esteja atuando com hard News e não esteja sobrecarregado.”

“Com as mudanças nas leis trabalhistas e as novas tecnologias, o jornalista hoje precisa saber, e se dispor, a fazer de tudo: entrevistar, redigir, fotografar, editar, fazer locução, às vezes até diagramar, além de criar e cuidar das redes sociais.”

“É necessário que os chefes entendam de gestão de pessoas, a maioria trata os subordinados com muita falta de respeito, com gritos, com desconfiança. Não ser obrigado a fazer matérias tendenciosas de cunho político e religioso.”

“Trabalho com vários repórteres e repórteres cinematográficos. Todos insatisfeitos com a falta de pagamentos de horas extras, fazemos mais do que cinco horas e não recebemos. Não temos plano de carreira, enfim, muito muito desanimador o cenário. Passamos risco na rua, no carro na Br, exposição ao sol... Enfim.”

“Outra coisa que tem acontecido bastante é a demissão de jornalistas mais antigos, para contratação de pessoas recém-formadas - que aceitam ganhar um salário mais baixo e muitas vezes não têm tanta consciência de classe, submetendo-se a situações cada vez mais precarizadas.”

“Troquei de redação por conta do estresse e cansaço. Trabalhava entre 16h e 22h por dia, ganhava abaixo do piso e quase tive exaustão completa no final de 2020. Recebi suporte da chefia direta, mas não teve mudanças significativas no dia-a-dia. O aumento de salário só veio quando pedi demissão”

“Já estive em situação muito melhor, em termos financeiros e de direitos trabalhistas, mas a falta de vagas forçou a minha demissão pois tratava-se de vaga temporária, mesmo com CLT. Hoje, pejetizada, os direitos e benefícios adicionais me fazem muita falta, e meu salário é pago em atraso e parceladamente.”

A desvalorização da profissão na sociedade é relacionada pelos respondentes com a ideia de modelo de negócio e com as situações precárias na atuação dos jornalistas. O mesmo acontece com quem busca trabalhar em docência e enfrenta o contexto de muitos profissionais concorrendo por poucas vagas.

“A categoria foi muito maltratada pelas transformações que sofreu nos últimos 20 anos. A maioria dos empresários e gestores lidaram com elas precarizando a profissão, e faltou quem usasse a disrupção para construir modelos de negócio que valorizassem o papel do jornalista”

“A carreira está muito desvalorizada. Temos que desempenhar a função de vários profissionais ao mesmo tempo. Os assédios são constantes e a falta de perspectivas dá vontade de desistir. Aos 30 anos chegamos ao ápice da carreira e, na maioria dos casos, aos 45 estamos lutando para sobreviver.”



“A educação, em nosso país, está muito desvalorizada. Conseguir um bom trabalho como professora mesmo com títulos acadêmicos é muito difícil. Há muitos/as profissionais pouco valorizados.”

A precarização e a desvalorização da profissão fazem com que os profissionais enfrentem uma deterioração de sua saúde mental, sofrendo de ansiedade, estresse, depressão e *burnout*. A realização de uma atividade que traz satisfação ou propósito nem sempre seria suficiente para justificar o desgaste sofrido, e os jornalistas parecem contar com pouco apoio dos contratantes ou de instâncias coletivas (equipe, sindicatos) para melhorar a situação ou lidar com os efeitos dela.

“Condições de trabalho, falta de investimento em infraestrutura e na saúde mental dos jornalista, romantização do sofrimento excessivo, tudo isso contribui para o desgaste cotidiano da nossa profissão. Os salários não têm aumento real e as empresas não se organizam de forma eficaz para que as jornadas de trabalho respeitem a humanidade e o tempo livre do trabalhador. Na minha redação já ouvi que ‘antigamente a droga do jornalista era a cocaína, hoje em dia é o antidepressivo e o ansiolítico’. E isso é real. Desde que comecei a trabalhar na minha empresa atual, percebo que as pessoas tentam se manter na linha pela via medicamentosa enquanto a instituição finge que dá suporte, sobretudo nesse momento de pandemia e crise política/econômica.”

“É uma área que requer muita paixão para seguir e não abandonar. É preciso se reinventar. Não há apoio quando se está doente mentalmente caso tenha o azar de, apesar da graduação em Jornalismo, não saber comunicar direito o que sente ou precisa para os outros. Os colegas de profissão podem até ter empatia, mas há uma enorme sensação de que é um fracasso para os outros. E esse sentimento só piora tudo. De forma que é difícil duplamente parar o trabalho ou começá-lo quando a saúde mental pede prioridade. Ambas as opções trazem dor. Especialmente quando vê o tempo passar e as oportunidades de crescer diminuindo.”

“Estou num emprego ótimo, mas meus últimos dez anos, em outra empresa, foi de pressão, horas extras, falta de liberdade e ética nas pautas e fui demitida ao

tentar denunciar a chefia. Saí com burnout”

“Os jornalistas estão sofrendo de exaustão e depressão, além de baixos salários. É algo que ocorre há anos, mas se intensificou durante a pandemia.”

“Trabalhei na última empresa por quase 2 anos, fui demitida em fevereiro de 2021 após reivindicar direitos legítimos de jornalista. Tenho um processo trabalhista em curso, fiquei meses desempregada e tendo que arcar com um tratamento de burnout antidepressivos psiquiatra e psicólogo com seguro desemprego.”

O contexto de pandemia da Covid-19 intensifica as dificuldades, adicionando à precarização já existente efeitos psicológicos devidos às pressões comuns do trabalho combinadas ao luto e ao excesso de trabalho decorrente de colegas se demitindo ou sendo demitidos, com pouco ou nenhum apoio das empresas. O regime de *home office* é colocado como positivo desde que haja controle para que o trabalho não invada o espaço da vida – o que nem sempre é uma realidade, como se constatou em muitos casos ao longo da experiência da pandemia.

“A pandemia de covid-19 ainda nos causa traumas e dores, principalmente, de quem está em redações onde houve contaminação em massa, como é o meu caso, com a perda de colegas e sem que a equipe tivesse, ao menos, apoio psicológico para lidar com o momento. Cansados, stressados e desmotivados, vimos colegas partir e o trabalho mais que dobrar. Trabalhamos em carga horária excessiva, com acúmulo de funções que incluem, até, virar motorista da empresa.”

“A pandemia remodelou a forma de trabalhar de muitos jornalistas, mas nem sempre para melhor. O home office, por exemplo, pode ser danoso se não houver a devida separação entre trabalho e vida doméstica.”

“É exaustivo ser jornalista em períodos normais, pior ainda noticiando esse governo e cobrindo pandemia. Devia ser, pelo menos, proibido em todas as circunstâncias a realização de hora extra acima de 2h/dia.”



“Gosto muito do que faço, mas a intensidade do ritmo da redação tem me consumido nos últimos tempos. O que tem ajudado é o home office, mas temo ter que voltar ao trabalho 100% presencial em breve (e aí pode ser que eu precise mudar de emprego porque não sei se darei conta de conciliar com a vida de mãe de duas crianças pequenas). Seria uma pena porque eu realmente gosto do que faço, mas está difícil ter energia para tantas demandas urgentes.”

“No momento estou em home office em função da pandemia. Em função disso, por um lado está mais tranquilo de trabalho, mas por outro não tem definição clara de horário de expediente. Parece, para os meus supervisores, que estou à disposição 24h por dia.”

A deterioração do trabalho em mídia e a diminuição de vagas nesse setor levam profissionais a encontrar melhores condições, mais autonomia e perspectivas de desenvolvimento em iniciativas jornalísticas independentes, trabalhando para o estado, para sindicatos, como autônomos ou em áreas fora da mídia, como assessoria e marketing digital. Alguns profissionais relatam uma diferença marcante de qualidade de vida entre trabalho em redação tradicional e esses outros caminhos de carreira.

“(...) o jornalista autônomo, que se cansou de estar em um ambiente de trabalho ruim, de ser desvalorizado, de ver sua saúde prejudicada e tantas outras coisas e resolveu seguir sua carreira solo para ter qualidade de vida e valorização profissional (...)”

“Depois de 20 anos em redações de jornais tradicionais, estou em um veículo nativo digital com condições de trabalho, infraestrutura e remuneração infinitamente melhores do que nos outros empregos. Por isso meu grau de satisfação hoje é bem diferente do que seria se esse questionário tivesse sido respondido antes de abril de 2021.”

“Em uma profissão em crise salarial, antes mesmo de crise financeira e reforma trabalhista, a atuação como jornalista em uma associação de classe tornou-se um

caminho inesperado e, para mim, essencial atualmente. Tenho baixo índice de estresse no trabalho (...)."

"Minha situação agora está ótima, mas se eu respondesse esse questionário em qualquer momento antes do começo deste ano (quando trabalhava em redação), as respostas seriam completamente diferentes. Ano passado principalmente foi muito difícil, estressante e tive episódios de ansiedade, alergia causada por estresse e crises de choro. Os últimos anos em redação foram muito complicados."

"Quero esclarecer que trabalhei num jornal local por 33 anos. Salário sempre achatado, carga horária pesada e muita pressão de horário. Agora, trabalho como freelancer para um site. Redijo as reportagens que quero fazer."

"Respondendo à pesquisa me senti privilegiada por trabalhar em um lugar com ambiente saudável, no qual me sinto realizada profissional, financeira e pessoalmente. Sei que, de modo geral, o jornalismo não é dessa forma e agradeço por, apesar de não atuar diretamente na área (estou na área de Comunicação & Marketing de uma empresa de tecnologia), estar me sentindo bem."

"Se estivesse trabalhando atualmente em redação minhas respostas seriam bem piores. A redação me adoeceu, e apesar de gostar do jornalismo estou cada vez mais querendo me distanciar dele. Tomo remédio para ansiedade até hoje, rs"

"Já atuei como jornalista nas esferas privada, terceiro setor e pública. Sinto-me bastante realizada no serviço público federal, ainda mais por atuar em uma instituição que promove a educação pública, gratuita e de qualidade. Sempre alerta/indico aos colegas que façam concurso público."

Dos respondentes dessa seção, 49 teceram comentários mais gerais sobre o estado da profissão no contexto atual. Os respondentes demonstraram frustração e preocupação com o lugar da profissão na sociedade hoje, evidenciando uma percepção de que o respeito e valorização da atividade pioraram muito nos últimos anos (levando também à deterioração das condições de trabalho). A essa preocupação adicionam-se questões relativas ao apagamento de fronteiras da profissão, tanto no sentido de quem pode exercê-la, quanto da



mudança nas funções esperadas dos profissionais. Alguns então levantam as necessidades de: exigência de diploma para atuação como jornalista; existência de um órgão regulador ou alguma forma de sanção e controle de ética profissional; e apoio para formação continuada / atualização.

"Atuo há 14 anos no jornalismo e a desvalorização tem aumentado a cada dia. Infelizmente, todo mundo "se acha" jornalista e capaz de produzir informação. Até mesmo profissionais graduados estão deixando de exercer o verdadeiro jornalismo."

"(...) o quanto os influenciadores digitais atrapalham com informações equivocadas o dia a dia do jornalismo online."

"Precisamos de uma mudança radical na valorização do profissional. TODOS os demais profissionais querem opinar, sugerir e alterar o trabalho de um jornalista. Ninguém diz ao médico como operar. Todos querem dizer ao jornalista como escrever, como pensar, etc."

"(...) creio ser extremamente necessário a existência de um "órgão controlador da categoria", como existem nas demais, com o objetivo claro de fiscalizar e punir as más condutas jornalísticas (...)"

"Há um crescente sentimento de falta de credibilidade na profissão. A ausência de legislação, de exigência de diploma, de Conselho Federal, de mobilização para que tudo que foi perdido na profissão seja recuperado só contribui para um ciclo de desesperança."

"Referente à ética jornalística: Acho que o problema não é o código, mas sim a postura das pessoas e empresas em relação ao código e - principalmente - a falta de aplicação de sanções a quem fere o código de ética. Sou assessora, diversos colegas agem de forma antiética, mas vou reclamar pra quem? Quem vai punir esses comportamentos?"

“Faltam cursos e orientação para os profissionais se manterem atualizados, principalmente com o cenário profissional mudando tão frequentemente com o avanço do uso das mídias sociais para a divulgação de informação ou como meio de se informar. Os cursos existentes são caros ou muito restritos.”

“São muitas mudanças, atualizações e exigências na profissão, mas não é oferecida capacitação, é o profissional que tem de correr atrás do prejuízo para não perder o emprego. Estamos em uma maratona sem treinamento. E uma hora a conta vai chegar para esta categoria.”

As críticas às pressões no exercício do jornalismo, como a influência dos poderes financeiro e político, as tentativas de censura e a restrição de liberdade de atuação no geral, apontam esses fatores como sempre presentes, porém piores agora. Os perpetuadores dessas situações podem ser o estado, os donos das empresas ou o próprio público. São feitas considerações sobre as consequências negativas do trabalho jornalístico no contexto de empresas de mídia, e sobre como seriam necessárias formas alternativas de financiamento para garantir a produção de um bom jornalismo.

“Atualmente praticamente não há liberdade plena de imprensa no Brasil. Jornalistas atuam com medo e de todos os lados buscam censurar seu trabalho, desde governantes até mesmo o próprio público. Com quase 20 anos de profissão, sinto que atualmente é o momento em que o jornalismo é menos livre desde que comecei minha atuação.”

“Como Jornalista, frequentemente temos a liberdade de expressão ameaçada pelo estado.”

“O país atravessa um momento nefasto e o principal motor disso foram (e são) os grandes meios de comunicação, em nome de uma ética que não existe e jamais existiu.”

“Em relação à ética, a quebra geralmente vem de cima. O jornalista pode ser ético, mas a empresa dribla para aumentar o capital.”



“Fico absolutamente triste com a desvalorização do trabalho em comunicação no geral (jornalismo, redes sociais, assessoria...). Muitos querem o serviço, mas poucos estão dispostos a pagar um preço digno. Precisamos ter várias fontes de renda para suprir nossas necessidades financeiras. Isso impacta na qualidade de vida e do próprio trabalho.”

“Precisamos de fontes de financiamento para o jornalismo de qualidade e de acabar com a casa da mãe joana das empresas jornalísticas, que, quando é do seu interesse, distorcem a verdade.”

Os respondentes comentam que a falta de vagas e de condições decentes leva profissionais para longe das redações, mas também destacam a importância do jornalismo e de seus valores para a sociedade – até mesmo indicando que é isso que faz o trabalho “valer a pena”. Diante de uma categoria tão diversa em termos de atuação profissional, há quem chame a atenção para a necessidade de reconhecimento dos pares e união para a busca por melhores condições.

“Gostaria de acrescentar que a escassez de iniciativas e empresas jornalistas obriga muitos profissionais a trabalharem com marketing.”

“Só tendo muito amor pelo jornalismo para seguir, mas isso impõe sofrimento. É desanimador viver assim. O jeito pra se ter estabilidade é sair da reportagem para a docência com concurso público. Muito triste isso.”

“Os maiores contratantes de jornalistas não são mais os publishers, o que melhora muito as condições de trabalho, mas prejudica a força da imprensa em si. Empresas mais jovens, ligadas à tecnologia, contratam ‘analistas de conteúdo’. Pagam melhor, oferecem benefícios muito melhores, excelentes condições de trabalho... de novo, perde a imprensa”

“Apesar de todas as questões de desrespeito apontadas e bem identificadas na pesquisa, ser jornalista vale muito a pena!!! É um trabalho lindo e socialmente necessário, especialmente em tempos de obscurantismo.”

“Minha atuação hoje é diferente de quando era repórter. Ser Mei me permite maior liberdade, porém não menos tempo de dedicação ao trabalho e me parece que há um abismo, inclusive de respeito e consideração, entre jornalista de mídias e jornalista autônomo. Sinto falta de mais espaços para discussões sobre a relação e como melhorar entre novas e antigas funções da profissão.”

“Seria uma mudança significativa se os jornalistas se interessassem em ser mais agregadores e corporativistas para defender com legitimidade a profissão, criar a chance do jornalismo e o jornalista serem respeitados e considerados pares da sociedade e não páreas.”

“O jornalista que é assessor de imprensa precisa de uma valorização.”

Dois comentaram sobre o trabalho com docência. Para estes respondentes, a docência em si é uma boa atividade, dificultada por: individualismo e vaidade de colegas e gestores; assédio moral; sobrecarga de trabalho (“achei que ia me livrar de trabalhar no fim de semana virando professora, haha”); pressão de métricas de produtividade; e o medo de retaliação por declarações em sala de aula (“Desde a eleição de Bolsonaro tenho medo que minhas declarações em sala de aula possam ser usadas pela instituição contra mim. Faço as críticas necessárias, mas sei que corro algum risco”).

Onze fizeram considerações sobre a atuação de sindicatos. Com relação aos sindicatos da categoria, as críticas apontam desconhecimento sobre seu funcionamento (“Conheço mas não conheço o Sindicato dos Jornalistas”) e frustração ou desconfiança quanto à sua inércia e representatividade:

“Acho que falta atuação do sindicato em todas as áreas que ele promete cobertura”

“O sindicato não se aproxima, defendendo que os funcionários é que devem procurá-lo para fazer queixas. As pessoas sofrem caladas e com medo de se comunicarem e perderem o emprego.”



“Os sindicatos estão perdidos”

“Sindicato em Florianópolis nunca sequer fez uma visita a redação de trabalho, já pensei até em pedir apoio de sindicatos de outros estados. Aqui o sindicato é patronal, trabalha em função dos patrões e não sabe nem a condição atual de seus ‘filiados’. Uma vergonha. Horas extras, carga horário errada, salário abaixo do piso, função abaixo da exercida, carga horária maior, etc. Uma pequena fiscalização (se existisse) bastaria para organizar um pouco a situação. Atualmente, um caos.”

“Os sindicatos parecem estar ligados as empresas.”

“Falta da parte dos sindicatos, associações e lideranças da classe a defesa da liberdade dos jornalistas que não são da esquerda ou de centro. Eles são abandonados pela classe que deveria defender a liberdade de expressão e imprensa.”

Há a afirmação de que sua atuação efetiva seria importante para a conquista de credibilidade e melhores condições de trabalho para a categoria, porém sua capacidade de mobilização esbarraria em questões relativas à própria definição desta, como a integração de jornalistas que trabalham em assessoria em órgãos públicos e na iniciativa privada (“Essa dicotomia enfraquece a profissão e estabelece, de forma indevida, distinções entre profissionais juridicamente iguais.”) ou daqueles que têm formatos de trabalho menos convencionais (“Nós que somos MEI é meio ‘cada um por si e deus contra todos’. Nem sei se como MEI posso entrar em um sindicato.”).

Além da atuação usual de defesa de direitos, é também sugerido um esforço para auxiliar os profissionais da área nas constantes e rápidas mudanças nas habilidades que são esperadas e exigidas deles:

“Acredito que o sindicato dos jornalistas poderia incentivar mais a realização de aprimoramento profissional, conhecimento do Código de Ética e formações gratuitas, além de incidir de forma mais incisiva na discussão curricular das universidades.”

Com base nessa análise, e como forma de síntese, podemos destacar os seguintes pontos:

a) A pesquisa parece ter fomentado a reflexão dos jornalistas, que fizeram considerações sobre o estado de desvalorização da profissão, a precarização, a falta de desenvolvimento e progressão de carreira e a sua experiência pessoal nesse contexto;

b) Há um sentido de desabafo em muitas respostas, em que se fala sobre deterioração de saúde mental, desesperança e falta de perspectiva;

c) Alguns apontaram que o questionário não contempla esquemas menos tradicionais / convencionais de emprego e trabalho como jornalista. Sentem necessidade de explicar por escrito suas diversas funções paralelas e/ou ao longo do tempo;

d) Foi pontuada a necessidade do estudo buscar entender melhor como questões de classe, gênero, orientação sexual e raça afetam o trabalho e as oportunidades dos profissionais;

e) Aponta-se uma falta de união na categoria para lutar por melhores condições, e dificuldades impostas pela variedade de atuação que a categoria comporta (falta de reconhecimento de assessores como jornalistas, por exemplo). Aqueles que se referiram aos sindicatos indicaram que estes não ajudam muito no processo;

f) Outras questões com alguma reincidência: dificuldades na adaptação à demanda crescente de funções; frustração com apagamento de fronteiras ou deterioração de credibilidade da profissão (“todo mundo faz ou quer dizer como fazer”); dificuldades em se impor controle ou sanções no exercício do jornalismo (necessidade de exigência do diploma, órgão regulador).



8. Considerações finais

Os dados da pesquisa “Perfil dos Jornalistas Brasileiros (2021)” publicados neste relatório apontam continuidades e transformações em relação ao estudo anterior, de 2012, e que serão objeto de reflexões aprofundadas numa série de artigos científicos, livros e outras publicações que serão desenvolvidas pela equipe de investigação até 2025.

Uma das mudanças mais significativas foi o aumento na presença de pessoas negras entre jornalistas no Brasil: de 23% em 2012 para 30% em 2021; resultante, provavelmente, da combinação entre cotas nas universidades, ações por mais diversidade no mercado e autoidentificação impulsionada pelo avanço das lutas antirracistas na sociedade na última década.

Uma segunda mudança relevante é o incremento da participação de homens no mercado de trabalho, num contexto de desemprego e crise econômica. O estudo constata que jornalistas no Brasil ainda são majoritariamente mulheres (58%), brancas (68%), solteiras (53%), com até 40 anos, um perfil que mudou pouco em relação ao levantamento de nove anos antes. Contudo, se a profissão continua majoritariamente feminina, a participação de mulheres se reduziu em seis pontos em comparação ao estudo anterior (64%): a presença masculina cresceu de 36% para 42%, revertendo em parte o movimento de feminização da profissão constatado em pesquisas anteriores.

A presença de jovens (30% têm entre 18 e 30 anos, outros 30%, entre 31 e 40 anos) ainda é muito significativa, mas o estudo alcançou maior participação de trabalhadores/as acima dos 41 anos, o que favorece um retrato mais preciso da passagem do tempo na profissão e corrige viés da pesquisa anterior. Têm entre 41 e 50 anos 18% da categoria, mesmo percentual da faixa entre 51 e 64 anos. Mais de 64 anos são 5% dos jornalistas.

O jornalismo paga pouco a profissionais de formação elevada. A renda mensal de 60% dos jornalistas é inferior a R\$ 5,5 mil por mês e apenas 12% recebem acima de R\$ 11



mil. O dado contrasta com a escolaridade dos/as jornalistas brasileiros: 42,3% têm ensino superior completo, outros 28,6% fizeram especialização (pós-graduação lato sensu), além de 14,7% que têm mestrado.

Quando se mapeia a distribuição de jornalistas por tipo de atividade, os dados sugerem uma nova geografia do mercado no país. Para fins do estudo, a categoria foi dividida em três setores:

- a) na mídia (imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia, mídia independente, startup jornalística e/ou produção de conteúdo jornalístico) – 58% dos respondentes;
- b) em docência (formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento) – 7,4% dos respondentes; e
- c) fora da mídia, em outras atividades que utilizam conhecimento jornalístico (assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais ou outras ações) – 34,9% dos jornalistas.

Essa distribuição indica menor presença de jornalistas atuando fora da mídia (eram 40% no levantamento anterior); isso tanto pode indicar uma redução da autoidentificação profissional com o jornalismo de pessoas que atuam nesse segmento, como sugerir que a crise econômica posterior a 2015 levou à redução no número de organizações desse segmento. Uma terceira possibilidade é que a distinção entre mídia e fora da mídia esteja se diluindo, com maior entrelaçamento de atividades em organizações que antes operavam mais separadamente. Houve um importante crescimento dos “arranjos alternativos e independentes às corporações de mídia hegemônicas” (segundo a pesquisa “Atlas da Notícia, 2020”, entre 2019 e 2020 foram criados 1.170 novos veículos digitais de jornalismo), mas eles envolvem cerca de 10% dos profissionais que atuam em mídias.

Os dados indicam que a precarização do trabalho jornalístico avançou significativamente a partir de vários indicadores. Nos tipos de contratação, caiu o volume de vínculos CLT (de 60%, em 2012, para 45,8% no atual estudo), um provável efeito da reforma trabalhista, e as formas precárias chegam a 24% (frilas, prestação de serviços sem contrato, PJ e MEI).

Outro dado alarmante vem da jornada de trabalho: o percentual de jornalistas com carga diária superior a 8h permanece elevado (42,2%) e 3,2% dos respondentes afirmaram

trabalhar mais de 13h/dia. Considerando que 60% dos jornalistas brasileiros têm menos de 40 anos, esta é uma “bomba relógio” que certamente produzirá efeito futuro sobre a saúde laboral. Todos os indicadores de saúde confirmam a deterioração das condições de trabalho, que produzem efeitos nocivos sobre jornalistas, em especial o nível de estresse e a disseminação das formas de assédio moral. Destacamos alguns:

- a) 66,2% se sentem estressados/as no trabalho (enquanto 33,8% responderam “não”);
- b) 34,1% já foram diagnosticados/as com estresse (contra 65,9% que responderam negativamente);
- c) 20,1% já foram diagnosticados/as com algum transtorno mental relacionado ao trabalho e outros 31,4% receberam indicação para tomar antidepressivos;
- d) cerca de 20% têm diagnóstico de LER/DORT; e, por fim,
- e) 40% dos/as profissionais afirmaram já ter sofrido assédio moral e 11%, assédio sexual.

Essas são apenas algumas das informações relevantes deste estudo. Interpretar causas, correlacionar, comparar no tempo, identificar tendências: tudo isso será objeto do trabalho da equipe de pesquisa nos próximos três anos. A extensão e a complexidade da base de dados permitirão estudos aprofundados sobre temáticas até hoje pouco enfrentadas na pesquisa em jornalismo no Brasil – como as desigualdades regionais e as desigualdades de raça-cor no mercado de trabalho. A Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade dos Jornalistas (Retij), no âmbito da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), abrigará o debate sobre o tema.



Referências

ADGHIRNI, Z. L. **O jornalista: do mito ao mercado**. Florianópolis: Insular, 2017.

ALVES, G. **Dimensões da precarização do trabalho**: ensaios de Sociologia do Trabalho. Bauru: Canal 6 Editora, 2013.

ALVES, R. C. **Lições da crise americana**: jornais mingam ou desaparecem, mas novos modelos tentam salvar o jornalismo. 14º Congresso da Abraji, jun. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/39tFAYV>. Acesso em: 17 mar. 2020.

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2015.

BETHLEHEM, J. Selection Bias in Web Surveys. **International Statistical Review / Revue Internationale de Statistique**, vol. 78, no. 2, 2010, pp. 161–88. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27919830>. Acesso em: 17 mai. 2021.

BULHÕES, J.; RENAULT, D. A precarização da prática jornalística: uma revisão bibliográfica sobre o impacto das condições de trabalho na saúde e qualidade de vida do jornalista. **Parágrafo**, São Paulo, v.4, n.2, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/414>>. Acesso em 24 jul. 2018.

BURKHARDT, F. **Jornalistas free-lancers**: trabalho precário na grande imprensa da Região Metropolitana de Porto Alegre. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação



em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/8642>

CAGÉ, J. **Salvar os media**: capitalismo, financiamento participativo e democracia. Lisboa, Portugal: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2016.

CARRO, R. **Brazilian Newspapers**: the risk of becoming irrelevant. Reuters Institute for the Study of Journalism: University of Oxford, 2016.

CHARRON, J.; BONVILLE, J. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

DEJOURS, C. Análise psicodinâmica das situações de trabalho e sociologia da linguagem. In.: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, p. 245-290.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando? **Parágrafo**, v. 4, n. 2, jul/ dez, 2016. p. 7-21.

DRUCK, G. **Trabalho, precarização e resistências**: novos e velhos desafios? Caderno CRH. Salvador, v. 24, n. 01, p. 37-57, 2011.

DUBET, F. **Injustiças**: a experiência das desigualdades no trabalho. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

ESSENFELDER, R. **O editor e seus labirintos: reflexos da crise de paradigmas do jornal impresso**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012.

FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: SALTA/ATLAS, 2013.

FIGARO, R. (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA USP, 2018. E-book: <https://bit.ly/38tAJ8H>, acessado em janeiro de 2020.

FIGARO, R. (Org.). **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19**. São Paulo: ECA USP, 202. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Covid-19-segunda-fase-relat%C3%B3rio-2021-1.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

GROHMANN, R. N. **Os Discursos dos Jornalistas Freelancers sobre o trabalho: comunicação, mediações e recepção**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18082012-160234/pt-br.php>.

HERSCOVITZ, H. G.; CARDOSO, A. M. The Brazilian Journalist. In: WEAVER, D. **The global journalist: news people around the world**. Cresskill: Hampton Pres, 1998.

HERSCOVITZ, H. G. Brazilian journalists in the 21st century. In: WEAVER, David H.; VILLNAT, Lars. **The global journalists in the 21st century**. New York: Routledge, 2012, p. 365-381.

HELOANI, J. R. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. Relatório de pesquisa nº 12/2003. EAESP/FGV/NPP: São Paulo, 2003.

KIKUTI, A.; ROCHA, P. M. Mercado de trabalho e trajetória profissional de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil. In: **Anais 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi: São Paulo, 2018.

LE CAM, Florence; RUELLAN, Denis. **Émotions de journalistes**: Sel et sens du métier. Grenoble : PUG, 2017.

LELO, T. V. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas**: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional. 2019. Tese (doutorado) apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2019.

LIMA, S. P. **A precarização do trabalho e a saúde dos jornalistas brasileiros**. In Anais do III 3º Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo (MEJOR). Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2uZikQd>, acessado em 26 de julho de 2018.

MICK, J. **A precarização do trabalho dos jornalistas no Brasil**. Artigo apresentado ao 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, em 2013, em Brasília (DF). Versão revista e ampliada foi apresentada em seminário de pesquisa em Sciences Po Grenoble, em 2014.

_____. **Detalhamento metodológico da pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro”**. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2012/04/PerfilJornal_Metodologia.pdf.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MOREIRA, S. V. Country Report: Journalists in Brazil. In.: HANITZSCH, T.; HANUSCH, F. et al. **The Worlds of Journalism Study**, p. 1 - 4, 2017. Disponível em: www.worldsofjournalism.org

MÜLLER, C. A. A crise estrutural dos jornais e o surgimento das mídias digitais. Impactos sobre a produção jornalística. In.: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo e Sociedade**: teorias e metodologias. Insular: Florianópolis, 2012. pp.145-165.

NICOLETTI, J. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. Tese (doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2019.

NICOLETTI, J.; MICK, J. Influências da precarização na qualidade jornalística: construção de uma matriz de indicadores. **Revista Passagens**: revista do Programa de pós-graduação em comunicação Ufc, v. 9, p. 127-141, 2018.

PEREIRA, F. H. **As diferentes maneiras de ser jornalista**: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro. Brasília: Ed. UnB, 2020.

PONTES, F. S.; MICK, J. Crise e Mercado de Trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). **XVI Encontro Nacional da Compós, Anais**. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_72JHNDAEFV9AD5MYXI08_27_6951_26_02_2018_14_58_21.pdf Acesso em 08 jul. 2018.



PONTES, F. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-compós**, v.20, n.1, jan./abr., p.1-15, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.1310>. Acesso em 02 mai. 2018

REIMBERG, C. O. **A organização do trabalho no rádio**: reflexos para as práticas profissionais e para a saúde dos jornalistas. Revista Alterjor, ano3, v.1, p. 1-18, jan-jun, 2012.

SILVA, C. R. **Operário multimídia**: mudanças do mundo do trabalho nos jornais diários brasileiros. Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/96080>.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: UFRJ; Cortez, 1994.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2015.

STANDING, G. **O precariado**. A nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.